

BLANCA BEATRIZ DIAZ ALVA

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Blanca Beatriz Diaz Alva e aprovada pela Comissão Julgadora em 14/06/91.

x 

**DE UMA ADMINISTRAÇÃO TECNICISTA
A UMA ADMINISTRAÇÃO HUMANA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

1991



COMISSÃO JULGADORA

Handwritten signature: *Melcarvalho*

Handwritten signature: *João Morais*

Handwritten signature: *Hamilton*

BLANCA BEATRIZ DIAZ ALVA

**DE UMA ADMINISTRAÇÃO TECNICISTA
A UMA ADMINISTRAÇÃO HUMANA**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na área de Administração e Supervisão Educacional à comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Senhor Professor Doutor João Francisco Régis de Moraes

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

1991

AGRADECIMENTOS

Ao Régis de Moraes, professor e amigo por seu inestimável apoio e confiança em meu trabalho e à Lúcia, sua esposa, por sua amizade e paciência.

À Maria Eugênia, por sua amizade e desinteressado apoio na tradução deste trabalho do castelhano para o português.

Ao Carlos, meu marido, que com sua paciência soube me compreender nos momentos mais difíceis e por seu trabalho de revisão do texto.

À Eliana e a Ana Maria, grandes colaboradoras.

A meus amigos Vera e Walter que nos momentos difíceis incentivaram a continuidade deste trabalho.

Ao Sr. Luiz Blota e a dona Maria, sua esposa, pelo carinho e solidariedade de vizinhos.

Para Nadir, dona Maria, Wanda, Claudinha e Amauri pelo apoio muito valioso.

À memória de meus pais Máximo e Hilda, através deles pude compreender a grandeza do ser humano e foram os primeiros a me ensinar que o homem é digno de respeito.

Para meus irmãos: Carmem, Yolanda, Pedro, Soledad, Maria Helena e Milagritos, mesmo distantes eles foram minha grande motivação.

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho cujo título é: "De uma Administração Tecniciста a uma Administração Humana", analisa-se sob uma perspectiva antropológica e humanista, uma administração do ensino superior, onde o aspecto humano não é considerado na sua verdadeira dimensão.

Desta maneira passa-se a considerar o fenômeno burocrático como uma das características mais importantes da nossa sociedade, o qual impede que o homem como ser criador e transformador possa se realizar como pessoa humana.

O passado racionalista e a Revolução Industrial, por exemplo, são considerados como fundamento histórico do nascimento da organização empresarial cujas características são analisadas com certo detalhe.

Conclui-se com uma proposta utópica da administração do ensino universitário que é fundamentada filosoficamente.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO I:

ALGUNS PARÂMETROS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS.....	17
1. Antecedentes Históricos.....	17
1.1. Mudança de Mentalidade.....	17
1.2. Aplicação da Técnica na Organização	
Capitalista.....	31
a) Capitalismo e Revolução Industrial.....	31
b) Capitalismo e Revolução Tecnológica.....	45

CAPÍTULO II:

CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA E SEUS EFEITOS	
SOBRE O HOMEM.....	50
a) Princípio de Produtividade Máxima.....	52
b) Eficiência.....	54
c) A Burocracia: Racionalização Técnica.....	60

CAPÍTULO III:

RACIONALISMO INDUSTRIALISTA E ENSINO SUPERIOR.....	85
1. Pedagogia Tecnicista.....	87
2. Educação Burocrática.....	102

CAPÍTULO IV:

PROPOSTA ANTROPOLÓGICA PARA UMA ADMINISTRAÇÃO HUMANA: PESSOA E PENSAMENTO UTÓPICO.....	116
1. O homem Pessoa.....	122
2. Pessoa e Sociedade.....	134
3. O Homem, Ser Utópico.....	143
3.1. Funções do Pensamento Utópico.....	149
3.2. Educação, Administração e Utopia.....	152
CONCLUSÃO.....	167
BIBLIOGRAFIA.....	169

"L'effort de rejoindre l'homme en sa spécificité est aussi ancien que la culture. C'est en s'interrogeant sur soi que l'animal raisonnable assume et dépasse la nature - celle qui l'environne et celle qu'il porte en son être même".

(Edmond Barbotin. Humanité de l'homme, p.7.)

INTRODUÇÃO

Preocupada com o avanço vertiginoso da época atual, caracterizada fundamentalmente pelas transformações tecnológicas que acabam por afetar a vida da sociedade e, em consequência a vida de cada homem, me propus o caminho reflexivo e, assim, optei por um trabalho teórico, a respeito de uma das características mais marcantes de nossas sociedades: a burocracia, como racionalização técnica e sua influência sobre a Administração e a Organização do ensino.

Nesta reflexão levei em conta alguns pressupostos histórico-filosóficos, aqueles que considere os mais importantes para a compreensão da mudança de mentalidade que se produzira através de diversos acontecimentos culturais, tanto nos aspectos econômicos como nos sócio-políticos. Todos eles determinados por uma concepção eminentemente religiosa originária do pensamento medieval. Desta maneira faz-se possível compreender o surgimento de um novo período onde instaura-se o racionalismo em sentido geral, o qual propiciará à civilização ocidental os aspectos característicos da era moderna.

Desta maneira e partindo da constatação dos caminhos tomados pela Administração e Organização do ensino superior, ousei apresentar minhas idéias numa perspectiva humanista, por ser o homem o centro de nossas preocupações e, também, porque de qualquer modo o fenômeno educativo é consequência ontológica do humano enquanto tal.

E. Kant costumava dizer que um projeto para uma teoria da Educação é um magnífico ideal, e não importa, além disso, o que não se possa realizar de um modo imediato. O filósofo dizia que não há que rejeitar a idéia como se fosse uma quimera, ainda quando as dificuldades obstaculizem sua realização. (1) Se é verdade que existe um utopismo criticável, porque não passa de ser um mero sonho, a utopia, como posição contemporânea de pensamento, é um recurso que desenvolve em nós certa capacidade não só de pensar no futuro, mas de, olhando o passado, organizarmos o presente de uma maneira fecunda que nos permita atuar sobre o futuro.

É nestas idéias que me fundamento para acreditar na importância de um trabalho teórico, sobretudo nos tempos atuais donos de uma aluvião de dados não articulados sobre os negócios humanos.

Cabe mencionar que meu projeto inicial não foi este; tive que trocá-lo pelo atual já que as minhas mais sinceras inquietações me conduziram a uma reformulação do projeto inicial noutra direção, que é esta atual.

A seguir apresentarei o que poderia ser considerado como o eixo e o centro deste trabalho.

1. Focalização do Problema

O presente trabalho surgiu da necessidade de

(1) Cf. Jorge CAPELLA. Educação. Planteamientos para la formulación de una teoría. p. 53.

apresentar, para os tempos atuais, uma Administração do Ensino Superior em uma perspectiva humanista. Isto é: uma administração do ensino onde se tivesse em conta de modo mais incisivo o fator humano do que as conveniências técnicas da burocracia.

Se partimos do ponto de vista de que a educação se destina à promoção do homem, temos que considerar portanto que tal organização e administração será dirigida ao homem como uma preocupação central.

Sabemos que atualmente não existe uma organização administrativa própria da educação, ela simplesmente funciona de acordo com características de uma organização burocrática, na qual o poder e o domínio atuam de tal forma que o homem se converte em um mero "reprodutor", "prestador de serviços", na qual a habilidade e a eficiência, como forma específica de racionalidade, adquirem um alto grau de prestígio.

Neste sentido a Administração educacional, em nossos países subdesenvolvidos, é vista como uma grande empresa capitalista nem sempre bem gerida, onde procura-se formar indivíduos para uma sociedade de organizações cuja finalidade é a eficiência para o desenvolvimento econômico. Assim, o saber que é transmitido não está relacionado apenas à divisão técnica do trabalho existente na sociedade, mas também à divisão de estratificação social correspondente, de vez que destas escolas sairão os futuros burocratas, os operários, empresários, ideólogos, como também os futuros professores.

De uma maneira muito geral tomamos o exemplo do Brasil, similar ao do Perú e ao de outros países latinoamericanos, já que

todos eles tomaram como modelo a política educacional estrangeira, em algumas variantes, como é o caso da pedagogia tecnicista, cuja aplicação trouxe não pequenos impactos sobre o ensino superior.

é importante também assinalar que o problema educacional sempre esteve envolvido por fatores políticos e sócio-econômicos que, em seu afã de levar o país a um desenvolvimento econômico e tecnológico, esqueceram a finalidade básica da atividade escolar que a nosso parecer, é a educação, a qual tem como escopo alcançar o desenvolvimento mais pleno do homem.

2. Recursos Metodológicos

Partindo da constatação de que a Administração do Ensino Superior apresenta em sua organização pressupostos tomados da Administração Científica das Empresas, cujas características são próprias de um modelo organizacional tão típico de nossa sociedade tecnológica, bem como da maneira como esta encara a realidade humana, decidi realizar um trabalho teórico com o fim de refletir sobre qual teria sido a trajetória histórica da organização burocrática e como esta teria chegado até nossos dias com tanta desenvoltura e poder. Desta maneira, recorri ao passado e me deparei com questões histórico-filosóficas que, a meu parecer, precisavam ser retomadas, não tanto com uma intenção renovadora, mas de re-conhecimento de um caminho, de forma a

produzido todas as mudanças que se deram posteriormente; de forma especial, qual teria sido o real nível de preocupações dos administradores escolares.

Em todo desenvolvimento deste tema esteve sempre presente a mais primitiva razão deste trabalho: o ser humano. Ou, aceitando a forte expressão de Barbotin, "A humanidade do homem".

Aliás é o próprio Edmond Barbotin quem escreve "La pratique de la mesure nous porte à croire que grâce au diagramme ou à la statistique l'homme est enfin cerné, saisi, conquis: 'Voici l'homme!' C'est bien d'un Ecce homo qu'il s'agit, en effet. Dans ces perspectives exclusives, ce qui est retenu n'est que l'homme mesurable, c'est à - dire l'homme défiguré, tombé au - dessous de lui-même et devenu objet. Ce qui est manqué, c'est l'humanité de l'homme dans son originalité irréductible". (2)

Desta maneira, e na simplicidade de meu pensamento, estive todo o tempo tomada pela preocupação de alcançar, ainda que parcialmente, a originalidade irreduzível do ser humano.

Os recursos metodológicos que utilizei foram sendo exigidos por minha preocupação básica e ficaram a um nível de três expedientes fundamentais: a observação, a consulta bibliográfica e a reflexão pessoal. Tal simplicidade metodológica precede-se à opção feita por uma investigação teórica.

(2) Humanité de l'homme - étude de philosophie concrète, pp. 7-8.

3. Do Conteúdo dos Capítulos

Para proceder à análise da Administração Empresarial e da Administração Educacional remontei-me ao passado, assinalando, no Primeiro Capítulo alguns Parâmetros histórico-filosóficos onde considere a transformação de mentalidade que se produziu entre o Medievo e o Renascimento, surgindo aí as fases para o pensamento racionalista como o responsável pelo aparecimento da racionalidade técnica progressiva na organização do capitalismo industrial, nos diferentes períodos da Revolução Industrial.

As consequências de tal revolução foram consideradas, marcando as características mais importantes da sociedade na qual vivemos: O princípio de máxima produtividade, a eficiência e a mentalidade burocrática e os efeitos por estas produzidos no ser humano histórico. Estes aspectos foram mais propriamente estudados no segundo capítulo.

Já no Terceiro Capítulo, passamos a analisar as consequências do racionalismo industrialista no ensino, e como este é engendrado no contexto económico político e social de nossos países latinoamericanos, especialmente tratando o caso do Brasil em suas etapas de desenvolvimento do capitalismo, e na medida em que se ia tornando, o sistema escolar, burocrático, permitindo um maior controle do Estado sobre a educação, para adequá-la aos projetos desenvolvimentistas da economia nacional, descaracterizando-a, assim, como uma atividade especificamente humanizante.

Meu propósito no Quarto Capítulo foi o de tratar de abordar a essencialidade da realidade humana, para o que busquei assinalar os elementos que de fato a caracterizam. Em outras palavras, tratei de enfrentar aqui a questão mais antiga e mais nova: o que é o homem. Difícil questão e sempre necessária!

Ao estudar esta questão, cuja complexidade ninguém ignora, as exigências da reflexão filosófica nos levaram a considerar o homem integrado no contexto social. Na medida de suas limitações, este Capítulo trata de apresentar uma proposta antropológica, para que a Administração Universitária seja dirigida ao propriamente humano, como é por mim explicitado neste trecho de meu trabalho.

4. Algumas Palavras Sobre a Experiência Viva Nesta Investigação

Dando uma olhada retrospectiva a todo o período em que se gestara este trabalho, posso considerá-lo como um tempo privilegiado que me fora dado para crescer em todas as dimensões de minha existência.

Digo crescer porque tanto as boas experiências (como a alegria de estudar em outro país, a convivência com pessoas que me brindaram com sua desinteressada amizade, as novas idéias adquiridas), como também as experiências mais dolorosas: a morte de meu pai no transcurso de meus estudos, a pressão desagradável dos aspectos burocráticos, enfim tantas coisas difíceis pelas

quais passamos durante estes anos, (só Deus tem a exata dimensão do que foi vivido nesta trajetória de esforço pessoal!), tudo foi razão de crescimento - pelo amor e pela dor.

No entanto, todas estas experiências posso resumí-las como sendo a realização dos objetivos traçados, em nome dos quais tudo valeu e teve seu papel educativo.

Fácil é conscientizar-me das limitações dos resultados alcançados; mas é também muito fácil alcançar a certeza da importância desta trajetória de crescimento.

CAPÍTULO I

ALGUNS PARÂMETROS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS

"Olhando o passado, podemos observar que o jorro de invenções que marcaram "a" Revolução não foi de forma alguma a consumação de um fato histórico. Foi antes, meramente, o início de um processo de transformações tecnológicas que se aceleraria continuamente até a época atual"

(ROBERT L. HEILBRONER)

1- Antecedentes Históricos

1.1- Mudança de Mentalidade

Antes do século XV, a visão do mundo e o sistema de valores eram muito diferentes dos de hoje. Estes passaram a ser reexaminados e formulados em suas linhas essenciais durante os séculos XVI e XVII. Nesses séculos produziu-se uma mudança drástica no modo de pensar das pessoas e no modo como elas

descreviam o mundo. Esta nova mentalidade e esta nova percepção do cosmos propiciaram à nossa civilização ocidental os aspectos característicos da era moderna. (1)

Durante séculos o mundo europeu foi governado pela tradição, por uma preocupação religiosa traduzida sobretudo na salvação da alma, na busca da felicidade, no "mais além", no "outro mundo" e no contentamento da contemplação da natureza. Este aspecto é assinalado pelos filósofos como período Teocêntrico da história. Deus era considerado o centro das coisas e em torno d'Ele girarão todas as preocupações do pensamento medieval.

Existia um princípio fundamental pelo qual o homem não podia intervir na natureza, por esta ser como que "encantada", na expressão de Max Weber. "Para ele, assinala Régis de Moraes (2), a realidade dada fora estabelecida por Deus e era inteiramente sagrada. Logo, não competia ao homem pecador interferir na natureza - este devia tão somente contemplar a sábia harmonia que o Todo-Poderoso colocara no Universo"; para dar-se Ele mesmo a conhecer revelando-se nela.

Uma das características do homem medieval será um grande temor a Deus, a um Deus que era mais Lei e Justiça do que Amor (3) e ao qual se temia ofender. O conceito de pecado e de ofensa tinha um significado muito grande para o homem desse tempo. Assim, o homem comum negará tudo aquilo que possa ser ofensa ou pecado para Deus. Por exemplo, levar uma vida de luxo

(1) Cf. Fernando CAPRA, *O Ponto de Mutação*, p. 49.

(2) João Francisco RÉGIS DE MORAIS, *Filosofia da Ciência e da Tecnologia*, p. 35.

(3) *Ibid.*, p. 36.

era pecado, e luxo será aprender a ler.

A beleza do corpo não podia ser exibida, por isso era ocultada, pois os sentidos só serão para contemplar as maravilhas de Deus e não para despertar os "apetites da carne".

O autoritarismo era outra das características dessa época; consistia na aceitação cega às "autoridades", tanto assim que os textos bíblicos foram considerados fonte de autoridade científica; "as universidades - curiosamente criadas na Idade Média - cultivavam o ensino clássico, súditas, ainda do imperialismo intelectual do Mundo Antigo" (4)

Estes elementos colocaram a Idade Média, durante dez séculos, em uma situação de impedimento para novas conquistas científicas. No entanto, e graças a espíritos ávidos de novidade científica que não só desafiaram e condenaram a confiança na autoridade, mas que correndo o risco de toda repressão dedicaram grande parte de suas vidas à investigação da natureza, despertaram "Uma grande curiosidade por penetrar o conhecimento das leis da vida [fazendo] com que a Europa fosse retomando o caminho dos descobrimentos científicos no ponto em que os haviam deixado os gregos alexandrinos havia cerca de mil anos". (5)

As inovações havidas nesta época assim como a introdução de qualquer novidade se davam muito lentamente na vida real; era necessário esperar que a sociedade alcançasse o grau requerido de receptividade para que fossem aceitas. Na vida rural, os instrumentos só eram construídos para adaptar-se à

(4) Ibid., p. 36.

(5) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. *Cultura Brasileira e Educação*, p. 50 e Cf. *Filosofia da Ciência e da Tecnologia*, p. 36 e 37.

estrutura e à força do homem. O que não se dispensava era a energia muscular, assim o resultado foi a despreocupação com a fabricação de ferramentas que só passaram a ser transformadas com a utilização de fontes artificiais de energia.

Toda novidade era tratada com suspeita na medida em que constituía uma ameaça para situações adquiridas, costumes herdados e, porque não, impulsos para sonhar com outra ordem social. Assim, milhares serão as razões para bloquear as novas inovações mecânicas antes do século XVII. (6)

O que acontecia é que até certo período da Idade Média havia uma subestima pelas atividades manuais, pelo menos da parte de intelectuais e fidalgos, assim como assinala Régis de Moraes citando Lewis Mumford:

"Assim, antes mesmo do experimentalismo da ciência moderna, florescia aquilo que Lewis Mumford chamou "o Naturalismo Medieval". Algum gosto de conferir as idéias com as coisas da natureza, que já significava uma posição adversária ao racionalismo vigente até então".
(7)

Entretanto, tradição, ordem e estabilidade serão os conceitos básicos do mundo medieval que paulatinamente irão transformando-se em impulsos expansionistas (8), como veremos

(6) Cf. Letícia Bicalho CANEDO. A Revolução Industrial, p. 12.

(7) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. Filosofia da Ciência e da Tecnologia, p.55.

(8) Cf. João Francisco RÉGIS DE MORAIS. Cultura Brasileira e Educação, p. 49.

mais adiante. Podemos considerar como a primeira etapa desse processo de transição do feudalismo para o capitalismo o período do Renascimento. (9) É neste processo de transformação que será sacudida toda a estrutura econômica e social, todo um sistema de valores e maneiras de viver completamente diferentes do mundo medieval, porque como bem assinala Régis de Moraes

“... a mudança de atitude ocorrerá a partir do Renascimento, pois, ainda que esta revolução histórica tivesse muito de revalorização da Cultura Clássica Greco-Romana, sua posição ante a matéria (natureza) era de aproximação, de experimentação”. (10)

A nova concepção humanista de homem, própria do Renascimento, vem “reposicionar o homem como centro do significado histórico” (11); assim, o indivíduo passa a ter sua própria história de desenvolvimento pessoal como também a sociedade adquire o desenvolvimento de sua própria história.

Vamos constatando uma mudança de mentalidade, que somada a outros fatores tão complexos prepararão o caminho para o advento da chamada ciência experimental (12), que será o fator

(9) Para Agnes Heller o conceito de Renascimento significa “um processo social total, estendendo-se da esfera social e econômica onde a estrutura básica da sociedade foi afetada até o domínio da cultura, envolvendo a vida de todos os dias e as maneiras de pensar, as práticas morais e os ideais éticos quotidianos, as formas de consciência religiosa, a arte e a ciência. Só podemos falar de Renascimento quando todos estes aspectos surgem ligados e, num mesmo período, fundamentados em certas alterações da estrutura social e econômica” “O homem do Renascimento”, p. 16.

(10) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. Filosofia da Ciência e da Tecnologia, p.56.

(11) Ibid., p. 37.

(12) Cf. Ibid., p. 50.

principal da Revolução Industrial; como afirma Celso Furtado:

"O desenvolvimento da ciência experimental, facilitado pela secularização do saber e pela difusão dos conhecimentos que acompanham a ascensão da burguesia, atuará como um mecanismo de multiplicação, cuja significação foi apenas indireta na fase inicial, mas que se tornará decisiva em fase subsequente, abrindo o caminho à revolução tecnológica...".

(13)

O experimentalismo científico, fruto do racionalismo, junto aos descobrimentos marítimos, contribuirão em grande parte para que o homem se sinta cada vez mais "senhor" do mundo com autoridade suficiente para transformar e manipular a natureza.

"Ainda na expressão de Max Weber, a natureza fora "desencantada" com a nova atitude mental e os novos valores modernos. Agora, o ser humano deveria penetrar o íntimo do mundo natural e desvelar-lhe os "mistérios". Não mais o mundo lhe parece sagrado e intocável, mas sim uma quantidade de matéria neutra a ser explorada e manipulada". (14)

(13) Celso FURTADO. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o Desenvolvimento da América Latina*, p. 9.

(14) João Francisco RÉGIS DE MORAIS, *op. cit.*, p. 37.

Esta nova mentalidade fará com que o homem sinta cada vez mais que sua missão e destino não estão "no outro mundo", mas em tomar posição aqui na terra, e assim se lançará ao descobrimento e conquista do mundo através da ciência e da técnica. Para encontrar a felicidade aqui neste mundo porá sua confiança em um progresso sem limites, persuadido de que este resolverá todos os seus problemas que até agora o atormentavam. Assim, o homem através da ciência conhecerá a matéria e, com o auxílio da técnica, conseguirá dominá-la séculos mais tarde.

Com Galileu pode-se considerar o nascimento do experimentalismo, já que ele substitui um pensamento baseado na lógica aristotélica, puramente formal, por um pensamento baseado na experimentação, comprovando dessa maneira que certos fatos por mais lógicos que pareçam não são necessariamente verdadeiros, isto referindo-se concretamente à aceleração dos corpos na queda livre. Dessa maneira Galileu irá contra a autoridade de Aristóteles, que até então era aceita sem nenhum questionamento, para dar lugar a uma nova mentalidade, a uma nova atitude frente à realidade. (15)

"Galileu examina Aristóteles e as Escrituras Sagradas e, aceitando-os como fontes de boa filosofia e princípios de fé, contesta-os como fontes de conhecimento científico. "O novo espírito" fazia questão de ouvir "a voz dos fatos", mas ainda aqui o "velho espírito"

(15) Cf. *Ibid.*, p. 39.

pretendia fazer-se valer". (16)

Esta nova realidade foi ocasionada por mudanças revolucionárias tanto na física como na astronomia, culminado nas realizações de Copérnico, Kepler, Galileu e Newton. (17) As realizações de Copérnico com sua teoria heliocêntrica deram grande impulso à ciência, não obstante ela guardasse muito de medieval, e será só com Galileu que se considerará o surgimento de um período totalmente novo, o da modernidade. Capra expressa isso na seguinte passagem:

"O papel de Galileu na revolução científica supera largamente suas realizações no campo da astronomia, embora estas sejam mais conhecidas por causa de seu conflito com a Igreja. Galileu foi o primeiro a combinar a experimentação científica com o uso da linguagem matemática para formular as leis da natureza por ele descobertas; é portanto considerado o pai da ciência moderna". (18)

Toda a perspectiva do mundo medieval irá mudando lentamente até entrar em uma etapa da história que haverá de caracterizar-se essencialmente pelo culto à razão e pela concepção de um mundo material como se fosse uma gigantesca

(16) Fernando CAPRA, *op. cit.*, p. 49.

(17) *Ibid.*, p. 50.

(18) *Ibid.*, p. 50.

máquina, cujas ações só poderiam ser calculadas matematicamente.
(19)

A essência de todo conhecimento, para Galileu, era de caráter matemático e, como ele mesmo expressa em *Il Saggiatore*, segundo Schwartz, "O livro da natureza é escrito em caracteres matemáticos". (20) Assim, prescinde dos aspectos qualitativos do mundo já que a qualidade não é capaz de ser expressa matematicamente. Exclue, portanto, do domínio da ciência, todas as propriedades da matéria que não são mensuráveis, isto é, de caráter subjetivo, tais como a cor, sabor, odor; todas essas qualidades são secundárias e simplesmente são modos de percepção no homem e não características reais da matéria. As qualidades primárias, como forma, quantidade e movimento, são propriedades essenciais dos corpos materiais e os cientistas deveriam restringir-se ao estudo delas ao descobrir matematicamente a natureza.

"Para excitar em nós sabores, cheiros e sons, creio que nada é necessário aos corpos externos exceto formas, números e movimentos lentos ou rápidos. Penso que se ouvidos, línguas e narizes fossem retirados, as formas, os números e os movimentos permaneceriam, mas não os cheiros, os sabores ou os sons. Estes, segundo creio, não são mais que nomes quando

(19) Cf. *Ibid.*, p. 50.

(20) Eugene SCHWARTZ. *A Inflação da Técnica*, p. 32.

separados dos seres vivos". (21)

Ao ressaltar as propriedades quantificáveis da matéria, Galileu, além de conduzir toda a humanidade a um grande avanço científico, nos levou também a uma perda da "sensibilidade estética e ética, os valores, a qualidade, a forma; todos os sentimentos, motivos, intenções, a alma, a consciência, o espírito. A experiência como tal foi expulsa do domínio do discurso científico". (22) Este é o problema que atualmente enfrenta o homem e a ciência.

A ciência começa rechaçando tudo o que não era e não podia ser medido, aceitando como real só aquilo que fosse suscetível de cálculo, separando radicalmente o mundo físico do mundo real. "Com Galileu, assinala Schwartz, foi estabelecida uma separação nítida entre filosofia natural e a moral". (23) Tampouco o homem tem lugar nesta concepção, já que ele se caracteriza por aspectos qualitativos que não podem ser reduzidos a quantidades e também porque o mundo em seu mecanismo universal não tem necessidade dele para seu funcionamento.

Assim, Rubem Alves, citando Schumacher assinala que hoje em dia,

"A condição da humanidade se deriva diretamente do 'domínio da quantidade'; do materialismo, do culto do "produto interno

(21) Ibid., p. 33.

(22) Fernando CAPRA, op. cit., p. 51.

(23) Eugene SCHWARTZ, op. cit., p. 33.

bruto", da aceitação do dinheiro e da aquisição como fins em si mesmos - em outras palavras, do fato de considerarmos a quantidade como fundamental e primordial, enquanto que os aspectos qualitativos da vida não merecem sequer ser levados em consideração". (24)

Este novo método de investigação da ciência do século XVII foi defendido vigorosamente por Francis Bacon, que atacando as escolas tradicionais de pensamento, desenvolveu um verdadeiro entusiasmo pela experimentação científica ao unir a descrição matemática da natureza com o método analítico de raciocínio (indução), já concebido por Descartes. (25)

Em Bacon podemos encontrar reunidas todas as características do que Oswald Spengler, citado por Régis de Moraes (26), chama de "alma faustiana", próprio de um espírito cheio de inquietações científicas, espírito que se encontrará já no século XII, no entanto "os tempos ainda não estavam maduros, isto é, a convergência dos fatores históricos ainda não se dera, para que o discurso do século XII lograsse alcançar as ressonâncias do discurso de Francis Bacon. Mesmo o experimentalismo científico já vinha discretamente em curso, como na atividade do monge Roger Bacon e na de outros poucos. O

(24) Rubem ALVES, *A Gestação do futuro*, p. 31.

(25) Cf. Fernando CAPRA, *op. cit.*, p. 50.

(26) João Francisco RÉGIS DE MORAIS *Cultura Brasileira e Educação*, p. 52.

"Renascimento" do século XIV tem, entretanto, os alicerces históricos capazes de sustentar a grande virada de mentalidade...". (27)

"Alma faustiana", é a aspiração do infinito, de superar as barreiras sensíveis e ficar aberto ao espaço sem limites que atrai e chama, essa é a paixão do espírito faustiano. (28) Assim, vemos que em Bacon se consolida essa "alma faustiana", quer dizer, "a fome horizontal do saber, o anseio de desvendar os mistérios de um universo no qual os homens viviam e do qual pouquíssimo conhecimento tinham". (29)

Já no século XV vemos que a Europa Ocidental estava totalmente embriagada por um espírito de aventura e de inquietação expansionista, que embora já existisse no espírito das Cruzadas, reaparecerá agora com novos impulsos de aventura e de conquista pela fascinante idéia dos descobrimentos de um novo mundo.

Junto a esta perspectiva de expansionismo e de aventura junta-se outra à qual poucos homens daquele tempo escaparão: a ambição pelo poder. E é lógico entender que esses homens estimulados cada vez mais por vencer os desafios e fascinados pelos êxitos obtidos em cada viagem de conquista, quisessem renunciar a isso, pois no regresso de cada viagem os navios vinham carregados, tanto de escravos como de metais como ouro, prata, e as desconhecidas espécies como o cravo, a canela etc., trazidos do Peru, México, Colombia etc.

(27) Ibid., p. 53.

(28) Ibid., p. 52.

(29) Ibid., p. 52.

Também cabe mencionar que as Cruzadas trouxeram para o mundo europeu uma fecunda experiência, assinala Heilbroner, e acrescenta que "a velha base latifundiária da "riqueza" entrou em contato com uma nova monetária que se mostrava muito mais poderosa. Como meio de sacudir de sua rotina uma sociedade apática, as Cruzadas desempenharam importante papel na aceleração das transformações econômicas da Europa". (30)

Assim, as Cruzadas trouxeram como consequência, para o futuro econômico europeu, a revolução comercial. Esta será o ponto de partida para as rápidas e decisivas mudanças na sociedade medieval, que apresentava uma economia semi-estática sendo substituída por um capitalismo ativo dominado por comerciantes banqueiros e armadores. (31)

Este período da revolução comercial trará consigo inumeráveis inovações mecânicas, tais como a "invenção do relógio de pêndulo, do termômetro, da bomba aspirante, da roda de fiar e do tear para tecer meias, sem falar dos melhoramentos introduzidos na técnica de fundir minérios e na obtenção do bronze". (32) Estas e outras invenções farão necessária a adoção de métodos fabris.

Mencionamos estes melhoramentos técnicos iniciais porque nos servirão para considerar que as maravilhosas invenções do século XVIII não nasceram da noite para o dia mas que foram lenta e pacientemente se aperfeiçoando. E assim, a Revolução Comercial deu impulso a uma classe de capitalistas que procuravam

(30) Robert L. HEILBRONER, *A formação da sociedade da economia*, p. 71.

(31) Cf. Edward BURNS, *História da Civilização Occidental*, p. 661.

(32) *Ibid.*, p. 662.

constantemente novas oportunidades de investir seu excesso de riqueza, já que as oportunidades nos diferentes campos de investimento, como o empreendimento da mineração, especulações bancárias, ou nas construções navais, se tornaram bastante limitadas tendo como consequência grande disponibilidade de capitais para o desenvolvimento das manufaturas. Tudo isto devido a um esforço para descobrir cada vez mais produtos industriais.

Burns opina que tal procura se deveu, em grande parte, à fundação dos impérios coloniais e ao acentuado crescimento da população européia. Recordemos também que um dos objetivos primários da aquisição de colônias foi encontrar novos mercados para os produtos manufaturados na metrópole. (33) E se a Revolução Comercial estimulou o crescimento das manufaturas, se deveu à sua doutrina básica do mercantilismo. "A política mercantilista visava, entre outras coisas, aumentar a quantidade de artigos manufaturados disponíveis para a exportação a fim de garantir uma balança de comércio favorável". (34)

Será então com a necessidade de melhoramentos mecânicos, fundamentais em certas indústrias, que começará a Revolução Industrial na Inglaterra, país que mais lucrou com a Revolução Comercial.

(33) Ibid., p. 663.

(34) Ibid., p. 663.

1.2. Aplicação da Técnica na Organização Capitalista

a) Capitalismo e Revolução Industrial

Com a revolução Industrial muda a cultura, mudam a vida e as relações humanas, muda também a forma de transformar a natureza.

A destruição progressiva do Feudalismo e sua substituição pelo Capitalismo, como moderna sociedade de classes em oposição, implicou também uma impressionante explosão do conhecimento e de suas aplicações práticas.

O Capitalismo herda as contribuições científicas e técnicas anteriores, e as multiplica a partir da Revolução Industrial, subordinando definitivamente a técnica à ciência, tentando expulsar as bases de senso comum da experiência acumulada nas fronteiras do sistema.

Marx descreve este espetacular salto da humanidade como expressão do potencial que o trabalho humano tem:

"A burguesia, durante seu domínio de classe, de apenas cem anos, criou forças produtivas mais numerosas e mais colossais que todas as gerações passadas, em seu conjunto. A subjugação das forças da natureza, as máquinas, a aplicação da química à indústria e

à agricultura, a navegação a vapor, as estradas de ferro, o telégrafo elétrico, a exploração de continentes inteiros, a canalização de rios, populações inteiras brotando da terra como por encanto - que século anterior teria suspeitado que semelhantes forças produtivas estivessem adormecidas no seio do trabalho social? (35)

O advento da máquina, além de provocar sucessivas ondas de progresso técnico e avanço tecnológico, traz consigo a destruição das estruturas tradicionais da vida rural, permitindo a mobilização da mão de obra agrícola para os grandes centros industriais e urbanos, onde se concentra o desenvolvimento técnico e onde a classe dominante, isto é, a burguesia, se dirige, ao descobrir a rentabilidade que a tecnologia lhe daria. Neste sentido, o progresso técnico se converte, em grande parte, em "função do dinheiro burguês". (36)

"O artesanato e a sua pequena oficina patronal desapareceram para dar lugar ao operário e às fábricas e às usinas, baseadas na divisão do trabalho. Surgem novas indústrias em detrimento da atividade rural. A migração de massas humanas das áreas agrícolas para as

(35) Karl MARX e Friedrich ENGELS. Manifesto do Partido Comunista, p. 80 e 81.

(36) Cf. Jacques ELLUL. A técnica e o Desafio do Século, p. 3.

proximidades das fábricas provoca o crescimento das populações urbanas". (37)

O caráter da ciência também muda e se explica em sua relação com o poder:

"La burguesía en Francia e Inglaterra, había conquistado el poder político. Desde ese momento la lucha de clases, tanto en lo práctico como en lo teórico vistió formas cada vez más acentuadas y amenazadoras.

Las campanas tocaron a muerte por la economía burguesa científica. Ya no se trataba de si este o aquel teorema era verdadero sino de si al capital le resultaría útil o perjudicial, cómodo o incómodo, de si contravenía o no las ordenanzas policiales. Los espadachines a sueldos sustituyeron a la investigación desinteresada y la mala conciencia y las ruinas intenciones de la apologética ocuparon el sitio de la investigación científica sin prejuicios". (38)

Neste sentido, se pode ver que a técnica aparece como o motor e o fundamento da economia. Historicamente, a revolução

(37) Idalberto CHIAVENATO. Teoria Geral da Administração, p. 27.

(38) Karl MARX. El Capital. Epílogo à segunda edição, p. 14.

tecnológica coincide com o advento do capitalismo e a ascensão da burguesia ao poder político. Por isto, o capitalismo pode ser considerado como a força propulsora do progresso técnico, na medida em que esse progresso corresponde às expectativas burguesas de lucro e de enriquecimento.

Sem dúvida, o emprego da máquina na produção industrial, em sua primeira fase, não levou imediatamente ao emprego de métodos racionais na organização e execução do trabalho. Esta tarefa caberia depois aos representantes da Escola Científica, já nos começos do século XX usando métodos científicos na Organização das Empresas.

“Assim, a Revolução Industrial, embora tenha provocado uma profunda modificação na estrutura empresarial e econômica da época, não chegou a influenciar diretamente os princípios de administração das empresas então utilizados. Os dirigentes de empresas simplesmente trataram de cuidar como podiam ou sabiam das demandas de uma economia em rápida expansão e carente de especialização... alguns empresários baseavam as suas decisões tendo por modelos as organizações militares, ou eclesiásticas bem-sucedidas nos séculos anteriores”. (39)

(39) Idalberto CHIAVENATO, *op. cit.*, p. 31.

O fato da utilização dos métodos racionais na organização significa, para Jacques Ellul, a aplicação da técnica aos diversos aspectos da vida do homem, dirigida para a eficiência como um fim supremo. (40) Porque por mais primitivo que seja um trabalho sempre existe a preocupação de como fazê-lo melhor, isto é, existe o afã de utilizar os meios, de tal maneira que sejam os mais eficazes, custe o que custar, com o único propósito de que o produto final seja um êxito. Ellul manifesta isso da seguinte maneira:

"... aquilo [que] se chama de organização não passa de aplicação da técnica à vida econômica, social, e administrativa. Se organizar corresponde a racionalizar, isto é, a promover a adequação mais perfeita possível entre meios e fins, e se racionalizar equivale a tecnificar, devemos concluir que o que chamamos de organização coincide exatamente com o que poderíamos chamar de tecnificação". (41)

Para Régis de Moraes é muito lamentável que:

"a ciência se haja transformado em uma função explorável economicamente, e que a técnica se

(40) Cf. João Francisco RÉGIS DE MORAIS. *op. cit.*, p. 102.

(41) Jacques ELLUL. *op. cit.*, p. 14.

haja feito tecnologia a partir do momento em que foi subvertida pelos interesses econômicos industriais. De modo que a tecnologia apresenta hoje uma gama de "utilidades", que não estavam previstas em sua função manifesta". (42)

As empresas modernas estão indissoluvelmente ligadas à Revolução Industrial cujas bases estão na acumulação primitiva de capital nos centros metropolitanos. Tal acumulação foi possível, explica Prestes Motta (43), graças a uma série de fatores entre os quais não se pode deixar de mencionar o comércio internacional desenvolvido pelas grandes companhias do período mercantilista.

A figura do capitalismo alterou profundamente a organização social do trabalho, que começou a passar por grandes transformações.

Seguindo a grandes passos a história, podemos perceber as diferenças entre as organizações do trabalho nas corporações pré-capitalistas e nas organizações de trabalho da empresa moderna. Primeiramente o produtor não vendia seu trabalho mas sim seu produto, e ele mesmo controlava o processo de trabalho e o produto, não existindo separação entre capital e trabalho como encontraremos nas empresas modernas, característica típica do capitalismo. Além dessa primeira diferença vemos que a hierarquia

(42) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. op. cit., p. 103. O autor usa o conceito de função manifesta de um empreendimento para assinalar a anterioridade do pensamento e sua clareza na explicitação. "Até os nossos dias, a função manifesta da técnica é a de tornar mais amena a sobrevivência do homem, portanto, manifestamente os técnicos ainda buscam, talvez, a humanização da natureza".

(43) Fernando Prestes MOTTA. O que é Burocracia?, p. 34.

não era piramidal, outra das características típicas das empresas modernas. Todo aprendiz podia aspirar e chegar à condição de mestre. Outro aspecto importante é a inexistência de um intermediário entre o produtor e o mercado.

Na realidade, o capitalismo como modo específico de produção, nasce no sistema domiciliar (44), o qual se baseava na distribuição de matérias primas aos artesãos, os quais vendiam um produto final. Neste sistema domiciliar podemos considerar que já existia a divisão de trabalho em parcelas, dando ao operário um maior desenvolvimento individual em sua tarefa e no domínio de uma parte insignificante do processo de produção.

Todos os trabalhos isolados dos produtores eram coordenados pelo capitalista, que recebia o lucro das vendas das grandes quantidades de produto no mercado. Assim o controle do produto passou do produtor que vende seu trabalho ao capitalista.

Com o afã de aumentar o ganho, os capitalistas se dão conta que é melhor substituir o sistema domiciliar pelo sistema fabril. As fábricas representariam as fontes de energia e superioridade na técnica. Assim é que com a fábrica se solidifica o sistema capitalista, fundamentalmente apoiado na hierarquização de seus membros, orientada para o controle, vigilância e disciplina, garantindo a submissão dos operários. Esta hierarquização da fábrica traz consigo a divisão entre os que a planificam e os que a executam, entre dirigentes e dirigidos. Já

(44) Sistema domiciliar: a unidade industrial típica era a do artesão independente, possuidor de sua oficina e de seus utensílios de trabalho. Contava com o auxílio de aprendizes sob a direção do chefe de família. Todos viviam em uma mesma casa participando da vida do patrão até adquirir o grau de mestre. Os trabalhadores organizavam-se de forma hierárquica, indo do aprendiz ao mestre, em vários níveis, até alcançar o de chefe. Cf. Letícia Bicalho CANEDO. *A Revolução Industrial op. cit.*, p. 16.

existe portanto uma burocracia, isto é, um conjunto de funcionários cujo papel é o controle e a administração da empresa.

Como é óbvio notar, o estudo da racionalidade burocrática está interligado com o estudo do desenvolvimento histórico da racionalidade capitalista.

"A cooperação da indústria realiza a subordinação técnica do trabalhador de maneira absolutamente clara. O trabalho foi transferido para a máquina, fazendo com que o trabalhador perdesse o controle mesmo sobre operações específicas. Ocorre, de acréscimo, que a introdução das máquinas significa maior subordinação do trabalhador à autoridade no interior da empresa, já que as decisões que tomava com relação ao seu trabalho são agora tomadas pela direção".(45)

Assim, Maria de Fátima Costa Félix afirma na seguinte passagem que:

"Alguns princípios, como racionalização, produtividade, especialização, controle, constituem os fundamentos teóricos da prática da administração orientada para garantir a

(45) Ibid., p. 22.

divisão do trabalho e o seu controle em todos os níveis de organização da empresa, desde o planejamento do processo de produção até a sua execução". (46)

Ainda que seja certo que a utilização das máquinas no sistema fabril intensifique o caráter social do trabalho, também é certo que o uso capitalista das máquinas leva a uma direção autoritária, à regulamentação administrativa sobre o operário, tendo em vista a extorsão da mais valia pelos membros do quadro administrativo, executivo, diretores, supervisores, capatazes. (47)

"Na cooperação da indústria, os trabalhadores são estritamente vigiados no seu ritmo de trabalho, na sua interdependência e em todos os aspectos de seu comportamento. Existe, portanto, todo um comportamento social que é imposto pela máquina" (48)

Além disso, Chiavenato expressa que:

"Os patrões conseguem fazer passar por simples regulamentação social o que na realidade é o seu código autoritário. Direção autoritária é

(46) Maria de Fátima COSTA FÉLIX. *Administração Escolar: Um Problema Educativo ou Empresarial?*, p. 35.

(47) Cf. Idalberto CHIAVENATO, *op. cit.*, p. 31.

(48) Fernando Prestes NOTTA, *op. cit.*, p. 22.

objetivo capitalista que, pela chamada "racionalização do trabalho" e controle do comportamento do operário, define as garantias da cooperação" (49)

O desenvolvimento de novas formas de organização, que fortalecendo-se cada vez mais com as firmas de sócios solidários, formas típicas de organização comercial cujo capital provinha dos lucros obtidos da indústria e que tomavam parte ativa na direção de negócios, deram lugar ao chamado capitalismo financeiro.(50)

Como podemos constatar, da calma produção do artesão, em que os operários eram organizados em corporações de ofício regidas por estatutos, onde todos se conheciam, onde o aprendiz para passar a artesão ou mestre tinha que produzir uma obra perfeita diante de jurados que eram as autoridades da corporação, o homem passou rapidamente para o regime da produção feita através de máquinas dentro de grandes fábricas.(51)

A preocupação em aumentar a eficiência da indústria inicialmente através da racionalização do trabalho e o crescimento acelerado e a desorganização das empresas que iam cada vez se complexificando em sua organização, (52) exigindo uma abordagem científica que destituísse o empirismo e a improvisação que até o momento havia reinado, explica, nos inícios deste século os trabalhos pioneiros a respeito da

(49) Idalberto CHIAVENATTO. *op. cit.*, p. 32.

(50) *Ibid.*, p. 29

(51) *Ibid.*, p. 30.

(52) Em sentido lato, organização e administração são aspectos de um mesmo processo de coordenação de atividades de muitas pessoas em empreendimentos solidários.

Administração.(53)

"De certa forma a administração, em termos de sua elaboração teórica, se traduz pelos teóricos da Administração Científica que, em seus trabalhos sobre a administração nas empresas capitalistas, procuraram caracterizar essa relação como natural e aperfeiçoá-la, desenvolvendo métodos e técnicas de administração como instrumento para a expansão do capital". (54)

Será com Taylor e Fayol que se introduzirão os princípios da gerência científica nos começos do século XX e assim, como no passado o homem havia ocupado o primeiro lugar, no futuro esse lugar corresponderá ao sistema tecno-científico. Taylor declara que seus princípios de gerência eram "aplicáveis a todas as espécies de atividades humanas". (55) Também procurou levar o desenvolvimento do homem ao estado de máxima eficiência. Seu objeto era substituir o método de iniciativa e incentivo, dentro do qual os operários ficavam com a responsabilidade pela execução do trabalho, por uma ciência que estava acima da compreensão do operário. As artes mecânicas (56) deviam ser

(53) O aspecto administrativo emerge naturalmente nas organizações que surgem, crescem e se aperfeiçoam, como elemento indispensável à própria comunidade.

(54) Maria de Fátima COSTA FELIX, *op.cit.*, p. 35.

(55) E. SCHWARTZ, *op. cit.*, p. 45.

(56) Arte mecânica: ofício em que a pessoa, o artesão, faz por conta própria objetos de uso doméstico dando a eles um uso pessoal, a diferença do ofício fabril.

estudadas pela gerência e ao operário seriam atribuídas suas tarefas científicas como parte do sistema. (57)

"Só no século XX é que a observação dos fenômenos administrativos conseguiu neles identificar o que havia de constante, quaisquer que fossem os tipos de organização em que ocorressem; foi possível, então, definição dos critérios e a formulação das diretrizes a que deviam obedecer. A identidade que esses fenômenos guardam entre si mesmo quando ocorrentes em situações organizacionais assaz diferenciadas, foi objeto da observação na primeira metade deste século, por parte de alguns estudiosos, em geral reconhecidos como pioneiros da Administração Científica. Foram engenheiros administradores - Taylor, Fayol,... e outros - cujo acurado espírito de observação lhes permitiu o desenvolvimento de um conjunto de princípios que deveriam nortear a atuação do administrador nos diversos níveis de organização".(58)

Taylor principalmente pode ser considerado como o responsável pelo movimento da Administração Científica, pois foi

(57) Cf. E. SCHWARTZ, *op. cit.*, p. 56.

(58) *Ibid.*, p. 56.

quem desenvolveu os métodos de organização do trabalho manual, apontando para uma operação mais racional, para alcançar uma produção padrão altamente lucrativa. O fundamento da dita racionalização é o de buscar o melhor aproveitamento, o que é chamado de eficiência, tanto dos recursos materiais como dos recursos humanos, o que significa, no modo de produção capitalista, a elevação da exploração da força de trabalho, isto é, a adequação às máquinas para obter uma produção com índices mais elevados de produtividade, e assim aumentar a mais valia.

O objetivo principal de Taylor foi uma administração mais funcional, que influiu decididamente no processo de especialização e intensificação do trabalho; assim a divisão entre as funções de execução e planejamento foi aperfeiçoada; no entanto, tudo isto traz consigo uma administração despótica da força de trabalho, apesar da aparente participação do trabalhador nas decisões da direção.

Para Fayol a divisão do trabalho forma parte da natureza e tem por finalidade produzir mais e melhor, com o mesmo esforço, tendo por consequência a especialização das funções e a separação dos poderes. (59)

As Teorias Clássicas da Administração são um exemplo da tentativa de descobrir "cientificamente" formas de garantir a obtenção de todos os resultados possíveis a serem produzidos pelas força de trabalho, transformando-os em lucros. De modo geral, podemos pensar que a administração pode ser compreendida como uma consequência da evolução da organização do trabalho em

(59) Henry FAYOL. *Administração Industrial e Geral*, pp. 34 e 35.

uma sociedade capitalista, isto é, a administração se manifesta de forma específica nestas sociedades onde o modo de produção é capitalista.

Cabe também mencionar que a razão de ser do capitalismo se encontra na reprodução e acumulação de capital e para que ela se realize, as organizações devem garantir que as pessoas estejam de acordo com os padrões estabelecidos pela classe dominante, atendendo a seus interesses e garantindo a continuidade das condições sociais que asseguram a manutenção do processo de acumulação de capital. Estes padrões impostos pela classe dominante ficam traduzidos no controle social exercido pela organização burocrática, que aparentemente assume a aparência de lugar onde os indivíduos podem auto-realizar-se, assim se determina um alto grau de conformismo estabelecendo dessa forma, funções estratégicas para um determinado sistema social.

Já Luís Pereira manifesta o seguinte:

"O desenvolvimento econômico intencional, controlado se propõe como voltado para o bem-estar de toda a comunidade constituída pelo complexo capitalista de formações sociais".(60)

Assim, vemos que a nova organização das empresas por meio de métodos científico e técnicos vai consolidando o sistema capitalista. No entanto, estas (as organizações burocráticas) vão

(60) Luís PEREIRA, *Capitalismo*, p. 138.

além de produzir capital, bens, serviços, etc., e não é sua finalidade produzir desigualdades sociais. O papel social das organizações burocráticas, como veremos mais adiante, manifesta-se no exercício do controle social que se torna possível graças às relações de poder, que são sempre relações entre desiguais. Essa desigualdade aparece na organização de uma maneira simbólica escondendo as contradições reais, ou melhor dizendo, as relações sociais reais. Por exemplo, as frases "trabalhamos todos pelo bem comum", "pelo interesse da coletividade", "a empresa somos todos nós", são meras expressões imaginárias que escondem a realidade dos fatos.

b) Capitalismo e Revolução Tecnológica.

Depois das guerras mundiais, o homem se deu conta que seu sonho de progresso, produto do desenvolvimento científico, tecnológico e industrial, estava ameaçado pela possibilidade de destruição total do mundo.

"Somos ameaçados pela extinção por armas nucleares e pela insensibilidade interior pela passividade criada pela nossa exclusão da tomada de decisões responsáveis" (61)

(61) Erich FROMM. A Revolução da Esperança, p. 20.

O capitalismo nos anos 30 viveu uma profunda crise econômica. Surge a energia nuclear. O mundo se divide em dois mundos: o capitalista, sob a hegemonia norte-americana e o socialista, sob a hegemonia soviética. Eis aí a Guerra Fria e a competição a nível global dos dois sistemas.

"O mundo antes dividido em mercados - o asiático, o africano, o americano, etc., - foi sendo transformado num grande mercado único; isso porque, com a bipolarização do poder entre os Estados Unidos e seus súditos e a União Soviética também com seus súditos, tudo o que escapava à órbita de influência soviética era transformado num vasto campo de exploração inicialmente norte-americano e depois transnacional"(62)

Começa-se a transcender o espaço da Terra, o homem aproxima-se e chega ao espaço sideral. É o período da neo-colonização contemporânea e do avanço do poder do imperialismo, agora não mais por via política direta mas pela via econômica e ideológica, influenciando no fenômeno da desculturalização de nossos povos, como bem afirma Régis de Moraes a respeito do Brasil:

"O avanço tecnológico, com sua força totalizadora que uniformiza os modos de

(62) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. *Cultura Brasileira e Educação*, p. 138.

produção e de consumo, engendrava entre nós um novo tipo de ideal cultural infinitamente mais pobre do que o afrancesado, ainda mais precário do que o pragmatismo dos anos 30 e 40: um ideal de cultura barateado e grosseiro que se traduz na explicitação de um modelo cultural, por assim dizer, comercial. Era febre de aprender inglês, não para ler a bela literatura inglesa ou a norte-americana, mas para escrever cartas comerciais: era o ideal da secretária bilíngue e do homem de negócio que não podia ignorar a língua inglesa; enfim era o businessman e seus pinóquios. Era já o tempo do novo imperialismo, centrado no objetivo de, com organismos de empresas multinacionais, obter o lucro direto, fazendo do país-hóspede das empresas corporativas e monopolistas o mercado de consumo dos bens de luxo (automóveis, eletrodomésticos sofisticados) produzidos pelas multinacionais". (63)

É nesse período que se produz uma nova revolução, comparável à revolução industrial. A Revolução Cibernética, da informação, da tecnologia. Aparece a automação no processo industrial.

(63) Ibid., p. 138 e 139.

"Um sintoma da atração pelo puramente mecânico é a crescente popularidade, entre alguns cientistas e o público, da idéia de que será possível construir computadores que não diferem do homem em pensamento, sentimento ou qualquer outro aspecto do funcionamento. (64)

Desta maneira, a Cibernética com todas as suas conseqüências técnicas nos campos da informação e da indústria se converte no "modelo" de organização de sistemas que alcançam quase a totalidade de área do quefazer humano: entre elas a educação.

O salto tecnológico desta época foi de tal magnitude que a UNESCO chega a assinalar que "mais de 90% de todos os sábios e inventores de toda história da humanidade vivem em nossa época" e que há uma notável diminuição constante do intervalo que separa um descobrimento científico de suas aplicações em grande escala. (65)

Finalmente,

"Jean ULLMO sintetiza a trajetória das técnicas humanas da seguinte forma: os instrumentos prolongaram e ampliaram os sentidos do homem; as máquinas abertas multiplicaram sua força física; os

(64) Erich FROMM. *op. cit.*, p. 59.

(65) Édgar FAURE, et alii *Aprender a Ser*, p. 142.

computadores multiplicaram as possibilidades
de sua inteligência e ampliaram o seu
pensamento" (66)

(66) João Francisco Régis de Moraes. *Filosofia da Ciência e da Tecnologia*, p 130.

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE TECNOLÓGICA E SEUS EFEITOS SOBRE O HOMEM

"Devemos produzir pessoas doentes a fim de termos uma economia sadia, ou podemos usar nossos recursos materiais, nossas invenções, nossos computadores para servir aos propósitos do homem? Devem os indivíduos ser passivos e dependentes para que tenha organizações fortes e em bom funcionamento?"

(Erich Fromm, *A Revolução da Esperança*)

Como afirma Erich Fromm:

"O estudo do sistema Homem nos permite ver o que outros fatores no sistema sócio-econômico fazem ao homem, como perturbações no sistema Homem produzem desequilíbrios em todo o sistema social". (67)

(67) Eric FROMM, *op. cit.*, p. 22.

Vivemos em uma sociedade (68) mecanizada, isto é, regida por uma base lógica de caráter tecnológico, a qual usando certos métodos técnicos impõe ao indivíduo um conjunto de padrões, de pensamentos e de ação que o fazem conformar-se à racionalidade técnica, levando-o a um comportamento racional. É certo que o grau de conformismo é muito diferente em nossos países menos desenvolvidos que nos países onde a tecnologia alcançou um nível de perfeição, tal é o caso da sociedade americana que em seus aspectos não políticos é a mais conformista nestes tempos modernos; este conformismo segundo J. Ellul poderia ser atribuído à circunstância de que a tecnologia nos Estados Unidos alcançou um nível de perfeição tão elevado como em nenhum outro lugar, e tal perfeição demanda uma assimilação mais rápida e efetiva dos elementos mais discordantes, do que no caso dos países tecnologicamente menos desenvolvidos. (69)

Este conformismo que muitas vezes se reduz a uma atitude de passividade é chamado por E. Fromm de "síndrome da alienação", significando que o indivíduo sendo passivo deixa de atuar sobre o mundo e é forçado a submeter-se ao sistema social. A passividade do homem na sociedade industrial é hoje um dos traços mais característicos e patológicos.

(68) Sociedade poderíamos identificar com cultura no sentido que lhe dá a Antropologia Cultural:

"Tratar-se-ia, então do conjunto das instituições, consideradas ao mesmo tempo em seu aspecto funcional e em seu aspecto normativo, nas quais se exprime certa totalidade social e que representam, para os indivíduos pertencendo a essa totalidade, o quadro obrigatório que modela sua personalidade, prescreve-lhe suas possibilidades e, de certa forma, traça, de antemão, o esquema de vida no qual poderá inserir-se sua existência concreta e pelo qual ela poderá tomar uma forma efetiva" (Ladrière Jean. Os Desafios da racionalidade., p. 77).

(69) Jacques ELLUL, et alii, O preço do futuro, p. 68.

"Sendo passivo, ele não se relaciona ativamente com o mundo e é forçado a submeter-se aos seus ídolos e às suas exigências. Por conseguinte, sente-se indefeso e ansioso. Tem pouco senso de integridade ou de identidade própria. A submissão parece ser a única maneira de evitar a ansiedade intolerável, e mesmo a submissão nem sempre alivia a sua ansiedade". (70)

a) Princípio de Produtividade Máxima

Esta nova sociedade criou um tipo de organização dedicada à máxima produção e consumo, que reduz o homem a ser simplesmente uma peça a mais da grande engrenagem da enorme máquina produtiva que lhe impõe seu ritmo e exigência, transformando-o de ser humano em coisa, João Carlos Nogueira expressa isso assim:

"Muito se falou já da alienação do trabalho, na especialização das tarefas que fragmentam a atividade humana e a despersonalizam. O homem parece viver, em todos os sentidos, sob o signo do anonimato. Engolfado pela máquina vê-se reduzido à condição de objeto manipulado

(70) Erich FROMM, *op. cit.*, p. 5.

pelos mass-media e pelas técnicas de produção e consumo. Com isso vai perdendo o lugar de centro de referência do processo civilizador para transformar-se em simples peça de uma imensa engrenagem". (71)

Também Erich Fromm caracteriza a nova sociedade como:

"Uma sociedade completamente mecanizada, dedicada à máxima produção e consumo materiais e dirigida por computadores; e nesse processo social, o próprio homem está sendo transformado numa parte da máquina total, bem alimentado e distraído, porém passivo, não vivo e com pouco sentimento" (72)

O critério principal que prima no homem de hoje é o de ter e usar mais, é o consumismo que o caracteriza: "como seres humanos, não temos outras metas senão produzir e consumir cada vez mais". Este é um dos princípios orientadores do sistema social que o autor assinalado acima, afirma com muito acerto. Este princípio da máxima produção é medido por critérios puramente econômicos e afirma que quanto mais produzamos do que queremos produzir, tanto melhor. Por isso, o êxito da economia de um país é medido pela elevação em sua produção total.

(71) João Carlos NOGUEIRA "Pulsões de morte e civilização" in João Francisco RÉGIS de MORAIS (Org.), *Construção social da enfermidade*, p. 16.

(72) Erich FROMM, *op. cit.*, p. 19.

Também este critério pode ser válido para os países em avançado desenvolvimento, como os Estados Unidos ou a União Soviética, os quais estão sempre com a rivalidade de que quem produz um crescimento mais rápido e maior no campo econômico, deve passar a ser o primeiro. Essa relação se alterou ultimamente entre ambos países. Este princípio de "aceleração contínua e ilimitada" (73) também se aplica nas organizações, como por exemplo no sistema educacional, e assim quanto maior for o número de diplomados no curso superior tanto melhor, e quanto mais estudantes qualificados em uma universidade se formem, tanto melhor, porque desta produção quantitativa dependerá o prestígio da instituição e dos indivíduos que a administram. Não constatamos também que quanto mais títulos, diplomas, cursos, etc., tenhamos em nosso currículo, tanto mais importantes seremos para a obtenção de qualquer trabalho?

No entanto, este critério "quanto mais, melhor" conduz a um desequilíbrio no sistema: a qualidade da vida perde toda sua importância porque se antes os esforços se orientavam para as atividades como um meio, agora estas passam a ser consideradas como um fim.

b) Eficiência.

Junto com o princípio da máxima produção encontramos o da Eficiência. Ambos se encontram no objetivo traçado pela

(73) Cf. Ibid., p. 52.

produção. Considerado o contexto histórico evolutivo (ver I capítulo) em um sistema econômico, a eficiência significa a obtenção do máximo efeito usando a menor quantidade possível de recursos. Para conseguir esse efeito máximo de eficiência em uma sociedade como a nossa se faz necessária a avaliação do desempenho e as atividades adequadas dos trabalhadores para aumentar a eficiência. Esta ao mesmo tempo exige o mínimo de individualidade:

"A máquina social trabalha mais eficazmente, assim se crê, se as pessoas são reduzidas a unidades puramente quantificáveis cujas personalidades podem ser expressas em cartões perfurados. Essas unidades podem ser mais facilmente administradas por regras burocráticas porque não criam dificuldades ou provocam atrito. A fim de se atingir esse resultado, os homens devem ser desindividualizados e ensinados a encontrar sua identidade na companhia em vez de em si mesmos" (74)

A eficiência conduz também à divisão e subdivisão de tarefas, à especialização, a ponto de privar o indivíduo de todo contato pessoal ou grupal, reprimindo assim sua força criadora. Até mesmo o poder de falar, que lhe é tão próprio, vai sendo retirado em favor de outra linguagem que vem do fundo das

(74) Ibid., p. 49.

estruturas anônimas.

"Tudo o que é pessoal, singular, vai desaparecendo para dar lugar a uma sistemática geral, sempre mais englobante e impessoal. Preso nas finas malhas das estruturas formais que comandam o processo sócio-cultural, o homem ignora para onde é levado. Mas vai, quase sempre dócil à obscura inspiração da ordem, da lei, do sistema. Quase nunca suficientemente capaz de reagir" (75)

O autor citado, fazendo uma analogia entre o comportamento de um neurótico e do homem de nossas sociedades industrializadas, embora ambos os comportamentos sejam de níveis diferentes, encontra vários elementos comuns. A frustração existencial no neurótico se encontra no plano dos conflitos psíquicos não solucionados, é preso em experiências passadas, as quais repercutem de forma perturbadora no presente do sujeito; já no homem da nova sociedade, o fracasso e a frustração existencial são devidos antes de tudo às condições desestruturadoras criadas pela civilização da máquina. (76)

Em ambos os casos, e é o que desejamos salientar, está presente a repressão à força criadora. Seja pelo que for, seja por um superego muito exigente, do qual é vítima o ego, que por

(75) João Carlos NOGUEIRA. "Pulsões de morte e civilização", op. cit., p. 16.

(76) Cf. Ibid., p. 16.

formar um ideal muito elevado vá contra si mesmo sob a forma de sentimento de culpa; ou seja pelas "próprias condições de vida social, estabelecidas pelo meio tecnocrático que mutilam a força criativa e impedem seu desenvolvimento" (77), o pensamento se torna rotineiro, burocrático, incapaz de novas idéias e soluções que contribuiriam para um desenvolvimento mais produtivo do sistema.

Este método aparentemente eficaz, tão próprio das organizações burocráticas, vai desencadeando no trabalhador uma série de males, tanto quanto a saúde: tensão, pressão; como no seu relacionamento familiar e de amizades e, conseqüentemente, em seu papel como cidadão. Estes são os grandes sacrifícios que a sociedade tecnológica nos obriga a fazer e seu alto grau de organização - assinala enfaticamente Ellul (78) - sacrifícios que nas sociedades pré-tecnológicas eram considerados o melhor da vida: o agradável contato com a natureza, relações pessoais facilmente mantidas, a solidez e solidariedade de uma família grande, a satisfação do trabalho, a independência pessoal, etc., hoje em dia já não podem ser vividas ou se as vive de forma muito rara.

É certo que a eficiência é proveitosa em qualquer tipo de atividade intencional mas deveria ser examinada quando se trata do fator humano. De que valeria para nossa sociedade ter homens eficientes em alto grau, se estão beirando o desequilíbrio psicológico?

(77) Ibid., p. 16.

(78) Jacques ELLUL, et alii, op. cit., p. 67.

Schwartz, quando define a eficiência se expressa da seguinte maneira:

"A eficiência é um conceito científico, objetivo e racional. A fábrica moderna, com a sua degradação do espírito humano atrelado à máquina, é eficiente nesse sentido objetivo mas inumana na prática. Os fornos crematórios nazistas foram dispositivos eficientes para cometer o genocídio humano, mas estabelecimentos inumanos. As bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagасаqui foram dispositivos eficientes para cumprir os objetivos da guerra, mas inumanos em vista do extermínio em massa de pessoas. O vôo da Apolo II foi uma realização científica que demonstrou grande eficiência técnica, mas pode ser julgada inumana em ter desperdiçado recursos que poderiam ter atenuado a fome". (79)

Ellul assinala que para dizer que o sistema é desumano, precisamos ter uma idéia exata do que é humano, uma interpretação do que é homem. (80) Ao final do presente trabalho nós nos ocuparemos desta idéia.

F. Motta e Bresser Pereira vêem a eficiência como uma

(79) Eugene SCHWARTZ, op. cit., p. 45.

(80) Jacques ELLUL, et alii, op. cit., p. 70.

forma específica de racionalidade, na qual a coerência dos meios em relação aos fins traçados se traduzem no emprego de um mínimo de esforço (meios) para a obtenção de um máximo de resultado (fins). (81)

A racionalidade incorporou-se à vida humana como um elemento disciplinador nas diversas atividades humanas. Em seu aspecto fundamental de organização de técnicas produtivas, de serviços, de vendas, de mercados, de aparato administrativo, de divisão do trabalho, deu à própria vida um caráter sistematicamente racional. Assim, a redução racionalista da vida humana abriu caminho ao reino da eficiência, concretizando-se o ideal werberiano de eficiência e racionalidade.

Desta maneira e nesta linha, nossa atual sociedade está organizada e administrada por critérios racionais, onde a eficiência cumpre um papel muito importante nas organizações burocráticas. Assim, os autores mencionados definem a burocracia como:

"Um sistema social em que a divisão do trabalho é racionalmente realizada, como afirmar que é o sistema social que se administra segundo critérios de eficiência. O fato de ser eficiente é, portanto, condição para que um sistema social seja considerado uma Burocracia. E é exatamente essa maior eficiência das burocracias a primeira e mais

(81) Fernando Prestes NOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, *op. cit.*, p.49.

importante causa de sua multiplicação atualmente". (82)

Dentro deste contexto veremos um pouco mais detalhadamente outra das características da sociedade tecnológica, a burocracia a qual considero a mais importante.

c) A Burocracia : Racionalização Técnica

A nova tecnologia da produção industrial, nos fins do século XIX e começo do século XX, determina o aparecimento das grandes empresas burocráticas. é neste momento que nasce a burocracia como organização propriamente dita convertendo-se em um fator contemporâneo a partir da segunda etapa da Revolução Industrial, como expressa Tarcísio Moura (83), já que antes disso, nas sociedades pré-capitalistas não passava de um sistema secundário, inclusive nas sociedades onde já existia de modo bastante expressivo.

"O Egito é um bom exemplo de um processo social onde uma burocracia surge de necessidades técnicas de coordenação e supervisão, para deter o monopólio de um poder político que tem no faraó o seu símbolo

(82) Ibid., p. 49.

(83) Cf. Tarcísio MOURA. "O mercado das cordialidades" in João Francisco RÉGIS DE MORAIS (Org.), *Construção social da enfermidade*, p. 48.

máximo... o que acontecia no Egito também acontecia na China, na Mesopotâmia, no México e no Peru". (84)

Em termos sócio-culturais pode-se dizer que na primeira etapa da Revolução Industrial, conhecida também como processo de Automatização (85), produz-se a mobilidade do homem do campo para a cidade, e seu ritmo de trabalho se transforma de camponês em operário, do trabalho na terra para o trabalho nas fábricas. Na segunda etapa da Revolução Industrial ou da Automação, (86) ocorre mobilidade, mas desta vez o homem passa de operário para o setor do funcionalismo, das fábricas para as oficinas.

Ambas as etapas da Revolução Industrial produziram grandes transformações sociais tais como: a transformação dos meios de produção, conseqüentemente a complexização de ditos meios de produção e as grandes alterações na relação social do trabalho, nas relações de produção.

Estas grandes transformações exigem que a nova sociedade seja dirigida eficazmente e busca-se uma estratégia administrativa, que à medida que vai crescendo vá se complexizando. É aqui que encontramos a organização burocrática como a forma mais eficaz de dirigir a sociedade.

(84) Fernando Prestes NOTTA, *op. cit.*, p. 14.

(85) Significa a substituição do emprego das forças físicas corporais pelo emprego de novas formas de energia. Nesta etapa trabalha-se com sistemas abertos de mecanismos que trabalham com baixa velocidade, permitindo assim que o homem trabalhe ao mesmo tempo possibilitando-lhe intervenção no processo.

(86) Ou também conhecida como o mundo da Cibernética. É uma tentativa de substituir o lento raciocínio humano pela velocidade e a amplitude do raciocínio eletrônico. Neste processo trabalha-se com sistemas fechados de máquinas eletrônicas que trabalham a uma velocidade instantânea, com uma capacidade de infinitas combinações. Ela impede que o homem interfira no processo. (Definições tomadas de apontamentos de aula da disciplina Filosofia da Cultura, dada pelo professor João Francisco RÉGIS DE NORAIS.

"Com a introdução de inovações trazidas pelo progresso tecnológico nos campos da produção integrada, da automação e dos meios de comunicação, torna-se mais viável e eficiente a administração dos sistemas sociais que, por isso, paulatinamente vão se tornando cada vez maiores e mais complexos. Ademais, a revolução da eletrônica possibilitou a centralização administrativa das organizações, o controle operacional dos indivíduos e a manipulação estatística dos dados, permitindo que a sociedade seja mais eficazmente dirigida. (87)

O mundo moderno é um mundo das organizações porque o sistema social como um todo se burocratiza, não só no setor da produção e do sistema político, respectivamente as grandes empresas e o Estado dominam, mas isto também acontece no setor da cultura (com as escolas, fundações, museus), no setor religioso (com as igrejas), no setor artístico (com as organizações teatrais, cinemas, as orquestras sinfônicas), no setor esportivo ou social (com os clubes), no setor dos grupos de interesses (com os sindicatos, associações de classe), no setor militar (com as forças armadas); todos esses setores são dominados por organizações burocráticas como a indústria. (88)

Seja como grupo social ou como organização social, a

(87) Tarcísio NOURA, *op. cit.*, p. 48.

(88) Cf. *Ibid.*, p. 48 e Fernando Prestes NOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, *op. cit.*, p. 47.

burocracia é sempre um sistema de dominação ou de poder autoritário, hierárquico, que reivindica para si o monopólio da racionalidade e do conhecimento administrativo.

Hoje em dia todos nós encontramos inseridos em organizações que coordenam nosso trabalho, seja de caráter político, econômico, cultural ou religioso, que se justapõem, se interrelacionam, entrando em relações de conflito, de dependência e de interdependência.

É lícito afirmar então, que a sociedade moderna caracteriza-se por estar constituída de organizações burocráticas, sendo esta uma das características que tipificam nossa época atual. Edmundo Campos afirma que:

“Um dos traços distintivos das modernas sociedades é seu caráter burocrático. Entendemos por isso que as dimensões gigantescas que tendem a adquirir as organizações e sua proliferação em todos os setores de atividades fizeram da burocracia uma instituição dominante”. (89)

Sem dúvida, a impotência das organizações burocráticas não se deve apenas a seu predomínio e ao grande número delas; existem outras razões mais importantes, como a de desempenhar um papel essencial na formação da personalidade e a de condicionar o comportamento do homem moderno, assim como também temos que

(89) Edmundo CAMPOS, *Sociologia da burocracia*, p. 7.

admitir que a organização burocrática e sua administração são condições de desenvolvimento tanto econômico quanto político e social de qualquer país. Porque como explica Prestes Motta e Bresser Pereira, "o desenvolvimento é um processo integrado de transformação social que tem nas organizações um de seus principais instrumentos...". (90), sendo a eficiência o princípio fundamental que rege a vida das organizações para o ganho de maior produtividade. Existe portanto uma relação direta entre eficiência e produtividade, como já vimos em páginas anteriores ao tratar das características da sociedade moderna:

"Se a produtividade é o princípio fundamental que orienta as organizações, é fácil compreender mais uma vez a importância destas para o desenvolvimento e para a sociedade moderna como um todo". (91)

A superioridade da administração burocrática frente a outras formas de administração, encontra sua fonte principal no conhecimento técnico que, através do desenvolvimento da tecnologia moderna e dos métodos econômicos na produção de bens, se faz totalmente indispensável. (92)

Este fato foi reconhecido por Max Weber ao comparar a organização burocrática com a perfeição de uma máquina por sua

(90) Fernando Prestes MOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, op. cit., p. 17.

(91) Ibid., p. 18.

(92) Cf. Max WEBER "Os fundamentos da organização burocrática: Uma construção do Tipo Ideal" in Edmundo CAMPOS (Org.), Sociologia da burocracia, p. 25.

precisão, rapidez, controle técnico etc. Ele demonstra isso quando afirma que:

"La razón que explica el desarrollo de la organización burocrática fué siempre su superioridad técnica sobre cualquier otra organización. Un mecanismo burocrático perfectamente desarrollado actúa en relación a las demás organizaciones de la misma forma que la máquina en relación a los métodos no mecánicos de la fabricación. La precisión, rapidez, certeza, conocimiento de los archivos, continuidad, discreción, estricta subordinación, reducción de fricciones y de costos materiales y personales, todas estas cualidades alcanzan su punto máximo en la administración estrictamente burocrática".

(93)

Maurício Tragtemberg comenta que em um Estado moderno, a burocracia é inevitável e a crescente intervenção do Estado na economia favorece seu desenvolvimento, acompanhando ao mesmo tempo a ampliação do sistema capitalista. (94)

Max Weber, diz Tragtemberg, não nega o papel da burocracia em uma sociedade, isto é, sua função necessária, o que

(93) Max WEBER, *Economía y Sociedad*. Volume I, p. 107.

(94) Cf. Maurício TRAGTEMBERG. *Burocracia e Ideologia*, p. 141.

ele combate é o domínio da burocracia sobre a sociedade. (95) Podemos compreender melhor esta afirmação se tivermos em conta que o primeiro a estudar a burocracia como um tipo de poder e dominação foi Max Weber, não se preocupando tanto em definí-la mas em conceituá-la através de suas características, como veremos mais adiante.

Ante, porém, é necessário que façamos referência ao elemento essencial que diferencia as organizações dos demais sistemas sociais.

Se temos presente que uma organização burocrática é um sistema social administrado por critérios racionais e hierárquicos onde a divisão do trabalho é racionalmente realizada tendo em conta os fins traçados (96), nos daremos conta que a racionalização é o elemento essencial que a distingue dos demais sistemas sociais.

Para Max Weber:

"A administração burocrática significa, fundamentalmente, o exercício da dominação baseado no saber. Esse é o traço que a torna especificamente racional. Consiste, de um lado, em conhecimento técnico que, por si só, é suficiente para garantir uma posição de extraordinário poder para a burocracia. Por outro lado, deve-se considerar que as

(95) Cf. *Ibid.*

(96) Cf. Fernando Prestes NOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, *op. cit.*, p.13 e 21.

organizações burocráticas, ou os detentores do poder que dela se servem, tendem a tornar-se mais poderosos ainda pelo conhecimento proveniente da prática que adquirem no serviço". (97)

A racionalidade incorporou-se à vida humana como um elemento disciplinador nas diversas atividades humanas em seu aspecto fundamental de organização de técnicas produtivas, de serviços, de vendas, de mercados, de aparato administrativo, de divisão de trabalho, imprimindo à própria vida um caráter sistematicamente racional. Assim, a redução racionalista da vida humana abriu caminho ao reino da eficiência, concretizando-se o ideal weberiano de eficiência e racionalidade. Em uma palavra, o desejo de racionalização do homem moderno alcançou todos os setores de sua vida, inclusive o da estrutura dos sistemas sociais dos quais ele participa. Estes, por sua vez, são racionalizados através de métodos administrativos.

Para Max Weber, a racionalização foi entendida como,

"...o resultado da especialização científica e da diferenciação técnica peculiar à civilização ocidental. Consiste na organização da vida, por divisão e coordenação das diversas atividades, com base em um estudo preciso das relações entre os homens, com seus

(97) Max WEBER "Os fundamentos da Organização Burocrática", in op. cit., p. 27.

instrumentos e seu meio, com vistas à maior eficácia e rendimento. Trata-se, pois, de um puro desenvolvimento prático operado pelo gênio técnico do homem". (98)

Disto podemos deduzir que a administração burocrática significa, antes de tudo, o exercício da dominação baseado no saber, este é o traço que a torna especificamente racional. E assim,

"O domínio é a manifestação concreta e empírica do poderio. Weber define o poderio como a oportunidade de um indivíduo de fazer triunfar no seio de uma relação social sua própria vontade contra resistências, e o domínio como a oportunidade de aí encontrar pessoas dispostas a obedecer a ordem que lhe é dada. Nem o poderio nem o domínio são peculiares apenas ao político, já que existem outras circunstâncias ou necessidades (economia, pedagogia), em que o homem é igualmente levado a fazer triunfar sua vontade". (99)

Tendo presente o elemento essencial e diferenciador da

(98) Julien FREUND. *Sociologia de Max WEBER*, p. 19.

(99) *Ibid.*, p. 161.

organização burocrática, passaremos a assinalar suas principais características para assim compreender melhor seu funcionamento.

Em primeiro lugar, Max Weber entende a burocracia como um tipo de poder e de dominação, cuja fonte de legitimidade se encontra no poder racional-legal. Daqui serão despreendidas todas as características que mencionaremos.

As organizações burocráticas são de caráter FORMAL, isto significa que o formalismo da burocracia consiste no fato de que a autoridade deriva de um sistema de normas racionais-legais, escritas, que definem com precisão as relações de mando e subordinação, distribuindo as atividades a serem executadas de forma sistemática e tendo em vista os fins a serem alcançados. A esse respeito opina Terence K. Hopkins:

"De maneira correspondente, o grupo tem um conjunto relativamente específico e explícito de objetivos, um corpo de normas explícitas e intencionalmente estabelecidas a fim de realizar esses objetivos (ou racionalmente dadas como estabelecidas para promovê-los) e diversas unidades especializadas de organização que juntas, contêm todas as atividades que se supõe necessárias à consecução dos objetivos. Universidade, fábricas, hospitais, exércitos modernos, são todos, neste sentido, grupos formalmente

organizados". (100)

O culto à forma tem seu representante maior em Weber; para ele a burocracia representa o "acabamento do formalismo racional, sendo a disciplina militar o seu verdadeiro modelo". (101)

A administração na organização burocrática é formalmente planificada e organizada, executando-se através de documentos escritos, que contêm regras, normas e decisões que hão de ser conhecidas para serem aplicadas no momento oportuno. Trata-se da idéia de calculabilidade, consequência lógica do direito: em uma administração governada por regras, as decisões devem ser predizíveis, conhecendo-se de antemão as regras. Para aclarar melhor esta noção, Weber recorreu ao exemplo exagerado do juiz moderno, que é como uma máquina expedidora: introduzem-se-lhe as alegações e os honorários e imediatamente sai a sentença, junto com seus fundamentos mecanicamente deduzidos do código. (102)

As normas legais conferem à pessoa, investida de autoridade, o poder de coação sobre os subordinados, valendo-se de meios capazes de impor disciplina. (103) Por exemplo, dentro de um sistema capitalista, em uma empresa privada, a autoridade do proprietário lhe é dada pela Constituição do país garantindo-lhe o direito à propriedade privada, e a autoridade dos demais

(100) Terence K. Hopkins "O conceito de sistema de autoridade" in Edmundo CAMPOS (Org.) *Sociologia da Burocracia*, p. 78.

(101) Tarcísio MOURA "Mercado das Cordialidades", op. cit., p. 52

(102) Cf. Reinhard BENDIX. *Max Weber*, p. 399.

(103) Cf. Fernando Prestes MOTA e Luiz Bresser PEREIRA, op. cit., p. 30.

administradores está definida nos estatutos e regulamentos da empresa.

A norma racional há de ser modificada cada vez que se precise, isto é, para adaptar-se aos novos fatores que surgem no ambiente, já que o que se pretende é alcançar os objetivos previstos, da maneira mais econômica e mais eficiente possível.

A necessidade de escrever as normas burocráticas e formalizá-las, significa prever tudo o que possivelmente possa ocorrer, podendo assim enquadrá-las dentro de um comportamento possível. Deste modo, tanto a alta administração mantém de uma maneira mais segura o controle, quanto facilita também o trabalho dos administradores subordinados para que não fiquem a cada momento medindo as consequências positivas ou negativas de cada ato antes de atuar. Assim, em uma situação determinada, o funcionário já saberá como atuar baseando-se nas diretrizes e nas normas organizacionais e disciplinares, nos padrões previamente definidos. Desta maneira, o comportamento de todos os participantes da organização se torna muito mais previsível, muito mais preciso e muito mais controlável.

A burocracia caracteriza-se também por ser HIERÁRQUICA, isto é, por "um sistema firmemente organizado de mando e subordinação mútua das autoridades, mediante supervisão das inferiores pelas superiores" (104), desta maneira, "o burocrata sacrifica suas convicções pessoais à obediência hierárquica...". (105)

(104) Maurício TRAGTENBERG, op. cit., p. 141.

(105) Julien FREUND, op. cit., p. 170.

Na organização burocrática, a hierarquia de cargos se organiza monocraticamente, isto é, toma a forma de pirâmide, para dividir o trabalho, definindo assim os níveis de autoridade verticalmente. No entanto, a burocracia apresenta também uma divisão horizontal do trabalho onde as diferentes atividades são distribuídas de acordo com os objetivos a serem alcançados. Este sistema oferece aos governados a possibilidade de apelar de um departamento inferior a sua autoridade superior, de forma claramente regulamentada mediante

"...a hierarquia das funções, o que quer dizer que o sistema administrativo é fortemente estruturado em serviços subalternos e em cargos de direção, com possibilidade de recurso da instância inferior à instância superior; em geral, esta estrutura é monocrática...". (106)

O caráter IMPESSOAL das organizações burocráticas é outra das formas de como elas expressam sua racionalidade. A administração burocrática é realizada sem consideração a pessoas. A responsabilidade e autoridade pertencem ao cargo e não à pessoa. "A autoridade, ou seja, o poder de controle que tem sua origem em um "status" reconhecido, é inerente ao cargo, e não à pessoa que o desempenha". (107) A mesma etimologia da palavra,

(106) Robert King MERTON "Estrutura Burocrática e Personalidade" in Edmundo CAMPOS (Org.) Sociologia da Burocracia, p. 107.

(107) Cf. Fernando Prestes MOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, op. cit., p. 32.

que quer dizer "governo de escritório", revela sua abstração. Os escritórios, os cargos, são os que governam. Na opinião de Tarcísio Moura,

"Max Weber já assinalava o abstratismo das atividades e do ordenamento hierárquico entre os funcionários das organizações administrativas, sem atribuir-lhes, entretanto, maior conotação valorativa do que a de ser exigência desejada pela própria organização. Um elevado grau de impessoalidade é o ideal a ser alcançado. A racionalização impõe formas menos personalizadas de relacionamento humano, possibilitando a burocratização e a dominação cada vez mais amplas. Chega-se a um modelo acabado de organização formal, onde os papéis são preenchidos impessoalmente". (108)

é também impessoal a obediência do subordinado: na medida que obedece ao superior não o faz em consideração à sua pessoa, mas obedece a uma forma impessoal.

"...los miembros de la asociación, en tanto que obedecen al soberano, no lo hacen en atención a su persona, sino que obedecen a

(108) Tarcísio MOURA, "Mercado das Cordialidades" in op. cit., p. 51.

aquel orden impersonal; y que sólo están obligados a la obediencia dentro de la "competencia" limitada, racional y objetiva, a él otorgada por dicha orden". (109)

O caráter impessoal da burocracia é também claramente definido por Weber quando afirma que ela obedece ao princípio administrativo "sine ira et studio", sem ódio e sem paixão, ou seja, sem amor e sem entusiasmo, submetida tão somente à pressão do dever estrito; sem acepção de pessoas, formalmente igual para todos, isto é, para todo interessado que se encontre em igual situação "de fato": o funcionário ideal leva assim seu cargo. (110)

Em uma palavra, a burocracia é mais plenamente desenvolvida, quanto mais se desumaniza, quando mais completamente alcança as características específicas consideradas como atitudes: a eliminação do amor, do ódio e de todos os elementos pessoais, emocionais e irracionais que escapam ao cálculo. (111) Melhor dito, em uma organização burocrática em seu estado puro, não há lugar para os sentimentos, para a gratidão, para as demonstrações de simpatia; o administrador desta organização só deverá cumprir com a obrigação de seu cargo e contribuir para alcançar os objetivos da organização. A calculabilidade da decisão e com ela sua adequação para o capitalismo resulta mais plenamente quanto mais se despersonaliza

(109) Max WEBER, *Economía y Sociedad*, Volume I, p. 174.

(110) *Ibid.*, p. 179.

(111) Cf. Tarcísio NOURA, "Mercado das cordialidades" *op. cit.*, p. 52.

a burocracia, ou seja, quanto mais cabalmente consegue excluir o amor, o ódio e todo sentimento puramente pessoal, especialmente irracional e incalculável, da realização das tarefas oficiais.

(112)

"En lugar del gobernante al estilo antiguo, movido por la simpatía, el favor, la gracia y la gratitud, la cultura moderna requiere para su aparato externo de sostén, al experto, emocionalmente ajeno a todo y por lo tanto rigurosamente "profesional". (113)

Outra característica fundamental se refere aos administradores que dirigem as organizações, eles hão de ser profissionais que possuam um CONHECIMENTO TÉCNICO E ESPECIALIZADO. O conhecimento especializado é essencial para o funcionamento eficiente da organização. Nela são necessários homens especialistas, técnicos especialmente treinados para exercer as diversas funções criadas através do processo de divisão de trabalho.

"A atribuição de funções se faz à base de qualificações técnicas que são determinadas por procedimentos formais e imparciais, tais como exames, etc." (114)

(112) Cf. Bendix REINHARD, op. cit., p. 339.

(113) Ibid., p. 400.

(114) Robert K. NERTON. "Estrutura Burocrática e Personalidade" in Edmundo CAMPOS, op. cit., p. 109.

Para executar um cargo geralmente o futuro candidato deverá ter um diploma e/ou experiência que credite sua capacidade de conhecimento e habilidade para dita função. No cargo, o administrador profissional encontrará um meio de vida e geralmente este será fonte de renda, dele derivando seu prestígio e posição social. Assim, de acordo com suas aptidões e capacidade de desempenhar o cargo, será nomeado por um superior, a não ser que se trate de uma escolha meramente formal, isto é, estando já escolhido ou nomeado por um superior de antemão, que controla os eleitores, já que em uma organização burocrática a eleição não é comum.

A FIDELIDADE ao cargo, é outra das características do funcionário, sendo sua identificação com a empresa de caráter impessoal, já que sua identificação é com os objetivos da empresa.

Finalmente, o administrador burocrático é remunerado mensalmente e tem oportunidade de fazer carreira, tendo direito a aposentar-se e com direito a uma pensão de caráter vitalício.

(115)

Este modelo de burocracia, apesar de ser apresentado de maneira sucinta, nos dá uma visão de um sistema mecanicista. Como vimos na afirmação de Weber, a burocracia quanto mais se desenvolve, mais se desumaniza, mais se despessoaliza, se afasta mais dos fatores emocionais, comparando-se com a máquina. É necessário que tenhamos em conta que as afirmações de Weber se referem a um tipo ideal, puro, de organização.

(115) Cf. Bendix REINHARD, *op. cit.*, p. 398.

"Max Weber, na medida em que procurou apenas descrever esse tipo ideal, não é diretamente passível de crítica. A única restrição que se pode fazer é a de ele ter deixado seu trabalho incompleto. Ele estudou a Burocracia de uma forma abstrata e estática, não a estudou dinamicamente, em processo, modificada pelos homens que dela fazem parte, por seus valores e crenças, por seus sentimentos e necessidades". (116)

Até aqui assinalamos, em grandes traços, como funciona uma organização burocrática, isto é, as características mais marcantes que fazem com que a estrutura burocrática consiga maior efetividade na sociedade. Como fenômeno dominante da época moderna, a organização burocrática, assinala Tarcísio Moura, se apresenta como um caso muito particular de incorporação vital, isto é, incorpora-se a tal ponto que determina a vida do homem moderno. (117)

Robert K. Merton, ocupou-se em estudar a disfunção provocada pelas organizações, expressando que

"As manifestações disfuncionais do órgão burocrático podem se apresentar amplamente como elementos perturbadores em todos os

(116) Fernando Prestes NOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, op. cit., p. 57.

(117) Cf. Tarcísio MOURA "Mercado das Cordialidades" in João Francisco RÉGIS DE MORAIS (Org.), op. cit., p. 49.

níveis e setores onde sua presença se impõe como forma de viabilizar a vida social moderna. Sua incidência, no entanto, se faz mais nefasta no nível profundo dos ideais humanos". (118)

Merton entende que Max Weber se ocupa quase exclusivamente do que se consegue mediante a estrutura burocrática, como precisão, confiabilidade, eficiência. (119) Entretanto, entendemos que Maurício Tragtemberg vê que Weber, sem negar o papel da burocracia, isto é, a função necessária que esta desempenha na sociedade moderna, enfatiza e combate o domínio absoluto da burocracia sobre a sociedade.

"Num Estado Moderno, ela é inevitável e a crescente intervenção do Estado na economia favorece seu desenvolvimento acompanhando a ampliação do sistema capitalista de produção. Weber não nega o papel da burocracia numa sociedade de massas, sua função necessária, mas combate o domínio absoluto da burocracia sobre a sociedade... porque via na sua expansão no sistema social o maior perigo ao homem. Estudou-a para criar os mecanismos de defesa ante a burocracia... [porque] a

(118) Ibid., p. 49.

(119) Cf. Tarcísio MOURA "Mercado das Cordialidades" in João Francisco RÉGIS DE MORAIS (Org.), p. 49.

burocracia para Weber é um tipo de poder".

(120)

é justo então que assinalemos também as limitações da organização. A sociedade, em grande parte, realiza as imperfeições da burocracia, como se deduz do fato de que a palavra 'burocracia' converteu-se em um insulto. Por acaso não constatamos isso quando escutamos ou dizemos nós mesmos: você é um burocrata? No sentido popular, burocracia significa papelada, número excessivo de trâmites, apego excessivo aos regulamentos, ineficiência; o que significa que o povo deu o nome de burocracia aos defeitos do sistema. (121)

é verdade que o aperfeiçoamento da técnica para a utilização dos recursos humanos aumenta a possibilidade de um maior aproveitamento. No entanto, como instrumento que ela é, a burocracia, se coloca a serviço de diversos interesses. Conselho do próprio Max Weber

"...há que considerar a burocracia, em si mesma um instrumento de precisão, que pode colocar-se a "serviço" de diversos interesses de mando, tanto do tipo puramente político como puramente econômico ou de outra índole".

(122)

(120) Maurício TRAGTENBERG, *op. cit.*, p. 139 e 141.

(121) Cf. Fernando Prestes MOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, *op. cit.*, p. 21.

(122) Tarcísio NOURA "Mercado de Cordialidades" in João Francisco RÉGIS DE MORAIS (Org.), *op. cit.*, p. 50.

O sistema burocrático é extamente aquele que dado seu caráter formal, permite a maior previsão, tanto do comportamento daqueles que dele participam como dos fins a serem alcançados, o controle e a planificação da organização. No entanto, essas previsões falham completamente e a organização tende a tornar-se ineficiente, a desorganizar-se. Ocorrem então as chamadas "disfunções", os efeitos não previstos nem desejados pela burocracia. Geralmente este fenômeno sucede quando há excesso de burocratização, formalismo exagerado, impessoalidade a tal ponto que não se vê em cada funcionário, em cada operário, uma pessoa, um ser humano único. (123)

Se a burocracia necessita de um alto grau de confiança de seus funcionários ou um alto grau de excepcional conformidade com as responsabilidades atribuídas, se deve a que a disciplina só pode ser efetivada se os padrões ideais estão sustentados por fortes sentimentos que assegurem dedicação aos próprios deveres e à realização metódica das atividades de rotina. (124) Desta maneira, a disciplina se converte em um acatamento literal aos regulamentos. Submissão à norma, que primeiro é concebida como meio, para depois transformar-se em um fim em si mesmo.

Este apego excessivo ao regulamento pode fazer com que se perca de vista o objetivo e os fins traçados pela organização e teremos então o fenômeno do formalismo ou tecnicismo dos funcionários. Amiúde nos encontraremos com o burocrata ou funcionário "virtuoso" cumpridor 100% da norma relativa a seu

(123) Cf. Fernando Prestes NOTTA e Luiz Bresser PEREIRA, *op. cit.*, p. 51.

(124) Cf. Robert K. Merton "Estrutura Burocrática e Personalidade" in Edmundo CAMPOS, *op. cit.*, p. 113.

cargo e portando incapaz de atender a seus clientes.

"Formalista é o burocrata amante inveterado da regra, que procura multiplicar os processos e as tramitações para vê-la, com orgulho, escrupulosamente cumprida". (125)

A burocracia, continuamente ocupada na conservação e na legitimidade dos marcos nos quais se efetuam essas atividades, está condenada ao formalismo.

O burocrata se sente parte da máquina burocrática e evita, no possível, assumir responsabilidades ou decisões pelas quais poderia ser criticado. Prefere esconder-se e seguir fielmente a norma e os regulamentos a assumir uma atitude pessoal.

"Ele tenta evitar tomar quaisquer decisões que não sejam claramente formuladas pelas suas regras de caso e, se em dúvida, manda a pessoa para outro burocrata que, por sua vez, faz a mesma coisa". (126)

É próprio caráter impessoal das chamadas "relações" contribui para que o surgimento das "disfunções", como o chama Merton, ou fenômeno da desburocratização, possa levar a uma

(125) Tarcísio MOURA "Mercado de Cordialidades" in João Francisco RÉGIS DE MORAIS (Org.) op. cit., p. 49.

(126) Erich FROMM, A Revolução da Esperança, p. 111.

verdadeira desfiguração da personalidade ou ao anonimato absoluto, tal como o demonstra Moura quando diz:

"...que a ausência de comportamento agressivo e a prática da total conformidade exigidas de um burocrata exemplar, podem levar a um excesso verdadeiramente desfigurador de sua personalidade e ao anonimato absoluto das próprias características pessoais, mas também podem levar a uma atitude oposta". (127)

é o que se tem observado com frequência na criação do "espírito de grupo".

Encontramos então um verdadeiro paradoxo: o modelo organizacional de eficiência e racionalidade para a organização, ao invés de ser eficiente para o homem da organização, para o homem da sociedade, está a serviço da ideologia produtivista e dos objetivos de ordem econômica. Este paradoxo se constituirá como um verdadeiro impasse para os Estados que procuram acionar seu próprio desenvolvimento, através da modernização do aparato administrativo. (128)

As organizações burocráticas chegam a adquirir um caráter de onipotência e de onipresença, isto é, estão presentes em tudo e tudo querem resolver.

(127) Tarcísio MOURA "Mercado de Cordialidades" in João Francisco RÉBIS DE MORAIS (Org.), op. cit., p. 53.

(128) Cf. Ibid., p. 54.

"A burocracia torna-se onipresente, de forma que a sociedade, por ela assimilada, apresenta-se como um gigantesco organismo burocratizado. Totalizadora e totalizante, torna-se o regulador de todas as atividades humanas". (129)

Uma das primeiras conseqüências do mencionado é a ALIENAÇÃO do indivíduo, empobrecimento humano, "encarada como sua impotência para uma ação decisória própria". (130)

"Nestes termos, a burocracia deve ser tomada como uma técnica do empobrecimento humano. A idolatria das normas, a dedicação profissional levam a certas práticas pouco humanizantes como: conformismo, não competitividade, irresponsabilidade moral, idiotismo de profissão, sentimento de inutilidade vital, etc. Consagram a operação e nadificam o operante. Sobretudo o burocrata subordinado torna-se, fraco, indefeso e desconfiado de si mesmo e de suas próprias possibilidades". (131)

Por exemplo, a razão se aliena ao identificar-se com a

(129) Ibid., p. 63.

(130) Ibid., p. 56.

(131) Ibid., p. 55.

passividade da máquina. Ausente de si mesma, é incapaz de atuar por si mesmo. A força alienadora faz com que a razão somente seja capaz de atuar. Portanto, não há lugar para a iniciativa do indivíduo, as pessoas chegam a ser "casos", sejam casos de bem-estar, ou sejam casos médicos, em uma palavra, seja qual for o sistema de referência, estes "casos" são registrados, na maioria das vezes em cartões de computador sem aquelas características físicas que indicam a diferença entre 'uma pessoa' e um 'caso'.

(132)

Neste sentido, podemos dizer que o método burocrático é irresponsável, já que não responde às necessidades, opiniões e exigências de um indivíduo. Como é possível que uma pessoa seja considerada um caso para torná-la objeto da burocracia? Ou é mais fácil responder a casos do que a pessoas?

(132) Cf. Erich FROMM, *op. cit.*, p. 111.

CAPÍTULO III

RACIONALISMO INDUSTRIALISTA E ENSINO SUPERIOR

" A educação alienante se caracteriza por colocar os aspectos mais significativos para a vida humana na zona de penumbra... O indivíduo não se percebe como um ser interiormente vivo, concentrado no esforço de amadurecer, enriquecer-se e ligar-se à realidade criativamente, mas como algo inerte cujo único esforço é subir na escala social. Torna-se adaptado a uma relação interindividual egoísta, "competitiva e mercantilista".

(Maria Eugênia Castanho. Universidade à Noite)

Assim como a Revolução Industrial e com muito mais razão a Revolução Científica e Técnica mudaram as formas de vida e de produção, também mudaram o conteúdo do ensino e a forma de administrar da educação.

Com a Revolução Industrial em fins do século XVIII e princípios do século XIX, mudanças de ordem econômica e social trouxeram a necessidade de educar muito mais do que a uma pequena parte da população. Esta minoria formada já não era suficiente

para atender à demanda de elementos qualificados. É a partir daí que o ensino elementar começou a estender-se para as classes populares, criando-se para estas um ensino diferente, terminal e de caráter profissionalizante, enquanto que para outros era uma iniciação humanística. Caracterizam-se assim dois tipos de ensino: um para a elite e outro para o povo. (133)

Desta maneira, a expansão da técnica e a ampliação da divisão do trabalho com o desenvolvimento do capitalismo levaram à necessidade de universalização do saber ler, escrever e contar. A Educação já não constitui uma ocupação ociosa e sim uma fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis (134), porque na medida em que o processo econômico ia suscitando necessidades crescentes de pessoal capaz de ler, escrever e contar, com essa medida também a educação começou a estender-se e a vulgarizar-se, revestindo-se, por efeito de extensão, de diferentes formas novas.

Por isso, assinala Faure, a revolução industrial, à medida que alcança um número de países, exige uma expansão da educação e leva consigo a aparição do conceito de instrução universal e obrigatória, historicamente unida ao sufrágio. A ordem social, ou os antagonismos de classes, longe de debilitar-se, polarizam-se e agudizam-se, atenta a manter este processo de democratização do saber dentro de limites estreitos: porque uma coisa é tratar de ensinar as noções fundamentais, para assegurar à indústria uma reserva de mão-de-obra de acordo com suas necessidades, e outra coisa é abrir ao povo os caminhos do ensino

(133) Cf. Claudio MOURA et alii. Ensino técnico, p. 68.

(134) Cf. Maurício TRAGTENBERG. "A escola como organização complexa". in Walter GARCIA (Org.). Educação brasileira contemporânea, p. 15.

clássico e universitário, que continua sendo o feudo dos privilegiados, isto é, só daqueles que possuem fortuna. (135)

Até inícios deste século em países como a Inglaterra e a França ainda existiam escolas chamadas primárias superiores, para os filhos dos operários que, devido à sua condição social, não podiam frequentar a escola média. Como estes desejavam ter alguma especialização e como também os próprios países necessitam de mão-de-obra especializada, criou-se um tipo especial de escola: a profissional ou vocacional. (136)

Cabe também mencionar que com a revolução industrial surge a tendência de estabelecer uma relação direta entre o progresso da indústria e a vulgarização da instrução naqueles países que nesta época empreenderam o caminho da industrialização.

Assim pois,

“Desencadeia-se a campanha pela escola pública, universal e gratuita. Surgem os chamados sistemas nacionais de ensino”. (137)

1. Pedagogia Tecnicista

No Brasil, também com a tentativa de industrialização

(135) Cf. Edgar FAURE. *Aprender a ser*, p. 51.

(136) Cf. Claudio MOURA. *op. cit.*, p. 69.

(137) Cf. Dermeval SAVIANI. *Filosofia da educação brasileira.*, p. 28.

de fim do século XIX, a estrutura tradicional das escolas começa a causar inquietação, talvez porque "meramente copiávamos os aspectos mais ortodoxos da educação inglesa, francesa e alemã". (138)

Com a passagem de uma estrutura agrária para uma estrutura econômica e social de natureza tecnológica-industrial, iniciam-se significativas mudanças.

O incremento demográfico fez com que emergisse uma classe média urbana e também algumas indústrias de bens de consumo. Desta maneira se fazia necessário que o ensino fosse de caráter profissionalizante. Moura nos proporciona esses dados:

"Em 1910, o ensino técnico-industrial se desenvolve com as escolas de aprendizes artífices criadas pelo Governo Nilo Peçanha nas capitais dos Estados. São instaladas duas escolas profissionais em São Paulo (1911) e várias outras no Distrito Federal por iniciativa de Alvaro Batista". (139)

Essas escolas viriam a ser a raiz dos sistemas que depois foram implantados, tais como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e o Programa Intensivo de Mão-de-obra (PIPMO). Todas elas desempenharam um importante papel na

(138) Cf. Claudio MOURA. *op. cit.*, p. 69.

(139) *Ibid.*, p. 69.

preparação de mão-de-obra qualificada.

Nos primeiros anos da Segunda República o Brasil começou a viver uma época fértil em matéria de educação. A Revolução de 1930 se propôs também uma revolução educacional. Ingressava-se em um período de mudanças que estavam representadas pelo desenvolvimento industrial. Um ensino que atendesse à chamada de uma nova sociedade em mudança se fazia necessária. No entanto, o Brasil não estava educacionalmente preparado para atender aos reclamos de uma classe que se vinha formando passo a passo, pois o sistema acadêmico existente "não visava à formação de classes de trabalho mas sim ao enriquecimento de uma minoria que procurava ilustrar-se. É necessário que se faça uma escola de trabalho e de preparo real e não apenas de atividades rituais para o diploma e a redistribuição de recursos para a educação, estabelecendo-se a prioridade da gratuidade do ensino popular universal". (140)

É importante assinalar também que nesta época de 1930 tanto

"na forma e no fundo, nas idéias como nas realizações práticas, os sete anos da Segunda República foram em matéria de renovação educacional, os mais trepidantes de quantos têm vivido a Nação Brasileira. Já em 1930, foi criado o Ministério de Educação e Saúde Pública, fazendo do ensino garantia de maior

(140) Ibid., p. 71.

unidade de direção". (141)

Assim surge no Brasil um intenso entusiasmo pela educação "seja pela consciência acrítica de que a superação do analfabetismo significa a abertura do país no nível dos países desenvolvidos, seja porque aumentaria o "curral eleitoral", seja porque a presença de novas forças sociais despontando acarretariam um intenso "entusiasmo pela educação" (142), o fato é que neste afã de modernização se desenvolve um plano educacional com vistas a um maior progresso econômico, isto é, "cria-se o exército de trabalho para o bem da nação". (143)

O desenvolvimento do modo de produção capitalista acelerador do desenvolvimento urbano-industrial, criou um clima de ansiedade para o bem estar social e para a prosperidade nacional. Neste contexto só uma educação de caráter prático poderia salvar o país do atraso e da ignorância em que se encontrava. No final das contas, sem a escola seria difícil formar o cidadão e torná-lo força produtiva e eficaz, por isto a classe dominante, valendo-se da educação, coloca-a como uma forma de mobilidade e ascensão social para as classes populares. (144) Entretanto, este tipo de escola redentora da humanidade, não satisfaz às expectativas nela depositadas, o que leva Saviani a afirmar:

"No século atual, especialmente a partir da

(141) Ibid., p. 73.

(142) Carlos Jamil CURY. Ideologia e educação brasileira, p. 18.

(143) Barbara FREITAS. Escola, Estado e sociedade, p. 46.

(144) Cf. Carlos Jamil CURY. op. cit., p. 19.

primeira grande guerra, as esperanças depositadas na escola resultam frustradas. A escola que nascera com a missão de "redimir aos homens de seu duplo pecado histórico: a ignorância, miséria moral, e a opressão, miséria política", revelou-se incapaz de levar a bom termo aquele objetivo". (145)

Partindo da constatação de um mundo em crise, uma crise que é produto de uma civilização em mudança devido às grandes transformações geradas e geradoras de um imenso avanço científico-tecnológico (146), surgem educadores que propõem renovar e reformar a educação fundamentando-se em uma ideologia liberal educativa.

Estes educadores (147), provenientes da Europa e dos Estados Unidos, que vinham imbuídos das idéias da Escola Nova vieram a redigir e expor os princípios desta no Manifesto dos Pioneiros dos quais Moura nos diz que propunham suas idéias:

"... objetivando a defesa do princípio de laicidade, a nacionalização do ensino, a organização do ensino secundário e do ensino técnico e profissional, a criação de universidades e de institutos de alta cultura

(145) Dermeval SAVIANI. *op. cit.*, p. 28.

(146) Cf. Carlos Jamil CURY. *op. cit.*, p. 65.

(147) Formam parte deste grupo de vultos que se tornarão nos grandes líderes da Educação Brasileira, Sampaio Dória, Lourenço Filho, Fernando Azevedo, Almeida Junior, Carneiro Leão, Anísio Teixeira, Luís Trindade, Francisco Campos e outros (Cf. Claudio MOURA, *op. cit.*, p. 72)

para o desenvolvimento dos estudos... Em linhas gerais, pode-se afirmar que o Manifesto dos Pioneiros lutava por uma melhor qualidade de ensino e não por uma maior quantidade do mesmo".(148)

Assim, a esse entusiasmo pela educação se une um otimismo pedagógico cuja proposita se baseava em reformar as escolas existentes. Este era o momento para que se desse uma inovação implantando os princípios escolanovistas, os quais teriam como consequência que:

"A Escola seria mais eficiente, seu espírito científico qualificaria o ensino, a psicologização do processo educacional capacitaria o aluno segundo suas virtualidades, a administração escolar racionalizaria o processo educacional. Enfim, começa a se fazer presente no Brasil, a idéia da Reconstrução Social pela Reconstrução Educacional". (149)

Desta maneira, o ensino academicista, formalista e intelectualista, que até 1930 havia primado no país e que "ainda comportava, com a oligarquia no poder, um tipo de educação

(148) Ibid. p. 73.

(149) Ibid., p. 19.

voltada para a satisfação dos interesses oligárquicos: ornamento cultural, preenchimento dos quadros da burocracia de Estado e das profissões liberais" (150), ficaria superado já que o país exigia do homem brasileiro, ou melhor, das classes trabalhadoras, o papel de representante da força produtora da riqueza nacional.

Por isto a política educacional do Estado Novo tinha como finalidade transformar o sistema educacional em um instrumento mais eficaz de manipulação das classes subalternas (151) que no passado haviam sido excluídas do acesso ao sistema educacional e que agora se lhes dava "generosamente" a oportunidade de participar criando escolas técnicas e profissionalizantes.

Para Bárbara Freitag,

"A verdadeira razão dessa abertura se encontra, porém, nas mutações ocorridas na infra-estrutura econômica, com a diversificação da produção. Especialmente o trabalho nos vários ramos da indústria exige maior qualificação e diversificação de força de trabalho, e portanto um maior treinamento do que o trabalho na produção açucareira ou do café". (152)

No entanto, também o escolanovismo diminuiu sua força

(150) Ibid., p. 18.

(151) Cf. Barbara FREITAG, *op. cit.*, p. 45.

(152) Cf. Ibid., p. 45.

no término da primeira metade do presente século (153). Dentro dele surgiram novas propostas: de um lado a Escola Nova popular, cujo representante no Brasil é Paulo Freire e na França Freinet; de outro lado, radicalizam-se os métodos pedagógicos presentes na Escola Nova que acaba terminando na eficiência instrumental. (154)

Ao enfatizar a qualidade de ensino, a Escola Nova orienta-se mais para o aspecto técnico-pedagógico, surgindo desta maneira a Pedagogia Tecnicista dentro dos critérios da Escola Nova e dando ênfase aos métodos pedagógicos que acabam por desembocar na eficiência instrumental, articulando-se uma nova teoria educacional.

Esta Pedagogia encontra seus fundamentos nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, princípios próprios de um sistema industrialista cuja acumulação e produção se dá a partir da qualificação especializada da mão-de-obra, adaptando-se ao processo de trabalho organizado de forma parcelada.

Desta maneira começa-se a planificar a educação, como se fosse só uma organização racional desencarnada de toda subjetividade, operando só com objetivos e mecanizando todo o processo. Daqui surgem todas as propostas pedagógicas que passam a inspirar a maior parte dos estudos e iniciativas na área de educação, principalmente a análise de sistemas, micro-educação, tele-educação, instrução programada, cibernética educativa, operacionalização de objetivos etc. (155)

(153) Cf. Dermeval SAVIANI, *Escola e democracia*, p. 15

(154) Cf. *Ibid.*, p. 15.

(155) Cf. *Ibid.*, p. 16.

Sob esses aspectos podemos constatar que também a educação superior toma esta nova orientação.

"A Pós-Graduação em Educação ilustra esse fenômeno de modo eloquente. Com efeito, através do levantamento que fizemos, pudemos constatar que a maioria das 64 dissertações e teses concluídas até dezembro de 1977 segue a orientação tecnicista". (156)

Constatamos também que,

"... a universidade tecnocrática não é outra coisa senão a aplicação ao ensino superior de uma concepção mais ampla de educação que tentou estender para todo o processo educativo a objeção do trabalho pedagógico" (157)

Na pedagogia Tecnicista o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, convertendo-os em fins, desta maneira, aluno e professor passam a ser meios, simplesmente meros executores de todo o processo escolar, ficando a cargo dos especialistas a planificação, coordenação e controle. Desta maneira, caberia à Educação proporcionar esses especialistas mediante um eficiente treinamento para a execução das

(156) Dermeval SAVIANI. Filosofia da educação brasileira, p. 38.

(157) Id. Ensino público e algumas falas sobre a universidade., p. 82

múltiplas tarefas demandadas continuamente pelo sistema social.

(158)

Esta racionalidade do saber consiste em fazer com que o especialista saiba muito a respeito de pouca coisa (159), em outras palavras, consiste em fragmentar o saber a fim de torná-lo mais produtivo, mais rentável. Assim a ênfase posta em fatores com maior racionalidade e superioridade técnica na organização burocrática do trabalho (escolar ou universitário) leva a uma estratégia divisionária entre aqueles que decidem e aqueles que executam diretamente o trabalho, ou em outras palavras, entre a cúpula da administração e os alunos e funcionários.

Desta maneira, o processo educativo passa a organizar-se e a administrar-se sob os moldes de uma empresa capitalista para tornar os objetivos mais operacionais, mais funcionais, mais eficientes. De modo semelhante ao que ocorreu no sistema fabril, pretende-se a objetivação do trabalho pedagógico.

"Buscou-se planejar de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos, em outros aspectos, mecanizar o processo". (160)

Também no ensino superior,

(158) Cf. Ibid., p. 18.

(159) Cf. Maurício TRAGTENBERG. Burocracia e ideologia, p. 78.

(160) Dermeval SAVIANI. Escola e democracia, p. 15.

"Como todos sabem a atual política educacional foi formulada a partir dos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade. Esses princípios implicaram então, na tomada de certas medidas com relação à estrutura da Universidade". (161)

Daí decorre o parcelamento do trabalho pedagógico com a especialização de funções, introduzindo-se no sistema de ensino técnicas de diferentes matizes. (162)

A educação contribui socialmente na medida em que forme indivíduos eficientes, capazes de contribuir para o aumento da produtividade da sociedade. Do contrário, o indivíduo que não tenha essas características será considerado incompetente, ineficaz e improdutivo e a mesma sociedade o fará marginal, porque se constituirá em uma ameaça para a estabilidade de todo sistema social.

Ao querer transplantar o funcionamento fabril, isto é, um sistema propriamente funcional, a escola tecnicista perde de vista o significado real do fato educativo, desvirtuando-o e fazendo dele um processo meramente mecânico.

Esta situação educacional afetou tremendamente os países da América Latina, especialmente o Brasil, Perú e Argentina, que, ávidos de encontrar modelos "novos" esqueceram aspectos importantes da educação. Desviaram-se das atividades-

(161) Id. Ensino público e algumas falas sobre universidade, p. 95.

(162) Cf. Id. Escola e democracia, p. 16.

fins para as atividades-meios parcelas consideráveis dos recursos sabidamente escassos destinados à educação. Por outro lado, sabe-se que boa parte dos programas internacionais de implantação de tecnologias de ensino nesses países tinham por detrás outros interesses como por exemplo a venda de artefatos tecnológicos obsoletos para os países subdesenvolvidos. (163)

No Brasil, a Pedagogia Tecnicista surge dentro de um contexto de transformações de índole econômico-sócio-política caracterizado por Saviani como *crise conjuntural*, cujas consequências são vividas pela escola e pelo ensino superior. Ademais, o avanço do capitalismo monopolista já oferecia condições à política educacional de acionar um novo mecanismo de recomposição de hegemonia: os meios de comunicação de massa e as tecnologias de ensino. (164)

"Assim, a crise que a universidade brasileira vive, a crise que a educação vive, caracteriza-se dentro da crise de conjuntura. Sabe-se, por exemplo, que, nos últimos anos, dado o controle político da tecnoburocracia militar que assumiu a tarefa de planejar o processo econômico, a educação foi chamada a integrar esse processo. E nesse sentido toda a ênfase posta na tarefa educacional foi uma ênfase técnica, uma ênfase de racionalidade

(163) Cf. Ibid., p. 19.

(164) Cf. Id. Educação: do senso comum à consciência filosófica, p. 202.

técnica. É isto que vem sendo chamado de crise da universidade, a universidade tecnocrática”.

(165)

Que podemos dizer de toda esta temática apresentada? Através da apresentação destas tendências pedagógicas pudemos constatar que o processo educativo esteve sempre ligado às condições estruturais da sociedade que o engendra. Isto significa que a burguesia no poder ao consolidar-se não se tornou apenas classe dominante mas também classe hegemônica, implantando à sociedade sua visão de mundo (liberalismo). Desta maneira, a ideologia burguesa passa a ser compartilhada pela sociedade como senso comum. Esta idéia fica muito bem expressada em Freitag:

“Toda classe hegemônica procura concretizar sua concepção de mundo na forma de senso comum, ou seja, fazer com que a classe subalterna interiorize os valores e as normas que asseguram o esquema de dominação por ela implantada. Um dos agentes mediadores entre a transformação da filosofia da classe hegemônica em senso comum da classe subalterna é o sistema educacional dirigido e controlado pelo Estado”.(166)

Cabe também mencionar que o antagonismo de classe,

(165) Ibid., p. 203.

(166) Barbara FREITAG. *op. cit.*, p. 35.

próprio de uma sociedade estruturada sob a base do modo de produção capitalista, não ficou anulado. Estas se fortaleceram já que toda hegemonia supõe dominação. Assim, a classe dominante para garantir sua hegemonia, valeu-se das diferentes concepções da educação como mecanismo de recomposição.

Motta e Pereira assinalam que se entendermos a burocracia como uma forma de poder legítimo, isto é, entendendo-a como uma forma específica de estrutura de dominação da qual o Estado e a empresa capitalista são paradigmas, e percebendo que para Weber a dominação é um estado de coisas em que o comportamento dos dominados aparece como se houvessem adotado como sua a vontade manifesta do dominante, fica muito clara a preocupação de Max Weber com a burocratização crescente da vida social e com o que isto representaria para seu produto: os estudantes. (167)

Neste sentido,

"A escola é, por tudo amplamente burocratizada. Isto está presente nos critérios de seleção, de promoção, nos programas e nos exames. A compulsão burocrática transparece, claramente no meio acadêmico. Sua segurança e a conformidade, que procura inculcar, parecem tranquilizar a sociedade. Os frutos da escola não apenas são os frutos de uma burocracia, com todas as suas

(167) Cf. Fernando Prestes MOTTA e Luiz Bresser PEREIRA. Introdução à organização burocrática, p. 254.

implicações, mas são os frutos reprodutores de uma sociedade burocrática, reprodutora das relações sociais presentes em suas bases".

(168)

Porque da escola sairão os burocratas, os operários, os empresários e os ideólogos, já que o saber que é transmitido nas escolas e universidades não está apenas relacionado à divisão técnica do trabalho existente na sociedade, mas também à divisão social correspondente. (169)

Por exemplo, a escola redentora da humanidade situava a educação em termos explicitamente políticos. A escola era entendida como um instrumento para transformar os súditos em cidadãos (170), ou de alfabetizar o povo para que este apóie os projetos de governo (171), coisa que na realidade muitas vezes não acontece.

Mas como não deu certo a escola redentora da humanidade, surgiu a Escola Nova, também como mecanismo de recomposição da hegemonia da classe dominante, hegemonia que é ameaçada pela crescente participação política das classes populares e viabilizada pela alfabetização através da escola universal e gratuita.

Em uma palavra, a educação está a serviço dos interesses das forças que emergem da sociedade, do poder

(168) Ibid. p. 254.

(169) Cf. Ibid., p. 254.

(170) Cf. Dermeval SAVIANI. Filosofia da educação brasileira, p. 30.

(171) Cf. Ibid., p. 30.

hegemônico e não a serviço do homem. A educação, diz Saviani, aponta para o homem, porque que sentido teria se não estivesse dirigida à promoção do homem? (172)

Neste sentido coincidimos com o autor mencionado ao sugerir que a condição básica para alguém ser educador é ser um profundo conhecedor do homem. Promover o homem significa torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para que possa intervir nela transformando-a em liberdade, comunicação e colaboração entre os homens (173)

2. Educação Burocrática

Já assinalamos na primeira parte deste capítulo alguns aspectos da racionalização da administração e organização do ensino superior. No entanto, nesta segunda parte trataremos de apresentar o aspecto burocrático como um dos fatores de poder e dominação do sistema capitalista.

Neste afã de modernização e de igualar o país à altura dos países altamente desenvolvidos, se faz necessário para a solução dos problemas sócio-econômicos-políticos o predomínio da técnica, característica própria de um sistema capitalista, em sua etapa monopolista .(174)

Esta etapa se caracteriza também segundo Covre

(172) Cf. Id. Do senso comum à consciência filosófica, (op. cit.) p. 39.

(173) Ibid., p. 40.

(174) Cf. Maria Lurdes COVRE. A formação e a ideologia do administrador de empresa, p. 57.

"...por um 'desmoronamento' da economia nacional pró uma economia de mercado ou de cunho mais internacionalizante, por uma concentrações econômica e política, por alto índice de burocratização que assume aspectos específicos nas empresas pelo uso de tecnologias cada vez mais complexas e no Estado pelo uso das técnicas de planejamento, o que compõe e permite o Estado Intervencionalista" (175)

Ao alcançar esta etapa, se fará com que os países subdesenvolvidos ou periféricos sintam oposições centradas no surgimento de uma tecnologia também de caráter internacionalizante já que a condições precária destes países não lhes permite competir com as inovações tecnológicas, vendo-se assim na obrigatoriedade de importá-las em um processo contínuo e crescente.

Nestes países subdesenvolvidos a técnica pode assumir uma forma mítica solucionadora de seus problemas sócio-econômicos, como já assinalamos anteriormente, relacionando assim com a incorporação crescente da tecnologia moderna para possibilitar o desenvolvimento do país com o surgimento da "ideologia da neutralidade ou apoliticidade da técnica, encobrindo o fato de que, antes de ser um instrumento da libertação humana e social, a técnica pode ser uma poderosa arma

(175) Ibid., p. 57.

para o controle econômico e político". (176)

A ênfase dada à técnica é uma forma de encobrir o capitalismo, isto é, de encobrir o específico de suas relações sociais, seu próprio antagonismo entre as classes sociais.

"Esta ideologia mascara ao mesmo tempo o capitalismo, as leis do capitalismo, a estrutura do Estado nos quadros do capitalismo e a evoluções dessa estrutura. Fazer política gritando que não a faz não é atitude nova, nem original. A ilusão tecnológica e tecnocrática com seu aparente "apoliticismo" continua uma velha mistificação. A crítica objetiva evidencia que os técnicos aceitam o quadro social e político existente, que eles se integram, porque suas técnicas são determinadas por este quadro e pelas relações sociais existentes". (177)

É aqui, neste contexto de necessidades crescentes da técnica para o desenvolvimento, exportada para os países subdesenvolvidos, onde se encontra abundância de mão-de-obra, onde se faz necessária uma burocracia especializada, como condição de desenvolvimento do capitalismo. Em uma palavra, a função desta burocracia especializada pode ser considerada como

(176) Ibid., p. 58.

(177) Ibid., p. 59.

instrumento de acumulação do capital e reassegurar as relações de produção de forma mais eficaz. (178)

Como esta burocracia especializada havia de ser composta por técnicas e tecnólogos de vários ramos, significava que era na Universidade que este deveriam ser encontrados e portanto ali ser preparados.

É evidente então que neste contexto de modernização aos novos padrões de desenvolvimento, e de acordo com o modelo econômico, a administração e organização da educação superior deveria se adaptar, porque

"A complexidade do processo de desenvolvimento está relacionada ao uso crescente da técnica, seja ela maquinária ou organizatória, o que torna imprescindível a necessidade de um contingente cada vez maior de profissionais especializados para as diferentes funções de controlar, analisar e planejar as atividades empresariais, e para as atividades do planejamento estatal. A formação de administradores vem atender parte dessa necessidade, bastante presente na última década do processo de desenvolvimento brasileiro. Os alunos/administradores contribuem para a formação da máquina burocrática" (179)

(178) Cf. Ibid., p.59.

(179) Maria Lurdes COVRE. op. cit., p. 60.

Prestes Motta assinala que os líderes educacionais de hoje em dia, em seu afã de procurar um método e uma forma mais eficiente de administrar organizações educacionais, como o fim de alcançar suas metas educacionais, fazem uso do modelo burocrático, que por sua vez é uma forma de o Estado exercer sua dominações e controle sobre a coletividade. (180)

No Brasil só a partir de 68 o Governo empreendeu de forma sistemática mudanças no sistema de ensino superior, sob a intensa pressão das diversas classes sociais, em um ambiente de crise e insatisfação que tornava absolutamente impostergável uma tomada de posição.

As classes populares pressionavam para o ingresso na universidade, pois tratava-se do problema dos excedentes, isto é, da insuficiência de vagas. Este interesse pelo ingresso na universidade parece coincidir com a expansão da indústria já que o processo de industrialização amplia as oportunidades de trabalho especializado direta ou indiretamente em obras de infraestrutura, comunicação, transporte, energia, no setor de serviços, no aparato burocrático-administrativo, etc.

"A implantação das multinacionais, o fortalecimento das empresas estatais e dos órgãos de administração, planejamento, controle e coordenação, tudo isto resultou no delineamento das novas frentes no mercado de trabalho a solicitar profissionais de nível

(180) Cf. Fernando PRESTES MOTTA. O que é burocracia, p. 23.

superior". (181)

Como já mencionamos também no segundo capítulo deste trabalho, o diploma é condição necessária para ingressar no universo fechado da burocracia, sobretudo em uma sociedade onde, segundo Max Weber, o diploma substitui o direito de nascimento. (182) Assim se pode compreender porque a "bandeira da democratização do acesso à universidade foi encampada com tanta ênfase pela classe média cujos projetos se direcionavam para a carreira universitária...". (183)

Esta idéia está muito bem expressa em Dias Sobrinho quando diz:

"Agora, a mobilidade ascensional é quase que exclusivamente possível por meio da ocupação dos novos cargos e funções exigidos pelo regime de industrialização e pelo domínio da tecnoburocracia. E cabe à escola propiciar essa capacitação técnica e o valor social de ascensão (título, diplomas...) a que aspiram as classes médias, mecanismo pelo qual também se enquadra no sistema". (184)

(181) Eladio de ALMEIDA BARBOSA. Burocracia e processo decisório na administração das universidades federais brasileiras: um estudo de caso, p. 56.

(182) Cf. Maurício TRAGTENBERG. "A escola como organização complexa". in W. GARCIA. (org.) Educação brasileira contemporânea, p. 16.

(183) Eladio de ALMEIDA BARBOSA. op. cit., p. 56.

(184) José DIAS SOBRINHO. "Universidade e classes médias: Aspectos do caso brasileiro" in Revista Educação e Sociedade, no 4, p. 111-121.

Também os estudos sobre Anísio Teixeira mostram como desde os anos 30, a preocupação em modernizar ou inovar nossas escolas traduziu-se em forma de burocratização da instituição escolar e universitária.

Assim, Rezende assinala que:

No processo de modernização, a primeira etapa, que durou muito tempo, foi de burocratização, no sentido talvez mais positivo da palavra. Adotando um comportamento cartorialista, deu-se muita ênfase à própria legislação. Modernizar significou burocratizar, e burocratizar significou multiplicar e "reformular" as leis relativas ao ensino, à estrutura e ao funcionamento de nossas universidades. Evidentemente, estamos até hoje pagando o preço de semelhante burocratização.

(185)

Esta situação legalista pretendia ser um processo de racionalização da administração, dando para isso um passo a mais: a mecanização. Isso não significou apenas a aquisição de máquinas, mas considerou-se o funcionamento destas como modelo do humano .(186)

Também Cunha afirma que o processo de modernização do

(185) Antonio Muniz de REZENDE. O saber e o poder na universidade: dominação ou serviço?, p. 23.

(186) Cf. Ibid., p. 23.

ensino nesta época de 30 se encontra já desde

"...quando os serviços de um consultor norte-americano foram solicitados pelo Ministério da Aeronáutica (do Brasil) para ajudar a traçar os planos de criação de um instituto tecnológico". (187)

Por isso, continua o autor, quando chegaram os assessores norte americanos da USAID encontraram o terreno propício para semear suas idéias e reforçar o modelo de universidade copiada dos moldes norte-americanos. (188)

Desta maneira podemos afirmar então que por burocratização se entende não só o fato de que as "reformas" foram feitas de cima para baixo, mas também o fato de terem sido dirigidas por técnicos. Em outras palavras, o contexto brasileiro das reformas pode ser caracterizado pela aproximação e pela identificação entre burocracia e tecnocracia.

Considerando, por outro lado, que o progresso da tecnocracia se caracterizou pelo descobrimento tecnológico moderno, as peculiaridades deste último passam a ser também as dos técnicos em educação. Peculiaridades que podem ser traduzidas como racionalização com vistas à maior produtividade.

Cunha encontra também nos conflitos políticos, durante os primeiros anos do regime instituído pelo golpe militar de

(187) Luís Antonio CUNHA. A universidade reformada, p. 21.

(188) Ibid., p. 46.

1964, o motor da modernização do ensino superior, refletida na Lei 5540/68 chamada Lei da Reforma Universitária. Nas próprias palavras de Cunha:

"Esses conflitos consistiam na imposição de medidas restritivas às instituições de ensino superior pelo governo autoritário, contra as quais se interpunham as mais diversas resistências. As medidas restritivas eram de vários tipos, desde a demissão de reitores e diretores, e expulsão de professores e estudantes, até o impedimento legal de certas experiências específicas de modernização do ensino superior, como a Universidade de São Paulo. As resistências iam desde o revigoramento do movimento estudantil, que chegou a buscar uma concepção original de Universidade, até a rejeição da intromissão dos consultores norte-americanos no planejamento do ensino brasileiro". (189)

É nesta busca das determinações do ensino superior que o autor citado encontra a subordinação da universidade à empresa capitalista. Subordinação não tanto no que se refere ao aspecto financeiro, mas quanto à dominação, à hegemonia que as práticas do americanismo, próprias da grande indústria, passará a ter

(189) Luís Antonio CUNHA. *op. cit.*, p. 19.

nela: a organização e a avaliação da universidade em função da produtividade, da organização racional do trabalho e das linhas de comando, conceitos essenciais das doutrinas de Frederick Taylor e de Henry Fayol. (190)

Depois de 1968, "destaca-se então um fato importante, que é o surto do ensino superior, no qual o ensino de administração está inserido...O crescimento do ensino superior, tal como vem se verificando, parece vir atender esta necessidade de fornecimento de mão-de-obra especializada de nível universitário, para as empresas". (191) Porque neste novo contexto se torna mais importante a valorização da planificação, da técnica, da necessidade de profissionais especializados, pelo vínculo profundo que se redefine e se firma com o capitalismo internacional e com as imposições deste.

Por isto os acordos MEC-USAID constituem a pedra angular da reforma educacional depois de 68. Dentro de um dos pontos deste acordo se afirma que:

"A Universidade do Brasil é elitista, é um luxo, que só deixaria de ser, se ela pudesse produzir o que fosse aproveitado imediatamente pela nação, o que significa que produzisse uma grande quantidade de profissionais determinados". (192)

(190) Cf. Ibid., p. 19.

(191) Ibid., p. 59.

(192) Maria Lurdes COVRE. op. cit., p. 76.

E também neste mesmo sentido se encontram as prescrições do Relatório da Reforma Universitária:

"... a reforma tem objetivos práticos e tende a conferir ao sistema universitário uma espécie de racionalidade instrumental em termos de eficiência tecnoprofissional, que tem por consequência o aumento da produtividade dos sistemas econômicos". (193)

A reforma insiste em que o sistema escolar e, especialmente a universidade, deva ser concebido como um sistema de produção como uma verdadeira empresa, cuja finalidade é produzir ciência, tecnologia e cultura geral. Como toda empresa, há de racionalizar o processo de produção para alcançar o grau mais alto de rentabilidade e produtividade.

O resultado final é o ensino profissionalizante. É a transformação do estudante em um professor pouco "pensante" e é principalmente sua transformação em técnico, aplicador de tecnologia em sua maior parte importada, e não mais em um possível e futuro investigador, cientista. As consequências de tudo isso vemos diariamente na evasão de cérebros; grande parte dos estudiosos que chegam a ser investigadores, vem a necessidade de sair do país em busca de universidades estrangeiras onde possam encontrar possibilidades de trabalho de pesquisa, do contrário se resignam aceitando cargos administrativos e deixando

de lado o trabalho de pesquisador, próprio de um professor universitário.

Devemos recordar que o instrumento principal da superioridade da administração burocrática é a especialização condicionada pela técnica. Esta política está refletida na prática da administração educacional como assinala Rezende:

"A ênfase que se vem dando à análise institucional tem revelado uma acentuada tendência a encarar a instituição universitária a partir do que tem de comum com outras instituições, particularmente a empresa capitalista, numa evidente preocupação com os aspectos econômicos do funcionamento institucional (ou empresarial) em termos de economia de recursos, produtividade, facilitação de processos, etc." (194)

Evidentemente tudo isso é acompanhado de uma linguagem que provém diretamente do campo das máquinas (computadores) onde a partir da própria noção tecnocrática de modelo e de análise, os dados são tratados de maneira objetiva, científica, em uma palavra, de uma maneira mecânica, considerando este processo como um progresso inegável na história das instituições. (195)

é certo que há aqueles que afirmam que a finalidade do

(194) Antonio Muniz de REZENDE. Administrar é educar ou...deseducar? in Revista, Educação & Sociedade., no 2, p. 26.

(195) Cf. Ibid., p. 26.

ensino superior não é a educação propriamente dita, mas o desenvolvimento econômico e tecnológico do país. Sob esse ponto de vista, a administração universitária é concebida à imagem e semelhança da administração empresarial que por sua vez define-se em termos econômicos e tecnológicos. Por outro lado, sabemos que a tecnologia supõe uma determinada concepção da ciência e cuja orientação prática está dirigida para a produção e aumento do rendimento da empresa.

É fácil então perceber a implicação pedagógica que tudo isso supõe, isto é, se a administração supõe uma aprendizagem, um adestramento, um treinamento, um modo de ser característico por parte de administradores e administrados, adaptados muitas vezes ao modelo mecânico ou burocrático, funcionando como máquinas perfeitas, sem cometer nenhum erro, com o máximo de economia e produtividade, podemos deduzir que se trata de problema de racionalização dos processos administrativos.

É neste sentido que a administração universitária se impregna de princípios racionais para produzir mão-de-obra mais educada, mais modernizada, com novos valores de eficácia e melhor qualificada. No entanto, o problema não está em tornar o sistema mais racional mas sim de perguntar a que objetivos serve a racionalidade e quem se beneficia em última instância com tais objetivos.

A função sócio-econômica e política dos produtos da escola ou da universidade, saber, ciência, tecnologia e cultura, está mudando na medida em que são colocados a serviço de novos interesses, os produtos da escola ou da universidade se

convertem, cada vez mais, em condições para uma lucrativa acumulação e instrumentos de controle e dominação social. Consequentemente as reformas educacionais propostas pelo Estado perdem sua dimensão de serviço social para insistir em colocar o sistema educacional a serviço do desenvolvimento econômico e de um desenvolvimento sócio-político que o garanta

CAPÍTULO IV

PROPOSTA ANTROPOLÓGICA PARA UMA ADMINISTRAÇÃO HUMANA: PESSOA E PENSAMENTO UTÓPICO

"Cada ser humano é único, sem precedentes e sem repetições. A espécie Homo Sapiens pode ser descrita com os termos inanimados da Física e da Química, mas o homem de carne e osso, nunca. Reconhecemos-lo como um ente único por sua voz, suas expressões faciais, seu modo de andar e, mais ainda, por suas respostas criadoras ao ambiente e aos acontecimentos.

(René Dubos, *Um animal tão humano*)

Depois de apresentar as características mais relevantes da sociedade tecnológica e os efeitos que esta exerce sobre o homem, cabe agora perguntarmos: Que é o ser humano?, pois não podemos afirmar que a sociedade tecnológica é desumana se não tivermos uma idéia clara, ainda que não exata, do que é o ser humano. Quem poderia ter uma idéia exata do que é o homem? Ou melhor, de quem é o homem? Evidentemente que dada a complexidade do tema, não pretendemos tratá-lo exaustivamente, porque além de reconhecermos nossa limitação no assunto, sabemos que o homem é um

ser concreto e inesgotável, que não pode ser comprovado, mas só reconhecido como se reconhece uma pessoa e inclusive menos reconhecido que saudado e isto porque o homem não é suscetível de definição. (196)

Nossa intenção é apenas fazer uma aproximação e refletir "em termos das próprias condições de existência humana" (197), a fim de estabelecer um ponto de partida e um ponto de chegada de toda atividade humana; desta maneira estaremos em melhores condições de reconhecer que uma sociedade baseada na racionalidade da técnica não pode fazer justiça à realidade humana.

A civilização contemporânea talvez hoje mais que nunca se apresenta em crise. Esta afirmação é constatada por vozes autorizadas em todos os setores. O progressivo avanço material em descompasso com o domínio moral ameaça cada vez mais o homem. Filósofos e cientistas como Spengler, Berdiaeff, Heidegger, Jaspers, Marcel, Sorokin, Fromm, Marcuse, Husserl e Heisenberg, entre outros, se manifestaram contra o avanço da técnica e contra a ameaça que ela representa para o ser humano. E o que estamos vivendo nestes dias senão o avanço de uma técnica bélica posta a serviço de uma guerra (198), que só trará como consequência a desumanização e destruição do homem?

Assim por exemplo Edmund Husserl escreveu antes de sua morte em 1938, que a civilização ocidental está em crise, podendo

(196) Cf. Emmanuel MOUNIER, *Introducción a los existencialismos*, p. 31.

(197) Antonio Joaquim SEVERINO, *Pessoa e existência*, p. 28.

(198) A guerra a que nos referimos é a Guerra do Golfo (Pérsico) que estava acontecendo durante o desenvolvimento deste capítulo.

levar a humanidade à barbárie e à morte. O autor mencionado não tinha dúvidas em reconhecer os admiráveis progressos e conquistas da ciência moderna mas denunciou que a ciência está corroída por dentro, por um veneno: um certo tipo de racionalismo que acaba com o homem e com sua história. (199)

Herbert Marcuse também considerou que as raízes da crise da sociedade atual se encontram na racionalidade, que escraviza o homem:

"Esta situação absurda de nossa sociedade racionalizada não é senão a expressão duma contradição mais profunda: a sensação ilusória de liberdade onde não há liberdade: a escravização do homem, que se pensa livre. O homem, na sociedade contemporânea, é escravo, é dominado pelo sistema que ele próprio criou e sustenta, e -pior que tudo- quer e defende esta escravidão trocando-a por liberdade. É o extremo da alienação: querê-la e lutar para conservá-la" (200)

Gabriel Marcel distingue em uma sociedade tecnológica entre o "ser" e o "ter", fazendo uma dura condenação à técnica como responsável pela desumanização do homem contemporâneo, já que numa sociedade tecnológica e industrial tudo se reduz àquilo

(199) Cf. Pedro NOGARE. *Humanismos e anti-humanismos*, p. 219.

(200) Herbert MARCUSE, *Ideologia da sociedade industrial*, p. 30.

que se tem. Neste plano do "ter" e, por conseguinte, da objetividade, da problemática, da técnica, do fazer, se encontra o plano da alienação, da angústia, do desespero. Neste aspecto o homem é degradado a simples objeto, isto é, o homem quanto mais possui tanto mais é possuído pelas coisas. Escravizado pelos objetos deixa de ser ele mesmo a tal ponto que a fórmula filosófica que o orienta é a de que o homem não vale pelo que é mas pelo que produz, e por conseguinte pelo que tem. (201)

Este conceito de modo de vida do "ter" e do "ser", foi também trabalhado por Erich Fromm, que manifesta que:

"...na medida que haja satisfação das necessidades básicas materiais, a continuidade predominante do modo de vida "Ter", bloqueia a realização do modo de vida "Ser". E a realização do modo de vida "Ser" é o que caracteriza realmente o fenômeno humano e que permite sua ampla realização". (202)

Também Heisenberg, cientista alemão, descreveu a situação do homem atual através de uma metáfora, expressando-se da seguinte maneira:

"Com seu aparentemente ilimitado crescimento de poder material, a humanidade se encontra na

(201) Cf. Pedro NOGARE. *op. cit.*, p. 221.

(202) Erich FROMM, *Ter ou Ser?*, p. 26.

situação de um marinheiro, cujo barco foi construído com tal concentração de ferro e aço, que a bússola aponta constantemente para ele, e não para o norte. Com tal barco nenhum destino pode ser alcançado; ele andará em círculo, exposto aos perigos dos ventos e das ondas" (203)

Com esta metáfora Heisenberg sublinha o fato de que cada vez que o homem realiza uma invenção terá que perguntar-se a quem irá servir e qual seu propósito. Porque não é verdade que tudo o que pode ser inventado deva ser posto a serviço do homem, ou que tudo o que é tecnologicamente possível deva ser produzido e colocado no mercado.

Nestas declarações podemos constatar a preocupação por um humanismo, pela recuperação do ser humano numa sociedade onde tudo deve ser tratado científica e tecnicamente, por exemplo, os próprios fenômenos psicológicos e sociais são submetidos a análises quantitativas, e parece que não pode haver verdadeira ciência que não obedeça a critérios matemáticos.

Compreende-se, então, que nesta redução da realidade há um lugar muito pequeno para conceitos como dignidade humana, justiça, liberdade. Para a ciência estes conceitos soam como palavras sem significados porque pertencem a uma linguagem que ela ignora quase completamente. (204) Penso que só uma reflexão

(203) URBAN e GLENNY (Org.), *O preço do futuro*, p. 60.

(204) Cf. Pedro NOGARE, *op. cit.*, p. 197.

filosófica humanista poderia fundamentar esses valores, sem embargo, para os cientistas, metafísica, religião e tudo que é referente ao humano não passam, em geral, de mistificação da realidade.

Temos pois de acorrer à filosofia na medida em que esta se encontre mais irrecusável e intimamente ligada ao problema do homem e lhe confira um lugar importante. Trata-se de enquadrar este problema dentro de uma antropologia filosófica cuja preocupação é antes de tudo apenas uma: refletir e perguntar o que é o homem?

Com esta reflexão nos introduziremos no campo educativo, já que a educação é um empreendimento eminentemente humano pois é dirigido à realização do homem, que é o que justifica sua existência. Para Dermeval Saviani:

"...a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?... E como a educação se destina (senão de fato, pelo menos de direito) à promoção do homem, percebe-se já a condição básica para alguém ser educador: ser um profundo conhecedor do homem". (205)

Coincidindo com o pensamento de Saviani de que todo educador há de ser um profundo conhecedor do homem, faz-se necessária uma base filosófica para todo aquele que queira

(205) Dermeval SAVIANI, Educação: Do senso comum à consciência filosófica, p. 39.

empreender o trabalho de educar.

1. O Homem Pessoa

B. Franklin, definiu o homem como o animal técnico, e na realidade nada impede que o seja já que é definido como HOMO FABER, isto é, como o fabricante de ferramentas. (206) Para Marx, o homem se separa do animal na hora em que começa a fabricar instrumentos de trabalho.

Segundo os evolucionistas, por sua inteligência o homem conseguiu pouco a pouco libertar os membros anteriores da função locomotiva e assim pôde conquistar a posição ereta, sendo-lhe possível dominar a natureza. Este poderio do homem primitivo, Darwin explica como consequência da linguagem, a qual colocou o homem em condições de usar armas, instrumentos, armadilhas etc., com as quais pôde defender-se, matar e caçar sua presa para alimentar-se. Descobre a arte de fazer o fogo com a qual as raízes mais duras e fibrosas se converteram em digeríveis e as raízes e ervas venenosas se transformaram em inócuas. Estas invenções, por força das quais o homem primitivo se tornou tão predominante constituem um resultado direto do desenvolvimento de seus poderes de observação, memória, curiosidade e razão. (207)

Deste ponto de vista pode-se considerar que a técnica

(206) Cf. Pedro NOGARE, *op. cit.*, p. 216.

(207) Cf. *Ibid.*, p. 216.

está intimamente ligada ao homem, tanto assim que um dos critérios dos antropólogos para discernir se determinadas fósseis animais pertencem ou não ao Homo Sapiens é o fato de haver encontrado entre estes restos instrumentos que mostrem que o homem primitivo, o homem concreto, se realizou comunitariamente através do trabalho técnico. Empregada neste sentido, a técnica em si, está muito longe de ser anti-humana, confundindo-se com a própria natureza, constituindo-se no principal recurso de sobrevivência e desenvolvimento do homem: a técnica não seria nem boa nem má, sua qualificação ética dependeria do uso que o homem faz dela.

Quando Erich Fromm trata do Homo Sapiens, faz uma distinção entre o raciocínio que o homem emprega como intuição para encontrar melhores meios de sobrevivência e assim obter o que deseja (neste caso como os animais que também possuem esta capacidade) e o conhecimento no sentido de raciocínio que tenta compreender a essência dos fenômenos, isto é, de pensamento que penetra desde a superfície enganadora até o que é realmente real. Esta capacidade é própria do homem cujo propósito não é simplesmente manipular as coisas mas compreendê-las e transformá-las. (208)

O homem também é definido como HOMO LUDENS, aquele que se dedica às atividades não produtivas, no sentido material. Esta definição pode ser constatada através das iconografias primitivas encontradas nas grutas e cavernas, até a atualidade onde expressa sua inquietação recreativa.

(208) Cf. Erich FROMM. A revolução da esperança, p. 72.

Em outra interpretação do homem, Saviani assinala que, por o homem se apresentar como um corpo, e por isto existindo em um meio que se define pelas coordenadas de espaço e tempo, está condicionado e determinado ao meio em todas as suas manifestações. Seu caráter de dependência se verifica primeiro em relação à natureza, isto é, a tudo aquilo que existe independentemente de sua ação, pois todos os homens, pelo fato de possuir uma corporeidade, dependem do espaço físico, do clima, vegetação, fauna, solo, subsolo, e também do meio cultural que se lhe impõe inevitavelmente. (209)

Já para E. Mounier, o fato de o homem encontrar-se em uma confluência de inumeráveis correntes de influências materiais, significa para ele ser um ente encarnado e situado na natureza, porque assim "como não pode existir e viver independentemente dos outros homens, a pessoa, mais primitivamente ainda, não existe e nem vive independentemente da natureza... A condição humana pode ser apreendida senão como a de um ser encarnado e enxertado num vasto meio de interferências inumeráveis". (210)

Esta comunhão profunda com a natureza fica expressada no pensamento de Teilhard de Chardin. Para o autor o homem profundamente radicado no universo está preso por todas as fibras da matéria, ela

"...é o gozo, o contato exaltante, o esforço virilizante, a alegria de crescer. É o que

(209) Cf. Dermeval SAVIANI, *op. cit.*, p.39.

(210) Antonio Joaquim SEVERINO, *Pessoa e Existência*, p. 53.

atrai, o que renova, o que une, o que floresce. Pela matéria somos alimentados, suscitados, religados a tudo o mais, invadidos pela vida. Sermos dela despojados é nos intolerável". (211)

Penso que é oportuno completar esta atitude de contemplação da natureza com a tese fundamental de Marx, isto é, com a relação dialética entre o homem e a natureza. Nesta relação, o homem aparece como um ser de necessidade, necessidade orientada para a satisfação, e a natureza como possibilidade de satisfação dessas necessidades. Nesta relação entre o homem e a natureza média o trabalho, já que por este o homem estabelece a relação certa: o homem trabalha a natureza e a natureza o serve, tornando-se mais humana e aperfeiçoando-se, seja porque se torna apta para satisfazer as necessidades humanas, seja pelo fato de amoldar-se segundo a idéia do Homo Faber, que a trabalha.

Definir então o homem como um ser situado significa que desde que nascemos nos encontramos, além de uma localização geográfica mais ou menos favorável, também numa época de contornos históricos precisos marcada pelo peso de uma tradição mais ou menos longa, com uma língua já estruturada, com costumes e crenças definidas e com uma sociedade com instituições próprias, uma vida econômica peculiar e uma forma de governo própria. Tudo isso é o que nos conforma, o que faz com tal caráter e não com outro, com tal temperamento, sem mencionar

(211) Teilhard CHARDIN, O meio divino, p. 80.

outros fatores de importância.

Uma das tarefas educativas mais importantes, por certo, é mostrar aos alunos o valor dos elementos do ambiente: água, terra, fauna etc, para que tenham uma atitude axiológica frente a tudo o que os rodeia, porque é daí que tirarão os meios que ajudarão sua existência. Na realidade ensinar os alunos a valorizar o ambiente é, em outras palavras, ensiná-los a não serem indiferentes.

No entanto, o homem por ter consciência, não é totalmente determinado. Contrariamente aos animais, o homem carece de um determinismo instintivo, poi à medida que se sobe na evolução animal, tal determinismo alcança seu ponto mais baixo no homem. Pelo fato de ser biologicamente mais débil que os animais e mais indefeso frente à natureza, encontra precisamente nesta debilidade biológica sua força, já que esta é a causa primordial do desenvolvimento de suas qualidades humanas. (212)

Assim, quanto menos complexo e rígido for o instinto dos animais, tanto mais desenvolvido será o cérebro e, por conseguinte, sua capacidade de aprendizagem. O neocórtice ampliado é a base da consciência, da imaginação e de todas as facilidades tais como a fala e a criação de símbolos, os quais caracterizam a existência humana, rompendo com a harmonia que caracteriza a existência animal.

Erich Fromm em sua obra *Análise do Homem* expressa a idéia de que:

(212) Cf. Erich FROMM, *op. cit.*, p. 75.

"O aparecimento do homem pode ser definido como tendo ocorrido no ponto do processo da evolução em que a adaptação instintiva atingiu seu mínimo. Ele aparece, porém com novas qualidades que o diferenciam do animal: sua consciência de si mesmo como entidade independente, sua capacidade de lembrar o passado, de visualizar o futuro e de indicar objetos e atos por meio de símbolos; sua razão para conhecer e compreender o mundo; e sua imaginação, graças à qual ele alcança bem além do limite de seus sentidos". (213)

Parece-me oportuno apresentar o estudo de Henri Laborit (214) sobre a estrutura do cérebro humano. Partindo deste, analisa o comportamento social do homem e chega à conclusão que o cérebro humano está constituído por três cérebros superpostos.

O primeiro cérebro é o reptiliano, chamado pelos médicos de hipotálamo. A função do hipotálamo está destinada a trabalhar com todas as necessidades primárias, que correspondem ao instinto: sexo, fome, sede, à delimitação de território, aos aspectos dos rituais; enfim, basicamente corresponde à necessidade de sobrevivência. Em cima deste cérebro encontra-se uma calosidade que corresponde ao segundo cérebro: o mamíferiano, que para os biólogos é onde se encontra o sistema límbico. Este

(213) Erich FROMM, *Análise do homem*, p.43.

(214) Tomado de notas de aula da disciplina: Filosofia da Cultura, ministrada pelo Prof. João Francisco Régis de Moraes.

cérebro cuida da aprendizagem estereotipada. é o local das emoções, no sentido mais puro da palavra. As emoções são transformadas em emoções ritualistas, desde os hábitos e costumes pessoais até os costumes sociais, incluindo os ritualismos religiosos, como a liturgia, por exemplo.

O terceiro cérebro é o imaginante ou criativo, portanto o único animal em que se formou uma superfície órbita frontal foi o homem. é o neocórtex humano. Significa que este cérebro imaginante e criativo tem a capacidade de combinar infinitas formas novas. Este cérebro imaginante por ser mais novo e mais acabado tem estado de certa maneira escravizado pelo cérebro reptiliano, ficando impedido de participar da criação de seu mundo com a dança, a arte e a cultura, por exemplo.

Contrariamente aos animais, o homem condicionado pelos instintos, mas não determinado, toma decisões. Ele mesmo toma a atitude de enfrentar-se com diversas alternativas mesmo correndo o risco de fracassar em cada decisão que tome. Podemos também dizer que o homem é o ser que arrisca, que tenta e que busca continuamente através da esperança. Sem embargo, a possibilidade de fracasso em cada um de seus riscos não constitui obstáculo para novas buscas. Este é o preço que o homem paga por ter consciência: o da insegurança e o da incerteza; não obstante a esperança será a única que lhe dará o êxito em seus fracassos, porque sempre esperará.

Este fato também nos mostra que o homem não é um ser passivo. Sua autonomia e liberdade o levam a reagir frente a qualquer situação, intervindo pessoalmente para aceitar,

desaprovar ou para transformar. Neste sentido, a cultura não é outra coisa senão a transformação que o homem opera sobre o meio. Desta maneira o homem transforma o mundo, mas o que é mais especificamente humano é que ele mesmo sabe que o transforma e pode multiplicar, adaptar, aprimorar os meios dessa transformação.

Outra das manifestações do homem pelo fato de ter consciência é a capacidade que tem de dizer "não", e por isso é definido como **HOMO NEGANS**, apesar de a maioria dos homens dizerem "sim", segundo a conveniência que sua sobrevivência exige. Fromm assinala que do ponto de vista estatístico sobre o comportamento humano, o homem deveria ser chamado de "servil", já que muitas vezes concorda com tudo, mas do ponto de vista do potencial humano, o homem difere muito dos animais por sua capacidade de dizer "não", por sua afirmação e assentimento à verdade, ao amor, à integridade, ainda que sua vida esteja em jogo. (215)

Por sua consciência racional, reflexiva e apreciativa, o homem transcende a natureza. Numa perspectiva personalista, a grandeza humana reside em que o homem imerso na natureza, a transcende. Assim Severino afirma:

"Apesar de ser plenamente radicada nesta sua condição original, revela contudo a superação da mesma condição: pois esta não se bastaria para operar esta atitude maravilhosa: só a pessoa humana pode conhecer a natureza,

(215) Erich FROMM, *A Revolução da Esperança*, p. 73.

inclusive enquanto consciência, ela é algo de misterioso e de superior, e sobretudo de livre criatividade, que só do homem é característica". (216)

O homem não pode voltar ao estado pré-humano de harmonia com a natureza, ele tem que prosseguir para desenvolver sua razão até que se torne senhor de si mesmo e da natureza. Em outras palavras, enquanto a consciência mítica assegura um contrato de adesão de cada qual com o conjunto do real, a consciência intelectual, reflexiva, rompe com esta aliança, com o rígido repetir dos acontecimentos e, tomando distância no espaço, vai aperfeiçoando conhecimentos e técnicas para melhor possuir a natureza. Nesta transformação do mundo vai-se dando simultaneamente a transformação do homem.

Trata-se de uma transcendência da pessoa que não é um "mais além" metafísico porém um movimento de superação do individualismo e do egoísmo, e uma tentativa de dar origem a uma nova humanidade libertada das misérias individuais e das desigualdades sociais, em condições de conseguir a perfeita felicidade humana. Geralmente, a transcendência é usada em um contexto religioso com o fim de expressar que o fim último do homem se encontra no divino, em Deus.

Apesar de os marxistas tradicionais repudiarem energicamente qualquer noção de transcendência, hoje em dia tornam-se cada vez mais frequentes os discípulos de Marx que vêem

(216) Antonio Joaquim SEVERINO, op. cit., p. 63.

neste conceito um instrumento fundamental para a compreensão do homem. Mondin, citando Garaudy, expressa que a transcendência designa: "a consciência da não realização do homem, a dimensão do infinito... horizonte infinito que o define enquanto homem" (217), pois o homem não é senão tudo o que não é, tudo o que lhe falta ser, nas palavras do próprio Sartre . (218) Esta transcendência, para seguidores de Marx, como Marcuse, Bloch, Garaudy apresenta uma dimensão social, que exige novas reflexões.

Para os existencialistas o homem é por natureza um existente: "ex-sistere", algo que se põe para fora de si mesmo - partir daquilo que se é (ex) para estabelecer-se (sistere) no nível do que antes era apenas possível. (219)

Um dos sinais da transcendência é a liberdade. Esta é outra das características do ser humano: o ser livre. Ser livre significa, no meu modo de ver, ter que optar entre isto ou aquilo e assumir as consequências da livre opção.

Severino assinala, na obra já citada várias vezes neste trabalho, que de um modo ou de outro, o homem sempre teve, de alguma maneira, consciência de sua profunda dependência da natureza, ainda que não expressasse de maneira clara esta submissão. O fato de o homem primitivo projetar nos deuses sobrenaturais a origem dos acontecimentos deste determinismo mostrava um certo pressentimento de sua liberdade. Assim, por exemplo, "o fato de projetar para forças divinas suas servidões já seria um sinal de inconformismo diante de um puro determinismo

(217) Battista Mondin, *O Homem, quem é ele?* p. 252.

(218) Jean Paul SARTRE, *El Existencialismo es un Humanismo*, p. 19.

(219) Paul FOULQUIE, *O existencialismo*, p. 42.

impessoalizado". (220) Foi então, continua Severino, que com a maturação paulatina de sua própria consciência, o homem foi explicitando cada vez mais claramente em que consistia esta propriedade que lhe confere uma situação privilegiada no conjunto do cosmos. (221)

A liberdade é uma experiência fundamental da nossa existência humana, pois ela é a afirmação da pessoa, porque a liberdade se vive, não se vê, não é objeto. Ninguém no mundo poderá dizer-me o que é ser livre se eu mesma não entrar audazmente na experiência da liberdade. Vista desta maneira, a liberdade é um atuar pessoal que conhece deveres e direitos e que participa ao mesmo tempo da solidariedade humana, de maneira que minha liberdade deve ter em conta a liberdade do "outro". Penso que por isto o exercício da liberdade não é um exercício de domínio, mas de serviço e de entrega.

Sendo a liberdade pessoal e intrasferível, impõe-se o respeito à pessoa humana, porque como eu sou um sujeito capaz de tomar posições, de avaliar, de fazer opções e de comprometer-me por elas, da mesma maneira aquele que vive a meu lado, perto ou longe de mim, é igualmente um sujeito e não um objeto.

Mounier afirma ser possível uma liberdade interior total, e isto porque "la libertad es fuente viva de ser", (222) e como tal, alcança todo e qualquer ato humano, transfigurando-o. Nesta perspectiva personalista, o homem é sempre e inteiramente livre, porque é a liberdade que não depende das liberdades

(220) Antonio Joaquim SEVERINO. op.cit., p. 66.

(221) Cf. Ibid., p. 66

(222) Emmanuel MOUNIER. El personalismo, p. 37.

concretas. No entanto, nossa liberdade está condicionada ao biológico, ao psíquico, ao político, ao social, etc. Por isto, um primeiro passo do homem para ser livre é tomar consciência destes condicionamentos comuns de sua situação como homem e aceitá-los, porque se não os aceita se tornará escravo deles.

Outro aspecto que devemos considerar é que não se é livre unicamente pelo fato de exercer a espontaneidade; o homem torna-se livre na medida em que emprega esta espontaneidade para libertar-se. Portanto, a liberdade da pessoa humana se caracteriza por duas grandes dimensões intimamente unidas e mutuamente constituídas: "liberdade é autonomia na medida em que é libertação dos dados opressivos de sua situação", assinala Severino. (223)

Também podemos acrescentar que o homem, atuando como ser livre, é fonte contínua de criatividade, por isso a pessoa jamais poderá ser substituída pela técnica.

Apelando à concepção marxista podemos considerar que o homem não é livre até que não se liberte da alienação, porque a sociedade capitalista o aliena e o escraviza às relações sociais, a um Deus transcendente, a uma natureza imutável. A alienação consiste em tornar-se alheio às suas próprias forças produtivas considerando-as estranhas e superiores a si. Assim, a alienação para Marx consiste em tornar-se alheio, separando-se de seus produtos e identificando-se ao mesmo tempo com eles, produtos que se lhe opõe e o escravizam. A alienação econômica é a base determinante de todas as alienações, tanto ideológicas como

(223) Antonio Joaquim SEVERINO. *op. cit.*, p. 18.

religiosas e políticas, fundando-se na propriedade privada dos meios de produção; assim, abolir a propriedade privada é abolir a alienação econômica e, conseqüentemente, toda forma de alienação. Livrar-se da alienação constitui a total realização do homem e de sua liberdade, no pensamento de Marx, o que constitui o objetivo do humanismo marxista.

2. Pessoa e Sociedade

Assim como o homem não pode viver independentemente da natureza, por sua condição humana tampouco pode viver independente de outros homens. Por sua própria natureza humana a pessoa tende para a vida social e para a comunhão com os demais, como afirma Maritain, (224) em outras palavras, o homem é um ser de relação, porque o Homo Sapiens não difere dos animais tanto por sua habilidade para aprender diferentes tipos de coisas mas e particularmente pela acumulação de suas experiências sociais no transcurso dos empreendimentos coletivos ao longo de milhares de gerações, isto é, a espécie humana se caracteriza por sua história social. (225)

A palavra pessoa trata de designar uma característica muito peculiar do indivíduo da espécie humana. Segundo Boécio, assinala Maritain, a palavra "pessoa" procede de "personna", no

(224) Jacques MARITAIN. A pessoa e o bem comum, p. 18.

(225) Cf. René DUBOS. Um animal tão humano, p. 39.

sentido de máscara, a máscara de que se serviam os atores nas comédias e tragédias antigas; e assim como estas máscaras representavam os heróis cujos papéis os atores desempenhavam, chegou-se também a chamar "pessoa" aos demais homens que se distinguem por uma marca, por um aspecto particular, atuando como personagens no cenário do mundo. (226)

A palavra pessoa trata pois de designar uma característica muito peculiar do indivíduo da espécie humana. O homem como indivíduo é uma das tantas realizações da espécie humana e, portanto, limitado, contingente, efêmero. Não obstante e apesar desse condicionamento, o homem nunca pode ser tomado como um número, como uma peça da totalidade. O que faz com que um indivíduo seja pessoa é que ele é sempre um fim em si, que vive para si e possui um destino próprio e incomunicável. Por isso se diz que a pessoa é irrepetível, diferente e incapaz de ser substituída por outro, pois tem uma vocação e uma tarefa própria na história. (227)

Tristão de Athayde dizia em suas conferências que o indivíduo é um débito do homem à comunidade; enquanto que a pessoa é um débito da comunidade para com o homem. O indivíduo é sempre devedor. A pessoa é credora de direitos específicos.

O caráter pessoal e intransferível de sua liberdade não significa não ser possível uma relação horizontal de homem a homem, pelo contrário, o fato de não ser indiferente à pessoa dos outros, o fato de reconhecer o valor do outro, sua liberdade é

(226) Cf. Jacques MARITAIN. *La defensa de la persona humana*, p. 47.

(227) Cf. Jorge R. CAPELLA. *Educación. Planteamientos para la formulación de una teoría*, p. 280.

indício de que o homem é capaz de transcender, "mas também por causa da generosidade radical inscrita no próprio ser da pessoa, e por ser espírito aberto às comunicações da inteligência e do amor, o que exige a relação com outras pessoas". (228)

Transcender sua situação e opções pessoais, quer dizer, colocar-se no ponto de vista do "outro", para atuar em comum, para comunicar-se, para ver as coisas objetivamente. E ver as coisas objetivamente significa aceitar o valor da verdade. E esta transcende as pessoas como tais tornando-se fonte de comunicação e entendimento entre os homens. Nesta relação de colaboração dos homens atuando sobre a situação e comunicando-se entre si, descobre-se que o domínio do prático, do utilitário, do "ter" não satisfaz.

Segundo entendo, esta relação homem-sociedade é uma relação dialética entre o mundo da pessoa e o mundo exterior, porque quanto mais o homem sai de si para dar-se aos demais, mais profundamente consegue penetrar em si mesmo. Eu não poderia conhecer os demais sem antes ter penetrado em mim mesma para conhecer-me como pessoa, isto é, se não tenho experiência de mim mesma dificilmente poderei compreender os demais.

Ludwig Feuerbach já insistia na necessidade de uma experiência do "tu" para ter consciência de nós mesmos enquanto "eu", manifestando que:

"O indivíduo em si, não possui o ser do homem
em si, nem enquanto ser moral, nem enquanto

ser pensante. O ser do homem encontra-se só em comunidade, na unidade do homem com o homem, unidade que se fundamenta só na realidade da diferença entre o Eu e o Tu". (229)

É de Feuerbach que Buber recebe impulso decisivo para a construção de sua filosofia do diálogo, admitindo que "a pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas".

(230) Também recebe influência de Kant do seguinte princípio no campo moral: não devemos tratar nossos semelhantes simplesmente como meios porém como fins. Nos diversos tipos de relação Eu-Tu, o homem é considerado como um fim e não como um meio, embora existam várias maneiras através das quais posso tratar o "tu" como um meio e por sua vez o "eu" ser tratado do mesmo modo.

(231)

É importante fazer notar que para Emílio Durkheim o homem constrói seu mundo interior a partir das referências das condições sociais, e assim, o comportamento humano está condicionado à sociedade, isto é, "na medida em que o indivíduo participa da sociedade supera-se naturalmente a si mesmo, tanto quando pensa como quando atua". (232)

Se recordarmos a frase orteguiana eu sou eu e minha circunstância, podemos admitir que sem mundo exterior não há mundo interior, já que tudo o que sentimos e sabemos nos vem da

(229) Martin BUBER. *Eu e tu*, p. XXV.

(230) *Ibid.*, p. 73.

(231) Cf. *Ibid.*, p. XXVI.

(232) Emile DURKHEIM. *Las formas elementales de la vida religiosa*, p. 23.

convivência com o mundo e do meio humano. Circunstância é tudo o que nos rodeia, o mundo físico, social, meu corpo, minha psiquê, ainda que estes últimos sejam também parte do "eu". Esta idéia fica muito bem expressada em Régis de Moraes quando escreve que:

"Meu corpo, por exemplo, é um aspecto de minha circunstância que, ao mesmo tempo, eu sou e está fora de mim, dentro do domínio circunstancial; por outro lado, meus aparelhos psíquicos uma vez trabalhados e modificados pelo que está a meu redor, são nucleares ao eu e também da circunstância". (233)

O "eu" em si não é coisa alguma senão simplesmente o que se encontra nessa circunstância e tem que fazer com ela sua vida.

Penso que a vida de todo homem compreende tanto o objetivo quanto o subjetivo, pois nosso eu e as coisas não são a soma de ambas as realidades mas estes são momentos abstratos de uma mesma realidade concreta que é a vida de cada um de nós.

Já Maritain escreve que a pessoa é um todo, mas não um todo fechado, é um todo aberto. A pessoa, por ser um ser inacabado, busca incessantemente ser mais, transcender; busca na sociedade sua complementação e compreende que nesta busca não está só, que há outras pessoas iguais a ela que buscam também ser mais, e é assim que, em comunicação com outras consciências,

(233) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. *Cultura brasileira e educação*, p. 141.

"afirma-se - diz Blondel - desenvolve-se, adquire seu valor, em oposição, colaboração e dedicação, quer dizer, com relação com outras existências". (234) É aí que encontramos o efeito construtivo da circunstância sobre o "eu", razão pela qual um homem só pode ser compreendido à luz de seu contexto sócio cultural e histórico. (235)

Marx defendeu que o homem livre e independente só poderia existir em um sistema social e econômico que, por sua racionalidade e abundância, pusesse fim à época da "pré-história" e abrisse a época da "história humana", onde o desenvolvimento pleno do indivíduo fosse a condição necessária para o pleno desenvolvimento da sociedade e vice-versa. (236)

Por isso Marx passou a maior parte de sua vida estudando a economia capitalista e a organização da classe trabalhadora, com a esperança de instituir uma sociedade mais humana. Na realidade seu ideal era o homem, produtivamente relacionado com outros homens e com a natureza que responderia ao mundo de maneira viva e que seria rico não por ter muito mais por ser muito. (237)

Os autores citados, Maritain e Marx, aparentemente muito distantes nas suas concepções, se alinham, no entanto, no modo de pensar a respeito da pessoa e da sociedade.

Assumindo esta responsabilidade perante o "outro", e assim aos "outros" que conformam a sociedade, penso que o homem

(234) Auguste ETCHEVERRY. *O conflito atual dos humanismos*, p. 281.

(235) João Francisco RÉGIS DE MORAIS, *op. cit.*, p. 142.

(236) Cf. Erich FROMM. "Introdução in Kocik, K. et alii, *Humanismo Socialista*, p. 9.

(237) Cf. *Ibid.*, p. 10.

afirma-se e ao invés de cair na massa ou no anonimato converte-se em agente de seu próprio destino, graças a sua capacidade transformadora.

É importante também assinalar que mediante o fenômeno da sociabilidade, o homem vivendo junto aos "outros", os faz participantes de suas próprias experiências e de seus próprios desejos, porque convivendo com eles das mesmas emoções se faz e forma parte de certas associações estáveis tornando-se um ser político, e portanto assumindo deveres e direitos. Desta maneira sociabilidade e política são duas dimensões fundamentais da vida do homem. Aristóteles em sua Política observou que o homem é verdadeiramente por sua natureza um animal social e por conseguinte um ser político.

Se a sociedade deve ser a união de homens para ajudar-se mutuamente na consecução do bem comum, a essência social do homem deriva de sua própria limitação enquanto indivíduo, já que um homem isolado é incapaz de transmitir vida e satisfazer seus anseios de amor íntimo e procriação. Primeiro surge a família como uma complementação do indivíduo, que satisfaz essas necessidade inatas, depois na escola surge a relação e a experiência amistosa, no conhecimento e no descobrimento de outros iguais a ele. O mesmo sucede no campo do trabalho, onde através da cooperação de muitos, pode-se conseguir realizações amplas que satisfaçam as necessidades comuns. Do mesmo modo, a organização política vem ajudar as pessoas na administração dos

bens comuns e na proteção frente ao roubo ou frente à agressão.
(238)

Em todos os casos, a cooperação consegue algo novo em todos os membros, algo que nunca conseguiriam por si mesmos. A sociedade surge então como proporcionando à pessoa "as condições de existência e de desenvolvimento de que tem precisamente necessidade. Não é inteiramente só que pode chegar à sua plenitude; é como recebendo da sociedade bens essenciais". (239)

Quando Maritain assinala bens essenciais, não se refere apenas aos bens materiais, já que nem só de pão vive o homem, mas antes de tudo à ajuda que ele necessita para fazer "obra de razão e de virtude" (240), que corresponde ao caráter específico do ser humano e para chegar a um certo grau de elevação no conhecimento, como de perfeição na vida moral, o homem tem necessidade de uma educação. Desta maneira o ser humano se realiza sem perder sua autonomia e sem deixar de ser fim em si mesmo.

Vista desta maneira, a sociedade não é uma inevitável limitação dos indivíduos, mas uma autêntica contemplação, no entanto, é preciso defender que não há liberdade a não ser na comunidade de homens. E por isso não se há de conceber como prioritária a relação dos indivíduos com o Estado, mas sua relação com as sociedades mais naturais e imediatas em que o homem se integra e onde desenvolve suas forças criadoras e sociais como a família, a escola, a comunidade de vizinhos, a universidade etc.

(238) Cf. Jorge R. CAPELLA. Educação. Planteamientos para la formulación de una teoria. p. 281.

(239) Jacques MARITAIN. A pessoa e o bem comum, p. 52.

(240) Ibid., p. 52.

Considero que é aqui nestas instituições o lugar de começar a estabelecer este encontro iluminado entre duas existências, mediante a estima, a cordialidade, a confiança, a sinceridade, o respeito, onde há de surgir a própria consciência e valorização pessoal. Porque se ser pessoa é abrir-se para os demais, então ser pessoa é viver em diálogo com as demais pessoas em uma abertura nova e acolhedora do outro.

Ninguém melhor que Martin Buber para expressar esta relação dialogal, de um Eu com um Tu, que parte de uma exigência de disponibilidade mútua, exigência que se realiza entre os homens "no contexto de uma confrontação existencial, conversa e confrontação, que implicam na possibilidade de um verdadeiro relacionamento entre homem e homem, entre o homem e o mundo, entre o Eu e o Tu, entre o homem e as coisas". (241)

O pensamento de Buber representa uma contribuição distinta para a compreensão fundamental do que é o homem, efetuado através do descobrimento do Tu e mediante a responsabilidade frente ao outro.

Não podemos deixar de mencionar Marcel, que acentua que o cultivo desta relação que o Tu e o Eu cria, implica disponibilidade, isto é, por-me a disposição do "outro" significa "oferecer-me", "gastar-me" e escreve assim:

"Cuando estoy con alguien que está indisponible tengo la consciencia de estar con alguien para quien no existo; entonces soy

(241) Thomas Ranson GILES. História do existencialismo e da fenomenologia, V. 2, p. 86.

rechazado hacia mí mismo". (242)

Mas não pensemos que este relacionamento de um Eu frente a um Tu está isento de todo sofrimento, nem tampouco que viver em comunidade seja fácil. Quando Mounier afirmava que o mundo dos "outros" não é um jardim de delícias, estava indicando uma constante provocação à luta, à adaptação e ao sofrimento. E o autor está certo pois nosso egoísmo, tão próprio de nossa condição humana, nossos instintos de autodefesa estarão sempre presentes no movimento e ser pessoa e não podemos ser cegos a eles.

Em *El Personalismo*, Mounier manifesta a necessidade de uma purificação incessante do indivíduo para poder desenvolver a pessoa, já que ela não é conseguida à força de voltar a atenção sobre si, mas pelo contrário, tornando-se disponível, fazendo-se assim mais transparente para si mesma e para os demais. (243) Porque, em última instância, ser é amar.

3. O Homem, Ser Utópico

Pelo fato de ter consciência e conceber-se como um ser inacabado, necessitado e imperfeito, consciente de que ainda não é o que poderia ser, o homem vive inquieto e em contínua busca:

(242) H. BLACKHAM. *Seis pensadores existencialistas*, p. 85.

(243) Cf. Emmanuel MOUNIER. *op. cit.*, p. 20.

de ser mais, de felicidade, de bem estar. Nesta busca, longe de mostrar-se como ser passivo, é crítico porque recusa o mundo em que vive por um mundo melhor, instalando-se nele uma atitude esperançosa cheia de fé. Versiani afirma que "ser homem quer dizer em realidade ter utopia". (244)

A palavra UTOPIA foi cunhada por Thomas Morus (1516), sendo formada pela partícula negativa "U" (ou) e por "topos" (lugar, região, país). Assim, significa "não região", "não lugar". No entanto, também pode significar um lugar imaginável, um estado de ser, um modelo a conquistar.

Esta atitude sempre presente no homem, significa "repensar o horizonte de vida em que se viveu até então, recusar a 'topia', isto é, o quadro de referências recebido culturalmente, ou mesmo adotado livremente em um determinado momento da existência". (245)

As utopias surgem então em momentos de transição e de crise, os quais são momentos áureos delas, pois têm como principal característica ser um ideal dinâmico capaz de mobilizar as potencialidades mais ricas da existência humana. E se a utopia não é o não-lugar nem o não-tempo das concepções caseiras, é a maior possibilidade da existência, é tensão constante, é a ânsia de outras dimensões, é negação ao conformismo. Sem este elemento utópico o mundo do homem não teria emergido da barbárie e do instinto. A utopia é um fim, uma meta, que pode ser o Reino de

(244) Marçal VERSIANI. "Atualidade do pensamento utópico", em Revista de Cultura Vozes, ano 67, v. LXVII jan. fev. 1973, ng 1.

(245) Ibid., p.6.

Deus, a sociedade sem classes, o mundo justo... (246), aspiração própria da condição de ser homem.

Esta atitude existencial fica adormecida em algumas consciências pelo condicionamento que exerce uma determinada época histórica ou um racionalismo esmagador. Há períodos históricos, diz-nos Versiani, em que as utopias ficam subjacentes como no estado de hibernação, "os gérmenes estão aí, mas não há uma necessidade premente de atualizá-los". (247) A humanidade está satisfeita com seu universo sócio-cultural e quanto mais satisfeita se encontra não necessita nem de reflexão nem de busca pessoal. Geralmente isto ocorre em períodos essencialmente econômicos, onde os valores estão estabelecidos e aceitos por todos e não há porque gastar energia em procurar novos. (248) é o período em que o homem se instala e vive no melhor dos conformismos porque nada lhe falta, nada o preocupa e tudo é aceito. Tal conformismo é, na maioria dos casos, um grande equívoco.

Para Mannheim, citado por Versiani, esta mentalidade é conservadora, incapaz de qualquer utopia, Isto provém do fato de que os homens, inconscientes de sua indigência, são incapazes de refletir sobre as situações em que vivem, sentindo-se perfeitamente inseridos nela. (249)

Ernest Bloch explora este elemento utópico, característica do ser humano mostrando a presença desse elemento

(246) Jorge R. CAPELLA . "Responsabilidade de la educacion en la construción de una cultura de paz", in Felipe Mac GREGOR et alii, *Educação, futuro, cultura de paz*, p. 40.

(247) Marçal VERSIANI, *op. cit.*, p. 7.

(248) Cf. *Ibid.*, p.7.

(249) Cf. *Ibid.*, p. 8.

nas várias atividades do homem tais como: utopias medicinais, utopias sociais, utopias técnicas, utopias arquitetônicas, utopias geográficas (250), e em particular, utopias artísticas. Considera que a raiz de toda utopia é o ainda não, isto é, o espaço de possibilidades em que se encontra constantemente situado o ser do homem e do mundo.

Bloch, para explicar a utopia, parte da análise do ser humano, vendo no fato comum da necessidade de ter fome as características próprias do fenômeno utópico. Demonstra que este fato de ter fome não significa apenas um fato sócio-econômico universal, mas que tem uma significação muito mais profunda da condição humana. Quando o ser humano, explica Bloch, toma consciência de que tem fome, não fica tranquilo, lança-se à busca do alimento, pois o fato de ter fome desperta a consciência e esta é o primeiro sinal que nos faz ver que somos seres necessitados, precisando sair em busca dos meios possíveis que possam satisfazer essa necessidade.

Desta maneira, tomar consciência da carência ou necessidade e da possibilidade de um possível configura os três passos do princípio da esperança. Assim, "o homem se estrutura como um ser carente, imperfeito e insatisfeito". (251)

A consciência de ter fome nos leva também à constatação de que não se trata apenas de uma sensação individual e interna mas nos conduz a um projeto em que o "outro" aparece como uma ameaça pelo mesmo fato de também ter fome e poder consumir

(250) João Francisco RÉGIS DE MORAIS, *Filosofia de la Ciencia y de la tecnología*, p. 124.

(251) Pierre FURTER, *Dialética da esperança*, p. 80.

comida. Mas é justamente pela solidariedade que o "outro", longe de ser uma ameaça, surge como companheiro para partir junto conosco em busca do possível. Assim Bloch nos faz ver através desta necessidade básica, que atingimos os primeiros esboços de uma humanidade que se comunica em uma mesma ansiedade e em uma procura comum pelo essencial.

E mais, a consciência de ter fome não nos encerra dentro de nossa condição de famintos, ao contrário, nos desperta e nos leva a buscar uma solução. Este despertar nos transforma e faz com que nos interroguemos sobre o que fazer, como fazer e a construir imagens de situações em que estas necessidades deixem de existir ou ao menos sejam reduzidas.

Assim, mediante esta consciência de fome, descobrimos uma fonte de atividade, um potencial energético, uma provocação que nos desafia para que possamos plena e totalmente viver como homens no mundo.

Penso neste momento em meu país, o Perú, e me pergunto: Poderá o homem peruano responder a estas provocações, a estes desafios, a esta situação de carência e de miséria em que vive hoje? Bloch considera que podem surgir ou criar-se situações tais em que o homem não possa mais responder a estas provocações. A experiência negativa que o homem peruano tem neste momento do sistema sócio-econômico e político, fará com que se abandone à própria sorte, resignar-se-à, deixando-se aniquilar? Ou será mais forte o espírito de recriação e será precisamente esta situação crítica que o fará amadurecer e dar o salto entre esta ordem que se desintegra para procurar com todas as suas forças outra que

ainda não surgiu? Já disse Heidegger que o conflito é a morada da vida e é na crise que o pensamento se agiganta.

Versiani assinala, no artigo que mencionamos, que a utopia seria

"uma atitude ética em conveniência com o vir-a-ser do homem, com sua característica essencial de *homo viator*. Não se deve avaliá-la pelo êxito, ou pela eficácia; mas como sintoma da "crise de uma dada organização e, por outro, como sinal de que no seu interior existem forças capazes de saltar além dela, embora ainda não estejam conscientes do como fazê-lo". (252)

Porque não existe apenas uma fome fisiológica, isto é, a necessidade que o corpo tem de obter um certo número de calorias para seu metabolismo. Existem outras espécies de "fomes" tão fundamentais na existência de todo homem: fomes afetivas, sentimentais, eróticas, intelectuais, desejos que fazem o homem ir mais além, para fazê-lo crescer, desenvolver-se e aumentar suas dimensões existenciais. Surgem também na existência humana outros fatos elementares onde se enraiza a esperança. Trata-se dos sonhos acordados, de que nos fala Bloch.

O autor citado distingue os sonhos acordados dos sonhos comuns, isto é, os noturnos. Para Bloch, sonhar acordado é uma

(252) Marçal VERSIANI. *op. cit.*, p. 11.

primeira forma, vaga e talvez ilusória da utopia, que será mais elaborada. Por outro lado, o sonho noturno é uma forma infeliz de consumir um passado superado, uma forma de retroceder a uma inocência original perdida. (253)

O sonhar acordado é uma fome psíquica pela qual o homem imagina planos futuros e outras situações em que supere os problemas, as dificuldades e as obrigações da vida cotidiana. Esta é uma maneira de transcender o presente, de melhorar nossa vida cotidiana e de nos projetar para o futuro.

Segundo entendo, trata-se pois de uma relação dialética entre o desejo ressentido por uma necessidade urgente e o sonhar acordado, como uma primeira imagem de um futuro em que o desejo poderia satisfazer-se e a reflexão que analisa os meios e as condições necessárias à criação desta nova situação. Este intercâmbio, além de realizar-se só no psiquismo humano, abarca toda nossa existência, inclusive a dimensão social.

Tudo o que assinalamos até aqui sobre a utopia pode ser resumido no que Furter chama de funções do pensamento utópico.

3.1 Funções do Pensamento Utópico

A primeira função: O real não se esgota no imediato, significa que o real é muito mais do que está totalmente presente, apontando para outros objetivos, para outros lugares,

(253) Pierre FURTER, *op. cit.*, p. 83.

daí a palavra utopia, por isso todo pensamento utópico testemunha a potencialidade do presente através dos possíveis que poderão ter efeitos multiplicadores. O pensamento utópico através dos possíveis impede com que nos contetemos com a simples constatação analítica dos fatos, isto é, apenas com que está presente, obrigando-nos a explorar os possíveis concretos dos quais o real está impregnado. (254)

Esta primeira função de inconformidade, nos conduz a uma atitude crítica da realidade, não no sentido de um pensamento dirigido à análise do social, mas para um pensamento crítico que projeta, no sentido com que Paulo Freire o utiliza quando diz:

"Utopia é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico". (255)

Ao mesmo tempo, esta primeira função do pensamento utópico cumpre outra função que é a de ser um instrumento de trabalho que permite à inteligência visualizar o real de maneira a descobrir as perspectivas de sua transformação: permite a exploração de todo o sistema em suas múltiplas possibilidades concretas. Nesta atitude de crítica do atual, o pensamento utópico não cai no irreal, mas apóia-se nas tendências

(254) Cf. Pierre FURTER. *op. cit.*, p. 146.

(255) Paulo FREIRE. *Conscientização*, p. 27.

fundamentais do presente que tem suas raízes no passado para irromper no futuro e assim reconstruir o real. (256)

Esta mudança do passado pela reconstrução do real para um futuro melhor está marcada pelo surgimento e pela consolidação de um modelo que, por ser um plano humano, é suscetível de revisão. Esta reconstrução vem a ser ao mesmo tempo uma organização ou planejamento, porque a teoria não pode prescindir da prática e se faz em função de um mundo que ainda não existe, mas que está previsto e desejado. (257) Neste sentido, diz-se que o pensamento utópico propõe um instrumento prospectivo, isto é, que nos permite ver diante, não ficando no científico apenas. Assim, a utopia é uma forma de atuar e não uma mera interpretação da realidade.

A terceira função aponta e chama a atenção para uma realidade transformável que é consequência de haver tomado consciência de nossa imperfeição e da imperfeição do mundo, que nos induz a uma exigência de radicalidade de transformação em nossa ação. "É como uma idéia-força que provoca o nosso entusiasmo; excita as nossas aspirações e nos faz voltar para uma ação eficaz, comprometida, audaciosa". (258)

Esta idéia-força nos leva a buscar, por diversos caminhos do que-fazer humano, projetos que nos liberem, projetos para ser mais humanos, em uma palavra, para que nos convertamos em pessoas.

(256) Cf. Pierre FURTER. *op. cit.*, p. 146.

(257) Cf. Pierre FURTER. *op. cit.*, p. 147.

(258) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. *Filosofia da ciência e da tecnologia*, p. 125.

3.2 Educação, Administração e Utopia

Até aqui apresentei o homem como um ser orientado utopicamente, antecipador de um futuro, com uma esperança inextinguível, que crê em um mundo perfeito como meta da história e além de imaginar mundos diferentes e melhores, atua mediante fatos concretos, fazendo uso de seu pensamento como instrumento fundamental para conhecer a realidade e enfrentar-se diante dela. (259) Entendida assim, a utopia apresenta uma força de primeira ordem no contexto de uma educação mais humana; o que significa que a educação há de estar adaptada ao fim que se persegue, permitindo ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecendo com os homens relações de reciprocidade, fazendo cultura e história.

Isto não significa que a educação por si só tenha a possibilidade absoluta de mudar a sociedade, pois esta afirmação não deixaria de ser ingênua. Cremos que a educação é um fator que deve favorecer a mudança, porque é certo, e nisto concordo com o pensamento de Jorge Capella quando afirma que:

“... existe una relación dialéctica específica entre educación y realidad socio-cultural. No se puede separar nuestra vocación histórica de un esquema educativo. Dicho en otros términos, no podemos concebir un proyecto pedagógico al

(259) Jorge CAPELLA. *op. cit.*, p. 37.

margen de un proyecto histórico global, y tampoco favorecer la conquista y consolidación de un proyecto histórico sin el apoyo de un proyecto educativo que actúe como aliento y orientación". (260)

Para isto penso ser importante que a educação saiba o que quer, porque quer e para que quer determinada concepção de educação. Pensar em educação - assinala Lopes Escalona - supõe professar uma concepção de homem, propor fins, estudar os meios; supõe também planificá-la, administrá-la e organizá-la para determinados fins. (261)

Em uma palavra, como assinalávamos no começo deste capítulo, a educação requer uma filosofia subjacente para as diversas decisões relativas à política educacional, à programação curricular, à seleção de professores, à elaboração do orçamento, ao estabelecimento de um organograma, à distribuição das funções, à concepção do poder, à avaliação do desempenho etc. Porque toda administração e organização educacional há de supor valores e uma hierarquia de valores subjacente às decisões administrativas, assim como uma determinada posição a respeito do relacionamento entre as pessoas e grupos e também das interrelações entre a instituição e a sociedade. (262)

Também neste sentido Lopes Escalona assinala a

(260) Jorge CAPELLA. *op. cit.*, p. 41.

(261) Cf. S. López ESCALONA, *Antropología e educación*, p. 130.

(262) Antonio Muniz de REZENDE. "Administrar é educar ou... Deseducar" em *Revista Educação & Sociedade* nº 2, janeiro-1979.

necessidade de pensadores da educação e administradores analisarem reflexivamente a condição humana e em função dela apresentarem uma visão de mundo, recuperando para a educação a função de uma mudança que se oriente para o bem estar e progresso do homem integral e não a coloquem a serviço partidário de determinada sociedade. (263)

Penso que desta maneira a educação para a mudança social requer, como condição prévia, a consideração de uma concepção antropológica humanista e que a partir dela se dará a modificação do homem em função do especificamente humano e não em função de interesses sociais que desconheçam ou esqueçam as dimensões essenciais do ser humano, aquelas que apontamos na primeira parte do presente capítulo.

Considero que atualmente as soluções ao problema educacional levadas a cabo são através de uma administração cujo modelo tem sido meramente técnico ou burocrático, como se o sistema educacional pudesse ser reduzido ao modelo de outros sistemas em uma evidente preferência por uma filosofia pragmatista influenciada pela tecnocracia, em uma transposição pura e simples de programação informática para a programação e o planejamento educacional.

Por outro lado, numa perspectiva antropológica humanista, a educação significa promover o homem, não para estar a serviço do desenvolvimento econômico-social, como já assinalávamos, mas para promovê-lo no sentido de fazê-lo mais humano, trabalhando e acionando todos os meios possíveis para

(263) Sara López ESCALONA *op. cit.*, p. 130.

ajudá-lo a alcançar seu desenvolvimento humano. Em outras palavras, significa tornar o homem consciente e capaz de conhecer os elementos de sua situação humana, de sua cultura, para intervir nela transformando-a, no sentido de uma ampliação da liberdade, de comunicação e colaboração entre os homens.

Neste sentido, podemos conceber a educação como um processo e como projeto porque a educação se move com a história e move a história e neste aspecto é projeto histórico, que "é como se fosse oxigênio para o projeto pedagógico. Prescindir do projeto histórico ou subestimar seu significado provocaria uma asfixia dos propósitos educativos". (264) Desta maneira, a educação é também projeto, pelo qual os membros de um determinado grupo cultural assimilam e vivem a imagem de homem vinculada por sua respectiva cultura. (265)

Tanto Régis de Moraes quanto Rezende consideram que é na Antropologia Cultural que vamos buscar o fundamento para semelhante concepção da educação. A assimilação e vivência da imagem do homem, vinculada pela cultura, poderia ser feita de maneira confusa, difusa, ingênua, acrítica. Desse ponto de vista, o processo educacional seria ambíguo, pois tanto pode ser fator de alienação quanto fator liberador. E assim percebemos como a administração educacional pode favorecer a uma ou outra coisa.

Se consideramos a situação de colonialismo de nossos países da América Latina, atrevo-me a afirmar que o processo educacional foi alienante já que "sempre invadidos econômica e

(264) Jorge CAPELLA. *op. cit.*, p. 41.

(265) Antonio Muniz de REZENDE. *op. cit.*, p. 28.

culturalmente, sempre submetidos de uma e outra maneira, hoje corremos o risco da desculturação, em termos de uma desintegração transformadora de um núcleo cultural já existente pelas imposições de outro núcleo cultural mais poderoso e dominador”.

(266) Referindo-se assim ao Brasil o mesmo autor continua:

“..pois não vemos no Brasil uma educação que tenha feito autêntica escolha de si mesma, assumindo-se enquanto projeto específico cuja finalidade seja ocupar-se inteiramente das necessidades peculiares a nosso povo. Por isso, também, não vemos uma educação que historicamente tenha sido “prática da liberdade”, como o quer Paulo Freire; ao contrário, defrontamo-nos com o fato que nos mostra o campo educacional como uma arena na qual se têm dado os entrechoques entre teorias e modelos pedagógicos não emergidos de nossas raízes culturais, submersos como temos vivido ...em montessorismos, freinetismo, piagetismo, behaviorismos, etc”. (267)

Cabe por isso dizer que o processo educacional é alienante na medida em que contribui para que a assimilação e a vivência se façam simplesmente reprodutoras, pois reproduzindo

(266) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. Cultura brasileira e educação, p. 139.

(267) Ibid., p. 139.

modelos estrangeiros, copiando modelos técnicos ou burocráticos, conformamos uma administração. Esta é uma das principais críticas feitas tanto à escola quanto à universidade no momento atual, pois é exatamente esta concepção que tem contribuído para a alienação das pessoas, através do processo educativo acrítico. E a administração é um dos principais fatores dessa alienação, pelos motivos já abordados.

Também é importante para a administração do ensino superior, levantar-se o problema dos meios e o dos fins. Um meio só será um meio na medida em que se oriente para um determinado fim, de tal forma que possa conduzir ao fim que se persegue e não a outro. Desta maneira, o meio participa da natureza do fim, sem constituir-se como fim, pois nesse momento deixaria de ser meio. Em educação, ou melhor, na administração do ensino superior, os meios deverão ser determinados a partir dos fins. Assim, por exemplo, em uma filosofia pragmática os fins se originam através dos meios. Isto significa ter uma concepção educativa simplesmente como processo e não como projeto, já que a educação como processo está relacionada com os meios, no entanto, como projeto ela se relaciona evidentemente com os fins da própria educação.

A participação dos meios na natureza do fim, significa para Rezende, que entre eles existe um maior ou menor grau nessa participação. Por isso, uma das funções administrativas consiste precisamente em discernir os diversos meios a partir da consideração dos fins traçados. (268)

(268) Cf. Antonio Muniz de REZENDE. *op. cit.*, p. 29.

No entanto, se a educação se define como processo-projeto de assimilação e vivência de uma cultura, resta ainda recordar que a própria cultura se concebe como a fisionomia própria que um grupo humano adquire através de sua história. Isto é, a maneira de ser própria daquele grupo ou a imagem de homem vinculada pela cultura.

Como minha intenção não é dar soluções ao problema, mas simplesmente refletir sobre a administração educacional através de uma perspectiva humana cabe ainda dizer que, neste contexto de idéias, a educação constitui um movimento de construção de uma cultura alternativa que expressa a projeção de um homem novo e de uma sociedade distinta, esta responsabilidade ultrapassa os limites da tradicional conservação, transmissão e difusão do saber, reivindicando o sentido da criticidade já que coloca uma concepção educativa centrada na interrogação, na deliberação e na valorização da realidade histórica. Nas palavras de Paulo Freire, a educação crítica é o futuro revolucionário. Ela é profética - e, como tal, portadora de esperança - e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para diante e olham o futuro. (269)

Através da interrogação, a educação não só expõe critérios mas põe à prova a validade de seus conteúdos, e graças à valorização, a educação não só contempla mas atua, julgando a realidade histórica. Esta particularidade da criticidade permite poder potenciar o caráter criador da educação. Porque não pode haver educação favorável à mudança independentemente do

(269) Cf. Paulo FREIRE. *Conscientização*, p. 82.

desenvolvimento de seu significado criador. Ela deve, em consequência, orientar-se para o desenvolvimento, para o descobrimento e para a invenção. Isso porque toda dimensão crítica e criadora da educação configura o sistema de apoio para sua vinculação com o projeto histórico que se pretende. (270)

O caráter utópico, liberador, crítico, criador e construtor da educação nos coloca e nos exige sondar a dimensão do futuro para orientar-nos, na medida do possível, dentro de seu domínio incerto e enigmático, sem cair em nenhuma das atitudes ingênuas a que nos referimos anteriormente.

Considerando a administração como um ato pedagógico, temos de supor uma aprendizagem, isto é, um adestramento e um treinamento, um modo de ser característico por parte dos administradores e administrados.

O que atualmente constatamos em nossos países do Terceiro Mundo é uma tendência apenas para o tecnológico cuja meta é o desenvolvimento econômico e tecnológico do país. Assim, os administradores e administrados devem se adaptar a um modelo mecânico, que significa que deveríamos funcionar como se fôssemos verdadeiras máquinas, sem nenhum risco de erro e com o máximo de economia e produtividade, característica esta de um racionalismo dos processos administrativos empresariais, a tal ponto que já se tornou corrente a expressão "aparato" ou "máquina" administrativa.

Neste aspecto Rezende mostra a importância de esclarecer as idéias e os conceitos para que entre a teoria e a

(270) Cf. Jorge CAPELLA. *op. cit.*, p. 42.

prática possamos ter uma administração mais humana, contribuindo para a promoção das pessoas e da sociedade em termos propriamente educacionais. (271)

Não obstante, o que observamos com relativa frequência, inclusive por motivos políticos, é que administradores universitários, concretamente administradores do ensino superior, ocupam postos ou cargos de administradores sem uma preparação prévia e sem nenhuma oportunidade de preparar-se para seu desempenho em termos propriamente educacionais, isto é, em função das atividades-fins da universidade. Profissionais de muita categoria e competência em sua especialidade, no entanto são incompetentes no que se refere ao fato pedagógico. Nas palavras de Rezende, que fez uma declaração pessoal a respeito no I Congresso Interamericano de Administração da Educação:

"A este propósito posso acrescentar um depoimento pessoal: estou trabalhando na administração universitária como diretor da Faculdade de Educação da UNICAMP. No entanto, não fui diretamente preparado para isto. Acredito que esse mesmo depoimento poderia ser dado por outras pessoas aqui presentes". (272)

E continua o mesmo autor:

(271) Antonio Muniz de REZENDE. *op. cit.*, p. 27.

(272) Antonio Muniz de REZENDE. *O saber e o poder na universidade: Dominação ou serviço*, p. 21.

"Por vezes, ficou patente que, na administração, estas mesmas pessoas não demonstravam competência igual à que manifestavam em suas áreas de origem. Temos médicos, engenheiros, físicos... como reitores de universidades; temos odontológicos... em postos de direção. Há muitas ambiguidades nestas situações. Unicamente a título anedótico, gostaria de lembrar os equívocos em que se viu metido Pelé quando pretendeu transformar-se em cantor. O "rei do futebol brasileiro" não tem necessariamente igual competência em música". (273)

O fato de apontar que a administração do ensino superior há de contar com educadores competentes se deve a que lhe compete a ela a função de formar os futuros educadores-administradores, que por sua vez traçarão objetivos que indicarão o que não foi ainda alcançado mas que deve ser, isto é, assinalar os pontos-chaves da ação, sintetizando o esforço do homem em transformar o que deve ser naquilo que é.

Quando penso em administradores competentes para o ensino superior, refiro-me a **homens de elite** no sentido ético, segundo a análise que Régis de Moraes faz do termo "elite". (274) Na análise que o mencionado autor faz, o termo "elite" tem raízes

(273) Ibid., pp. 21 e 22.

(274) João Francisco RÉGIS DE MORAIS. "Esboço de uma teoria da educação superior" in *Educação e filosofia*, Uberlândia, 3 (5 e 6): 51-58, julho 88 / junho 89.

muito antigas "quando lhe procuramos a pureza inicial. Raízes que mergulham em terreno muito diverso do das análises políticas e disputas de classes". (275)

Este conceito grego traça o perfil do verdadeiro cidadão, assim o homem de elite, em sentido ético, é "aquele que não é egoísta ao ponto de não se preocupar com os problemas de todos, ao ponto de se distanciar, de modo esnobe, das vicissitudes e alegrias da polis". (276)

O homem de elite, seguindo o mesmo autor, é aquele homem distinto dos demais, e isto por haver conquistado a disposição real de autoconstruir-se, procurando e esforçando-se em edificar solidamente sua personalidade num processo de constante abertura para seu tempo e para com seu mundo, num processo de relação tranqüila e serena para com todos. Não só para com seus iguais mas também com os desiguais em termos de posição social. (277)

Trasferindo este termo para nosso campo educacional os homens de elite são professores que se distinguem "por não cometer erros deploráveis no dimensionamento humano" (278), são aqueles educadores "cujo amor próprio os levou a conhecer muito bem a sua ciência e cuja percepção do outro como pessoa levou-os a jamais se fechar em narcisismos". (279) E nisto radica o fato de estudar para ser mais e crescer como pessoa ainda que na contracorrente de um modo cuja preocupação é ter mais técnicos.

(275) Ibid., p. 51.

(276) Ibid., p. 51.

(277) Cf. Ibid., p. 52.

(278) Ibid., p. 52.

(279) Ibid., p. 52.

Sendo este o princípio da educação superior, o professor como homem de elite, há de ser um "revoltado" (280), o que não significa ser um "ressentido". Homem de elite é o que se revolta em nome dos valores e contra tudo aquilo que diminui o ser humano de alguma forma. (281)

"A consciência nasce com a revolta", dirá Camus e Régis de Moraes completa a frase assinalando que "é com a consciência desmistificada [que] nasce um homem de elite". (282) E não seria este tipo humano que o quefazer educativo poderia considerar desejável para ajudar a formar o futuro educador-administrador?

Penso como o autor mencionado já que, deste ponto de vista, toda ação educativa é elitizante e a educação superior o é mais que nenhuma outra.

Temos pois que concluir o presente capítulo manifestando que não foi nossa intenção estabelecer receitas ou itens que dessem solução a um problema tão grande. Longe de mim tal pretensão! Desejo apenas sugerir algumas pistas concretas para a humanização da administração do ensino superior.

A experiência nos tem demonstrado, através do processo educativo, que a administração universitária esteve mais preocupada em levar a cabo um modelo empresarial que se define em termos econômicos e tecnológicos para o desenvolvimento do país do que com fins educativos. Constatamos também que as reformas a que se fizeram em nossos países, e me refiro também ao Perú, não foram suficientes para cortar todos os modelos estrangeirizantes,

(280) Ibid., p. 53.

(281) cf. Ibid., p.54.

(282) Ibid., p. 54.

mas que cada reforma era para reformar a reforma. Por isso, hoje em dia já não se trata de modificar ou de melhorar as instituições já existentes, pois uma longa e frustrada tentativa de fazer isso nos levou à conclusão de ser necessário "romper" com a velha ordem de coisas em nome do propriamente novo. (283)

Vemo-nos desta maneira cada vez mais comprometidos com uma ruptura porque

"Já não basta reformar a reforma. vai-se sentindo a premência de uma ruptura que, provavelmente com dores de parto, possa dar origem a uma realidade universitária brasileira" (284),

e porque não dizer, até latinoamericana.

Mas se até aqui a experiência nos demonstrou que não tivemos uma administração de terceiro grau se orientasse para o humano como um de seus fins principais, cabe agora concretizar esta ruptura com o passado e com o presente. Ruptura é negação e como bem assinala o teólogo Jürgen Moltmann, muitas vezes nos é necessário na vida distinguir a experiência da esperança, porque o que se viveu não foi bom, e deve ser negado pelo que ainda não se pôde viver, pois a ruptura com um passado estéril não se realizou. (285)

Na esperança temos de encontrar os elementos

(283) Cf. João Francisco Régis de Moraes. Cultura Brasileira e educação, p. 176.

(284) Ibid., p. 176.

(285) Cf. Ibid., p. 183.

necessários que nos orientem para um projeto educacional menos difuso e retórico. Um projeto de vida universitária que partindo de nossas raízes históricas se encaminhe para a recuperação do sujeito, no cotidiano, porque a vida é realizada e confirmada somente na concretude de cada dia. Também na re-personalização das relações intra-escolares, já que o que assistimos em nossos dias é o colapso do sujeito como pessoa.

Para este projeto educacional sugerimos que a administração do ensino superior tenha em conta, em sua organização, os meios necessários para a convivência onde o respeito, o afeto, a compreensão entre professores, alunos e funcionários permitam viver a vida em comunidade, onde professores, alunos e funcionários possam manifestar-se plenamente como pessoas humanas. Em uma palavra: onde possamos viver uma relação dotada de qualidade humana.

Coincindo plenamente com Régis de Moraes quando coloca que esta relação entre docentes e discentes há de brotar de um profundo respeito, respeito que há de traduzir-se, por parte do professor, sendo pontual com o aluno, na preparação decente das aulas; é tão difícil ver hoje em dia um professor ir às aulas com o tema pronto para ser apresentado. No entanto, ainda encontramos estes professores elites, respeitadores de seus alunos, que não se contentam só com a preparação de aulas mas em dá-las com o maior interesse. O respeito há de ser recíproco, também por parte do aluno: às suas idéias e teorias, à assistência pontual às aulas, à sua participação séria e correta, evitando divagações e perda de tempo no cumprimento dos trabalhos; em resumo: tudo isso

contribuirá para uma relação de amizade, para uma relação dialogal de um Eu e um Tu.

Tudo isso também supõe um posicionamento convicto e sincero que estabeleça um modo sereno e constante de ser, até sem muita necessidade de exteriorização, ainda que esta também seja necessária para o relacionamento humano. "Uma coisa é certa: toda pessoa, com maior ou menor intensidade, se encontra em formação e, conseqüentemente, é suscetível às formas de convívio com outras. E esta é a razão pela qual o professor universitário necessita assumir o seu papel de educador, como algo que deriva de uma escolha sincera de vida". (286)

Basta ver no outro um fim e não um meio, como no modelo burocrático, que rompe com os laços de afetividade; vê-lo como alguém que tem direito intrínseco à sinceridade de seus semelhantes.

(286) Ibid., p. 56.

CONCLUSÃO

O refletir acerca da realidade administrativa do ensino superior levou-me à consideração de uma proposta humanista, já que uma concepção humanista coloca no centro de suas preocupações ao homem e ao seu pleno ser, concebidos como uma finalidade.

Situada no contexto do humanismo personalista, consideramos que, a educação é um processo libertador mediante o qual o homem deixa de ser só "paciente" para converter-se em "agente" de seu próprio destino, graças à sua capacidade transformadora. Desta maneira e considerando o ser humano inserido no mundo para com ele comungar e também transcendê-lo, a educação como verdadeira praxis exige reflexão do homem sobre o mundo, no sentido de torná-lo melhor.

Desta maneira o refletir acerca da presente situação em que se encontra a Administração do Ensino fez-me pensar num projeto utópico, para o qual considere o passado como o grande foco iluminador do presente.

Nesta tentativa de apresentar um projeto antropológico humanista, tive que analisar o fenômeno burocrático, como uma das características mais fortes da sociedade atual, fenômeno que é o grande responsável pelo empobrecimento humano, já que ele obedece ao princípio administrativo neutral. "Sine ira et studio", isto é, sem ódio, sem paixão, sem entusiasmo e sem amor, coisa que promove o desenvolvimento burocrático e simultaneamente o estrangulamento do propriamente humano. Basta deternos em cada

uma das suas características para compreender a que grau de despersonalização a burocracia leva.

Como poderíamos levar tal princípio administrativo a nossas escolas e universidades? É certo que se considerarmos o sistema burocrático em si mesmo, em seu caráter formal, vemos que este permite maior previsão e maior precisão, mas não deixa de ser um instrumento a serviço do homem e não um fim para sua promoção.

Só pode justificar-se esta forma de administração se temos em conta que ela serve a diversos tipos de interesses de mando, tanto de tipo puramente político como puramente econômico (ou até de outra índole), mas nunca a justificação faz-se possível se temos presente que a educação está dirigida ao homem.

Tenho consciência de que este é um estudo preambular que abre horizontes a investigações de ordem mais prática e empírica. Entretanto tenho também consciência de que as investigações propedêuticas tem relevante papel no levantamento de questões e na motivação dos referidos estudos de ordem prática.

Tome-se portanto, o presente ensaio em sua exata dimensão de retomada teórica mobilizadora de futuras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *A Gestação do futuro*. São Paulo, Campinas, Ed. Papyrus, 1986, trad.: J. F. Durte Junior, 199 pp.

BARBOSA, Eládio de Almeida. *Burocracia e processo decisório na administração das universidades federais brasileiras: um estudo de caso*. Tese de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1981.

BENDIX, Reinhar. *Max Weber*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1970, trad.: Maria Antonia Oyuela de Grant.

BLACKHAM, H. S. *Seis pensadores existencialistas*. Barcelona-Espanha, Ed. Oiko-tao, S.A., 1967, trad.: Ricardo Jordana, 193 pp.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo, Ed. Cortez e Moraes, 1977, trad.: Newton Aquiles Von Zuben. pp.

BURNS, Edward M. *História da Civilização Ocidental*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1966, Vol. II, 1052 pp.

CAMPOS, Edmundo (Org.). *Sociologia da burocracia*, Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1976, 152 pp.

CANEDO, Letícia Bicalho, *A Revolução Industrial*. São Paulo, Campinas, Ed. da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP, 1987, 79 pp.

CAPELLA, R. Jorge. *Educación. Planteamientos para la formulación de una teoria*. Lima Ed. Zapata Lantillara, 1983, Vol. I, 443 pp.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1988, 447 pp. Trad. A Cabral.

CHARDIN, Teilhard de. *O meio divino*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1986, trad.: José Luis Archanjo, 139 pp.

CHIAVENATO, Idalberto. *Teoria geral da administração*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979, Vol. I pp.

COVRE, Maria Lourdes. *A formação e a ideologia do administrador de empresa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1981, 191 pp.

CUNHA, Luiz Antonio. *A universidade reformada*. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1988, 332 pp.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Ideologia e educação brasileira*. São Paulo, Ed. Cortez e Morães, 1978, 201 pp.

DIAS, Sobrinho José. "Universidade e classe média: Aspectos do caso brasileiro" in Revista Educação & Sociedade, nº 4, set. 1979, 11-121 pp.

DUBOS, René. Um animal tão humano. Como somos moldados pelo ambiente e pelos acontecimentos. São Paulo, Ed. Melhoramentos, EDUSP, 1974.

DURKHEIM, Emile. Las formas elementales de la vida religiosa. Buenos Aires, Ed. Schapire S.R.L., 1968, trad.: Iris Josefina Ludmer.

ELLUL, Jacques. A técnica e o desafio do século. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968, trad. e prefácio de Roland Corbisier, série Rumos da Cultura Moderna, 445 pp.

ETCHEVERRY, Auguste. O conflito atual do humanismo. Porto, Ed. Livraria Tavares Martins, 1964, trad.: M. Pinto dos Santos, 420 pp.

FAURE, Edgar et alii. Aprender a ser. Santiago de Chile. Ed. Universitária, 1973, 380 pp.

FAYOL, Henry. Administração industrial e geral. São Paulo, Ed. Atlas, 1970, trad.: Irene de Bojano e Mario de Souza, 149 pp.

FÉLIX, Maria de Fátima Costa. **Administração Escolar: Um problema educativo ou empresarial.** São Paulo, Ed. Cortez: Autores associados, 1986, 199 pp.

FOULQUIÉ, Paul. **O existencialismo,** São Paulo, Ed. Difel, 1975, trad.: J. Guinsburg. Coleção "Saber atual", 125 pp.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo, Ed. Moraes Ltda., 1980, 102 pp.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e sociedade.** São Paulo, Ed. Cortez e Moraes, 1979, 134 pp.

FREUND, Julies. **Sociologia de Marx Weber.** Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1975, trad.: Luis Cláudio de Castro Costa, 210 pp.

FROMM, Erich. **A revolução da esperança.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1981, trad.: Edmord Jorge. 169 pp.

-----Ter ou ser. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, S.A., 1987, trad.: Nathanael C. Caixeiro, 202 pp.

FURTADO, Celso. **A Hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978 pp.

FURTER, Pierre. *Dialéctica da esperança*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1974, 268 pp.

GARCIA, Walter, (Org.). *Educação brasileira contemporânea*. São Paulo, McGraw-Hill, 1976

GILES, Thomas Ranson. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo, Ed. da universidade de São Paulo, (EDUSP), 1975, Vol. II, pp 368.

HEILBRONER, Robert L. *A formação da sociedade econômica*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1972, trad.: Ivo Barroso, 284 pp.

HELLER, Agnes. *O homem do renascimento*. Lisboa, Ed. Presença, Ltda. 1982, 366 pp.

KOSIK, Karué et alii. *Humanismo socialista*. Lisboa, Ed. 70, 1976.

LADRIERE, Jean. *Os desafios da racionalidade. O desafio da ciência e da tecnologia às culturas*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979, trad.: Hilton Jaspíassu, 219 pp.

LOPEZ, Escalona Sara. *Antropologia e Educação*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983, 181 pp.

MAC GREGOR, Felipe E. et alii. Educação, futuro e cultura de paz. Lima, Concytec, 1989.

MARCUSE, Herbert. Ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1967, trad.: G. Rebua pp.

MARITAIN, Jacques. A Passoa e o bem comum. Lisboa, Ed. Livraria Moraes, 1962, trad.: Vasco Miranda, 109 pp.

-----La defensa de la persona humana. Madrid, Ed. Studium de cultura, 1949, trad.: M. I. Sr. Dr. Antonio Sancho.

-----Os direitos do homem. Rio de Janeiro, Ed. Livraria José Olympio, 1967, trad.: Efranio Coutinho, 112 pp.

MARX, Karl. El capital livro primeiro. Buenos Aires, Ed. Cartogo SRL, 1973, trad.: Floreal Mazia, 793 pp.

MARX, Karl e ENGELS Friedrich. Manifesto do partido comunista. São Paulo, Escriba, S.d., 62 pp.

MONDIN, Battista. O homem, quem é ele? São Paulo, Ed. Paulinas, 1980, 319 pp.

MOTTA, Fernando C. Prestes. "As organizações burocráticas e a sociedade". Revista Educação & sociedade, São Paulo, Ed. Cortez-CEDES. (4): 63-78, set. 1979.

MOTTA, Fernando C. Prestes e PEREIRA Luiz Bresser . Introdução à organização burocrática. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

MOTTA, Fernando C. Prestes. O que é Burocracia. São Paulo, Ed. Brasiliense S.A., 1986, 112 pp.

MOUNIER, Emmanuel. Introducción a los existencialistas, Madrid, Ed. Guadarrama, SA., 1973, trad.: Daniel D. Montserrat, 215 pp.

-----El personalismo. Buenos Aires, Ed. Universitária de Buenos Aires (EUDEBA), 1980, trad.: Aida Aisenson y Beatriz Dorriots, 67 pp.

MOURA, Claudio et alii. Ensino Técnico. Rio de Janeiro, IPA/INPES, 1972 328 pp.

MOURA, Tarcísio. "O mercado das cordialidades", in Regis de Moraes (Org.), Construção Social da enfermidade. São Paulo, Ed. Cortez & Moraes Ltda., 1978

NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e anti humanismos. Petrópolis, Ed Vozes, 1977, 385 pp.

NOGUEIRA, João Carlos. "Pulsões de morte e civilização", in Régis de Moraes (Org.), *Construção social da enfermidade*. São Paulo, Ed. Cortez & Moraes Ltda., 1978.

PEREIRA, Luis. *Capitalismo*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1977, 141 pp.

RÉGIS DE MORAIS, João Francisco . *Filosofia da ciência e da tecnologia*, São Paulo, Campinas, Ed. Papyrus, 1988, 80 pp.

-----*Cultura brasileira e educação*, São Paulo, Campinas, 1989, 198 pp.

----- (Org.) *Construção social da enfermidade*, São Paulo, Ed. Cortez & Moraes Ltda., 1978, 197 pp.

-----"Esboço de uma teoria da educação superior", *Educação e filosofia* (Uberlândia), 3 (5 e 6): 51 - 58, julho 88/ jun. 89.

-----"Filosofia da cultura" (disciplina) II sem. 1989

REZENDE, Antonio Muniz de. "Administrar é educar ou... deseducar. *Revista Educação e sociedade*, São Paulo, Ed. Cortez CEDES. (2): 25-35, jan. 1979.

----- O saber e o poder na Universidade:
 Dominação ou Serviço? São Paulo, Ed. Cortez: Autores
 associados, 1984, 88 pp.

SARTRE, Jean-Paul. El existencialismo es un humanismo. Buenos
 Aires, Ed. Sur, 1977, trad.: Victoria Prati de Fernández, 93
 pp.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. São Paulo, Ed. Cortez,
 1985, 96 pp.

-----Ensino público e algumas falas sobre
 universidade. São Paulo, Ed. Cortez, 1984, 110 pp.

-----Educação: Do senso comum à consciência
 filosófica, São Paulo, Ed. Cortez e Autores associados,
 1983, 224 pp.

SAVIANI, Dermeval et alii. Filosofia da educação brasileira,
 Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983, 239 pp.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pessoa e existência. São Paulo, Ed.
 Cortez: Autores associados, 1983, 158 pp.

SCHWARTZ, Eugene S. A inflação da técnica. São Paulo, Ed.
 Melhoramentos, 1975 trad.: Pinheiros de Lemos, série hoje e
 amanhã, 312 pp.

TRAGTEMBERG, Mauricio. **Burocracia e ideologia**. São Paulo, Ed. Ática, 1985, 228 pp.

URBAN, G. R. e GLENNY, Michael (coord.). **O preço do futuro**. São Paulo, Ed Melhoramentos, 1974., trad.: Anna Maria Machado Russo, série hoje e amanhã, 255 pp.

VERSIANI, Marçal. "Atualidade do pensamento utópico", **Revista de cultura vozes**. Vol. LXVII (1): 5-12, jan./fev. 1973.

WEBER, Max. **Economía y sociedad**. México, DF., Fondo de cultura econômica, Vol. IV, 1966.

-----"Os fundamentos da organização burocrática",
in Edmundo Campos (Org.), **Sociologia da Burocracia**. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1976.